

**Geovânia Maria Costa Batista**



**As Relações interpessoais no ambiente educacional: um estudo de caso em uma Escola Municipal da Serra do Mel/RN**



**Periodicojs**  
EDITORA ACADÊMICA

**Geovânia Maria Costa Batista**

**As Relações interpessoais no ambiente educacional: um estudo de caso em uma Escola Municipal da Serra do Mel/RN**

Volume IX da Seção Tese e Dissertações na America Latina da Coleção de  
livros Humanas em Perspectiva



**Periodicojs**  
EDITORA ACADÊMICA

## **Equipe Editorial**

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

## **Projeto Gráfico, editoração e capa**

Editora Acadêmica Periodicojs

### **Idioma**

Português

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

R382 As Relações interpessoais no ambiente educacional: um estudo de caso em uma Escola Municipal da Serra do Mel/RN - Volume 9./ Geovânia Maria Costa Batista. – João Pessoa: Periodicojs editora, 2021

E-book: il. color.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-89967-12-5

1. Relações interpessoais. 2. Ambiente educacional. 3. Escola Municipal da Serra do Mel/ RN. I. Batista, Geovânia Maria Costa. II. Título.

CDD 378.1

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: ambiente educacional - 378.1

**Obra sem financiamento de órgão público ou privado**

**Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.**

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Teses e Dissertações na América Latina da Coleção de livros Humanas em Perspectiva**



**Filipe Lins dos Santos  
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil  
website: [www.periodicojs.com.br](http://www.periodicojs.com.br)  
instagram: @periodicojs

# Prefácio



A obra intitulada de “As Relações interpessoais no ambiente educacional: um estudo de caso em uma Escola Municipal da Serra do Mel/RN” é fruto da pesquisa de mestrado da pesquisadora Geovânia Maria Costa Batista para obtenção do título de mestre em Ciências da Educação.

A publicação da dissertação de mestrado na íntegra junto a Editora Acadêmica Periodicojs se encaixa no perfil de produção científica produzida pela editora que busca valorizar diversos pesquisadores por meio da publicação completa de seus pesquisas. A obra está sendo publicada na seção Tese e Dissertação da América Latina.

Essa seção se destina a dar visibilidade a pesquisadores na região da América Latina por meio da publicação de obras autorais e obras organizadas por professores e pesquisadores dessa região, a fim de abordar diversos temas correlatos e mostrar a grande variedade temática e cultural dos países que compõem a América Latina.

Essa obra escrita pela pesquisadora Geovânia Maria Costa Batista apresenta um enfoque sobre os conflitos interpessoais presentes no processo de ensino, permitindo nesse estudo analisar questões como obesidade, raça e demais elementos culturais que podem influenciar no crescimento e desenvolvimento do aluno. A pesquisa possui um conjunto de dados ricos que permitem um recorte social aprofundado sobre o dia a dia dos conflitos escolares. Dessa maneira, a nossa editora teve o enorme prazer de divulgar uma pesquisa tão rica e fortalecedora do processo educacional de base,

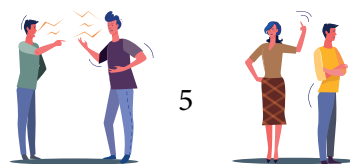


## *As relações interpessoais*

além de estimular o desenvolvimento e crescimento social.

**Filipe Lins dos Santos**

**Editor Sênior da Editora Acadêmica Periodicojs**



# *Sumário*



## *Capítulo 1*

REFERENCIAL TEÓRICO

*17*

## *Capítulo 2*

MARCO METODOLÓGICO

*88*

## *Capítulo 3*

RESULTADOS E DISCUSSÕES

*101*

## *Considerações Finais*

*142*

## *Referências Bibliográficas*

*146*



*Anexos*

173





# Introdução



A relação interpessoal é um processo pelo qual duas pessoas emitem significado, enviando e recebendo simultaneamente mensagens simbólicas. Os elementos da comunicação interpessoal são semelhantes aos outros tipos de comunicação: as pessoas trocam significação por meio de mensagens verbais e não verbais. Emitente e receptor não atuam livremente no procedimento de comunicação interpessoal, são influenciados, positivamente ou negativamente, pelas atitudes que ocupam no contexto sociocultural, além da influência das características pessoais. O processo de relacionamento interpessoal é complexo, contínuo e constante, e se desenvolve por meio de sentimentos, pensamentos, comportamentos, reações mentais e físicas, equivalente a maneira mais frequente de intercâmbio humano.

As relações interpessoais são expressivas na vida dos seres humanos e são por meio destas que se estabelecem o conjunto de sistemas que constituem a sociedade. O prejuízo nas relações interpessoais pode dar ascendência ao prejuízo nas relações sociais. Além disso, a configuração como acontecem essas relações definem o maneira de convivência entre os indivíduos e com o meio ambiente. Sendo assim, a qualidade dessas relações pode fazer diferença entre o bem-estar e o sofrimento, por isso é tão relevante. Sentir-se bem em um contexto pode interferir diretamente.

A qualidade do ensino diz a autora “todas as crianças e jovens precisam de um ambiente tanto seguro quanto estimulante”. Para que isso aconteça, um olhar sobre a constituição do ambiente escolar deverá ser mantido, ou seja, este é permeado por grupos que se organizam e interagem entre



## *As relações interpessoais*

si. As relações que se estabelecem neste contexto que envolve a organização, as estruturas pedagógicas e as relações humanas, compõem o clima escolar da instituição (VINHA, 2014)

A escola tem papel essencial na formação do sujeito, e o acordo de propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais. Neste contexto, a educação no global tem a função de permitir e de oferecer opções para que as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter ocasiões de se reintegrar através da conhecimento, bem como da luta pelos direitos sociais e da cidadania.

Ressalta que a psicologia no âmbito da educação foi construindo formas de compreensão do ser humano, cujas condutas no espaço escolar são compreendidas a partir das relações que se estabelecem entre si, e dando atenção às diferentes subjetividades construídas na relação com a cultura e a sociedade. Para o autor é da psicologia que o sujeito começa a relacionar-se com o mundo, tendo em vista que a escola é responsável pela construção, elaboração e difusão do conhecimento, formando cidadãos críticos capazes de lidar com os desafios da época bem como com as influências interpessoais deparadas em diferentes pessoas e situações.

Segundo Carvalho (2009), o relacionamento começa com a primeira comunicação, as prévias impressões expõem noções que contribuem ou que causam danos à relação, e nessa situação a abertura é definido pela comunicação; é pela linguagem que os emoções, críticas e amabilidades são manifestados, fomentando a intimidade entre ambos. O estudioso ressalta que um bom envolvimento se aperfeiçoa na empatia, no respeito e na confiança e que todos os indivíduos fazem parte de uma sociedade com grande expansão tecnológica, o que promove a proximidade, porém, desencadeia um frágil contato interpessoal. As pessoas são entusiasmadas pelo dever de se relacionar e é nesse contato que abrangem sua vocação e a exercitam (CARVALHO, 2009, p. 72), mas elas também, melhoram as qualidades e os defeitos das outras e nesse alicerce arquitetam seus relacionamentos (CARVALHO,

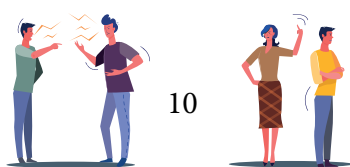


2009, p. 82).

As relações interpessoais e a aprendizagem têm característica em comum, para que surjam acontecer o necessário pelo menos duas pessoas, portanto em um ambiente escolar ela se faz fundamental necessitado dos grandes desafios da sucessão dos dias que a escola encara. Nesse mesmo sentido, Goergen (2005) defende que o sujeito não uma maneira da sua identidade a partir de um impulso subjetivo, mas a partir da relação intersubjetiva com o outro, no meio social no qual convive. Assim, para o autor, a constituição moral do sujeito depende essencialmente do contexto com o qual ele se relaciona interativamente. Para o autor, o problema ético não é individual, é a relação do indivíduo com a comunidade.

A convivência social traz normas de relacionamento impostas pela sociedade, numa conexão do conceito de “fato social” de Durkheim (2010), onde o espaço escolar causa suas regras e que na atuação escolar a “educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando, [...], na alma da criança as alianças fundamentais exigidas pela vida coletiva” (DURKHEIM, 2010, p.13). A vida coletiva na escola é algo normal, a troca de experiências, o respeito e a opinião do outro devem ser vistos como regras fundamentais para o ambiente escolar.

Em algum ambiente, as pessoas desejam localizar sujeitos com quem possam cultivar boas relações e ter deleite em trabalhar. Contemplando para a heterogeneidade contida nos grupos ou equipes que compõem as empresas ou organizações públicas, é possível perceber que ali se constituem ou não laços de afinidades que são chamados como relações interpessoais (PIZOLOTTO; DREWS, 2008). Em outras palavras, pode-se dizer que são processos que envolvem o convívio e trocas entre os indivíduos e que são profundamente mediadas pelos sentimentos, tanto de um, como de outro (DE PINHO; DOS SANTOS, 2007).



## *As relações interpessoais*

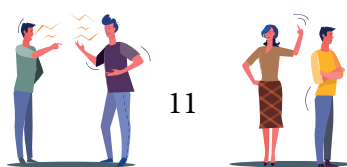
Convivemos num momento histórico de modificações radicais e surpreendente da realidade social, que desafiam nossas compreensões teóricas como educadores comprometidos com a formação absoluta dos alunos. Segundo Grillo (2004, p. 78):

A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer, e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação. Partindo da ideia do compromisso com o saber, o fazer e o ser, entendo que, para haver a aprendizagem profícua, um dos requisitos básicos é a busca da compreensão acerca das relações entre professores e alunos. Quando o que se propõe aprender relaciona o universo do conhecimento às vivências e experiências dos alunos e professores, é provável que eles se submerjam e estabeleçam conexões com o que vão aprendendo no dia-a-dia.

Boas relações fazem com que as pessoas encontrem sentido para suas vidas, gerando satisfação no trabalho, na escola ou em qualquer outro espaço de convivência (ROBBINS, 2009; MORIN, 2002 apud SCHRÖDER, 2012). Assim como o prazer, as constrangimentos são resultantes de fatores desenvolvidos por meio das relações interpessoais e das condições de trabalho (MEISTER, 2013).

Para o autor, a satisfação depende muito dos fatores externos ao indivíduo e do contexto em que se encontra. Atingir a satisfação, segundo Meister (2013), pode levar pouco ou muito tempo. Afinal, as pessoas são dinâmicas e estão em constante mudança; permanecem sempre em uma busca eterna por satisfação, e quando a atingem, redirecionam a busca e, assim, sucessivamente. Isso faz surgir uma infinidade de situações que são despertadas em cada momento, conforme as circunstâncias em que se vive.

Em situações de desempenho escolar, os alunos podem ter bom ou mau desempenho, revelados nas avaliações. Segundo a teoria das atribuições causais de Weiner (1985; 1986; 2010), qualquer

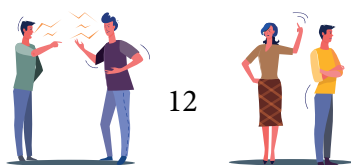


## *As relações interpessoais*

dos dois eventos terá consequências diferenciadas sobre a motivação, em razão das causas às quais eles forem atribuídos. As atribuições causais consistem em cognições, denominadas na literatura como julgamentos, percepções, inferências ou crenças, e podem ser feitas pelos próprios alunos acerca de si mesmos, como também por outras pessoas que apreciem seu desempenho. As atribuições feitas pelos próprios alunos foram consideradas na versão clássica da teoria, denominada Teoria das Atribuições Ocasionais, limitada aos fenômenos intrapessoais. As atribuições de outras pessoas, como pais ou docentes, pelos desempenhos dos educandos constituíram o foco de sua Teoria Interpessoal das Atribuições (WEINER, 2004; 2010).

As primeiras relações entre os sujeitos são estabelecidas em ambiente família, quando estes ainda são crianças pequenas. Em seguida vem o aprendizado da vida em coletividade, unido à sociedade na qual está inserido. Por fim, tem-se a escola, considerando-se também que outros componentes, como os costumes e a religiosidade, intervêm de diversas maneiras nesse aprendizado. Muitas vezes, nesse movimento, vem junto o preconceito, construído, num primeiro momento, em família, em grupos religiosos e reforçado pela sociedade.

As pessoas não se demonstram apenas pela competência técnica, destacam-se ao mesmo tempo pelas capacidades interpessoais de se relacionar e interagir com seus amigos, contribuindo com o trabalho coletivo, pois não basta apenas obter tarefas: é imprescindível saber lidar com as pressões e transformações constantes do mundo corporativo (MACARENCO, 2006; RIGGIO, 2013). Com efeito, a sociedade vive momentos de mudanças de paradigmas que demandam uma maior adaptação por parte daqueles que enfrentam a educação. Dessa forma, uma relação que tem como base o respeito e a empatia são essenciais para o processo de ensino e aprendizagem. Sabe-se que, se há apreço mútuo e respeito no contexto escolar, o docente não necessita utilizar de meios como o absolutismo



## *As relações interpessoais*

para penalizar ou fazer com que o aluno possua um bom progresso em sala de aula.

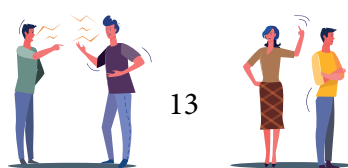
Vinha (2013) comprova que o aluno “por meio dessa socialização secundária, que consiste no ensino dos conhecimentos e na aprendizagem dos valores sociais, ela terá a oportunidade de aprender a viver em uma sociedade democrática que envolve o reconhecimento do outro e a busca por coordenar perspectivas distintas, administrar conflitos de uma maneira dialógica e justa, estabelecer relações e perceber a necessidade das regras para se viver bem.” (p. 4). O aluno será capaz de enfrentar situações no cotidiano, de forma consciente e saudável, independente do ambiente que esta, pois já está habituado a isso.

O envolvimento parental é tão preciso nas escolas de hoje em dia. É necessário um crescente acompanhamento desta realidade, tanto por parte da família como da própria escola, mantendo um diálogo cooperante e transparente, entre estes dois agentes, sobre o percurso individual de cada educando, tendo apenas um único e só objetivo, o sucesso acadêmico de todos os alunos.

Muitas vezes, deparamo-nos com barreiras que não nos permitem aproveitar os benefícios que este envolvimento engloba. Barreiras essas que têm a ver com a natureza da relação que se estabelece com a criança na escola e, desta com a família; com a desconfiança, especialmente quando há desigualdades na classe social ou de raça, e ainda com, as características das diferentes escolas e professores.

A parceria entre família e escola é um dos fundamentais meios para o êxito da educação. É natural confiar que cada um deve desempenhar seu papel separadamente. No entanto, os pais e a instituição de ensino devem estar em constante harmonia, tendo como objetivo final o global desenvolvimento.

Para Reis (2009, p. 252):



## *As relações interpessoais*

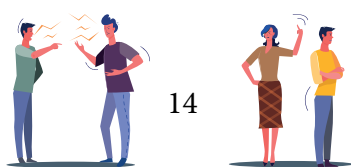
[...] as relações escola-família não podem ser vistas em termos de poder/competência, mas apenas numa perspectiva de colaboração mais profunda, a parceria. O envolvimento dos pais converte-se, assim, numa variável importante na melhoria da qualidade de ensino.

Deve existir continuidade entre o mundo da escola e o da família, sem existir desta forma, ruptura cultural e dos seus valores, e acima de tudo, onde todos os agentes e parceiros educativos envolva persistência e espírito de missão.

A escola deve estar pautada, portanto, na lógica de um ambiente exemplar para a criação de uma coletividade respeitosa, com instrução para direitos e deveres de cidadão. Deve ter como estandarte a luta e que seja capaz, conjuntamente, de trabalhar a correlação escola-aluno-família, estimulando que o corpo escolar participe de maneira constante, procurando as preferências que rodeiam o correto desenvolvimento do ensino-aprendizagem e do êxito escolar integral.

Com isso, dessa relação entre família e escola, Paro (2007, p.14) coloca que: O 'querer aprender' é também um valor cultivado historicamente pelo homem e, portanto, um conteúdo cultural que precisa ser apropriado pelas novas gerações, por meio do processo educativo. Por isso, não cabe à escola, na condição de agência encarregada da educação sistematizada, renunciar a essa tarefa. Por isso é que não tem sentido a alegação de que, se o aluno não quer aprender, não cabe à escola a responsabilidade por seu fracasso.

Dessa maneira, independentemente de qualquer coisa, a escola tem a desempenho de assumir a encargo sobre a educação da criança.



Segundo Jesus (2013, p. 20),

A escola deve propiciar melhores condições de aprendizagem, selecionando atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da autoestima do aluno. O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará e, na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo que, desenvolvem-se paralelamente.

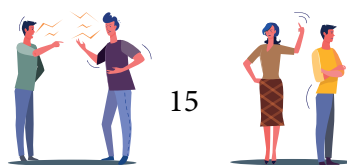
O sucesso no vínculo de convivência no âmbito escolar se os integrantes da comunidade intra e extra escolar não tentarem, de maneira determinada e constante, essa busca de excelência nas relações saudáveis no convívio escolar, bem como na vida coletiva em sentido amplo.

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre as relações interpessoais na escola e de contribuir efetivamente para o meio acadêmico, diretamente responsável pela formação de profissionais da educação, e para a sociedade em geral, que almeja uma educação de qualidade e a formação de cidadãos reflexivos e conscientes, elaborou-se este estudo com os objetivos descritos a seguir.

**Geral:** Analisar se as relações interpessoais que envolvem a comunidade escolar influenciam o processo de ensino-aprendizagem.

**Específicos:**

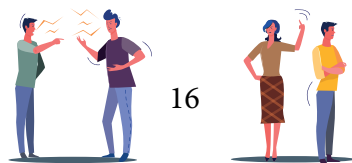
- Descrever as principais relações interpessoais que permeiam o ambiente escolar.
- Constatar a colaboração das comunidades intra e extraescolar no estabelecimento dessas relações.





## *As relações interpessoais*

- Identificar a contribuição das relações interpessoais no processo de ensino-aprendizagem.



Capítulo

1

REFERENCIAL TEÓRICO

---



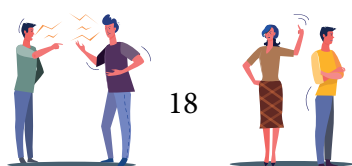
### **As Relações Interpessoais conectadas e influenciando no contexto global da escola**

Entre as tantas inteligências emocionais que uma pessoa tem, a relação interpessoal é uma de amplo destaque, pois é a configuração como o indivíduo lida com o seu meio social, consistir em na família, na escola ou no trabalho. Mas nem continuamente encontramos pelo caminho pessoas que somente nos aprazem, tendo aqueles que de um contorno ou outra causam percepções que não queríamos conviver, afastando-nos dos mesmos.

Como a escola é um ambiente social de grande número de pessoas, é normal que aconteçam os conflitos. O que não pode ser comum é o desprezo em relação aos incômodos, pois esses devem ser trabalhados a fim de tornar os sujeitos mais tolerantes com o seu próximo. Algumas atividades podem auxiliar os educandos (ou mesmo ao conjunto de profissionais) a perceberem as contestações entre as pessoas, além de mostrar que cada um deve ser respeitado e apreciado em suas qualidades próprias.

No espaço da sala de aula, temos nas relações interpessoais entre professores e alunos e a construção de vínculos com a aprendizagem, um dos aspectos fundamentais a serem considerados. Cada um de nós pode recorrer às experiências enquanto aluno, que passou a interessar-se ou a rejeitar determinadas “disciplinas” a partir de certos tipos de relações interpessoais. Ou seja, o professor passa a representar um vínculo favorável ou desfavorável com determinado tipo de conhecimento. As trocas interpessoais são frequentes e permeiam todo e qualquer procedimento de aprendizagem.

Contudo a legislação nacional, que embasa as relações de convivência, dispõe que em caso de infrações cometidas pelas crianças e adolescentes, esses possuem o direito de terem a dignidade preservada, e isso inclusive no ambiente escolar. Ou seja, sinalizando o oposto do desejo dos profissionais da educação de acordo com essas pesquisas. O Estatuto da criança e do Adolescente (ECA – Lei



8069/90), pautado na Constituição Federal de 1988, vai normatizar, em seu Art. 18-A:

Que toda [...] criança e adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los (BRASIL, 1990).

Assim, estão proibidos o:

I - castigo físico: ação de natureza disciplinar ou punitiva aplicada com o uso da força física sobre a criança ou o adolescente que resulte em: a) sofrimento físico; ou b) lesão; II - tratamento cruel ou degradante: conduta ou forma cruel de tratamento em relação à criança ou ao adolescente que: a) humilhe; ou b) ameace gravemente; ou c) ridicularize (BRASIL, 1990).

E pautado nessa perspectiva da proteção das crianças e adolescentes e garantindo os Direitos Humanos que surge a abordagem metodológica da inserção de mais um profissional no interior da escola a fim de utilizar medidas protetivas em casos de violência e micro violências escolares, o Professor Mediador. Tendo suas ações oriundas dos princípios da Justiça Restaurativa, esse profissional tem entre as suas funções mediar os conflitos existentes na escola.

Entretanto, Santos e Adam (2017) indagam que essa proposta apresenta ressalvas, uma vez que a escola passa a ceder espaço para a terceirização dos seus conflitos, e infere-se a partir dessa ótica que, ao serem protagonistas das micro violências dentro das salas de aulas ou das escolas, os estudantes são encaminhados para outro profissional mediar esses conflitos, retirando da autoridade



## *As relações interpessoais*

do professor essa responsabilidade.

No esforço de compreender as relações interpessoais, Antunes (2008 apud SANTANA, 2008) as definiu como conjuntos de procedimentos que facilitam a comunicação e a linguagem entre as pessoas e assim estabelecem laços sólidos nas relações humanas.

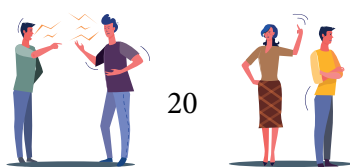
Ele representa para os indivíduos não somente uma forma de ganhar a vida, mas também um meio de interagir com os outros. Os autores entendem que o trabalho é utilizado pelo homem como forma de satisfazer sua necessidade social de fazer parte de um grupo e manter relações com os demais sujeitos deste grupo.

De fato, o trabalhador está constantemente interagindo com outras pessoas e com diversos grupos sociais e, assim, a comunicação, a interação e a convivência são condições necessárias para a sobrevivência e produtividade humana. Por consequência, o trabalhador precisa desenvolver a competência de saber interagir e relacionar-se com pessoas para manter-se no mercado de trabalho e melhorar seu desempenho produtivo na organização onde atua (KANAANE, 2006).

Em complemento, Apóstolo e Loureiro (2002) afirmam que o desenvolvimento de relações positivas nos grupos de trabalhos é uma importante peça para o desenvolvimento organizacional e que a avaliação das relações interpessoais pode servir para desenvolver propostas de intervenção nesse contexto.

Amplia essa discussão Kanaane (2006), ao explicar que para que ocorra a organização deve-se buscar o desenvolvimento das competências pessoais e interpessoais. O autor entende que com essa postura a organização visa melhorar as relações interpessoais com o objetivo de melhorar também a qualidade de vida no trabalho.

Segundo Del Prette & Del Prette (2005, p. 23):



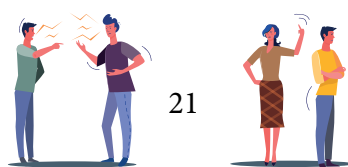
## *As relações interpessoais*

Comportamentos antissociais decorrem de uma multiplicidade de fatores que interagem e potencializam efeitos negativos, o curto, médio e longo prazo, caracterizando uma trajetória de risco. Em curto, prazo pode gerar rejeição dos colegas e dos adultos, baixo rendimento acadêmico ou indisciplina. A médio e longo prazo, tais comportamentos podem aumentar a probabilidade de fracasso escolar, evasão, delinquência, drogadição, alcoolismo, participação em gangues, criminalidade e finalmente, dependência das instituições sociais de assistência e maiores taxas de morte e doença.

Segundo Dias e Silveira (2013), ao longo dos tempos, o trabalho em equipe foi fundamental para a sobrevivência humana e as emoções presentes nas equipes foram responsáveis pela eficácia nas relações interpessoais. Desse modo, as pessoas precisam organizar-se em equipes para poder sobreviver em sociedade. No trabalho em equipe, nos tempos atuais, além de aptidões verbais, matemáticas e saber lidar com tecnologia, é preciso saber ouvir, ensinar os outros e saber facilitar as coisas. Logo, as habilidades pessoais e de relacionamento são tão extraordinárias quanto as habilidades técnicas (NARDI, 2006; SENNETT, 2003 apud WEBER; GRISCI, 2010).

Ao lado da família e ao mesmo tempo na escola, as crianças ampliam habilidades e edificam os valores que os seguirão por toda a vida. Durante essa fase, determinadas atividades que em tempo futuro farão parte do dia a dia dos educandos, como o trabalho em equipe, adquirem um papel extraordinário na formação integral do aluno. Quando a instituição de ensino promove trabalhos em equipe, ela permite que o estudante alargue e exercite habilidades como determinar, debater, respeitar e auto avaliar, e também desenvolve sobre determinada disciplina.

A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso



## *As relações interpessoais*

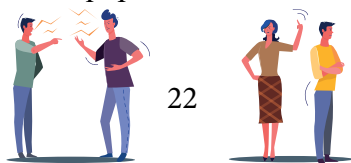
no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar. Afinal, por que até hoje em pleno século XXI a escola reclama da pouca ou insignificante participação da família na escola, na vida escolar de seus filhos? Seria uma confusão de papéis? Onde estaria escondido o ponto central desse dilema que se arrastam anos e anos? (GARCIA, 2006, p. 12).

De acordo com Reis (2009), a família é considerada a instituição social básica a partir da qual todas as outras se desenvolvem, a mais antiga e com um carácter universal, pois aparece em todas as sociedades, embora as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade. A Organização das Nações Unidas (ONU) em 1984, refere a Família como o elemento de base da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros (p. 43).

Formar cidadãos de bem, abranger escola, informação e família. Quem sabe fosse a palavra-chave de muitos dificuldades. Os professores não podem ter medo dos desafios, eles são intercessores de conhecimento, e sua prática é constante para se organizarem para os desafios. Escola e sociedade: Ligando pais e educadores, uma provável solução.

Precisa de haver está cooperação, a ideia de que um ou o outro é o responsável acaba empurrando a situação e adiando a tentativa de encontrar uma saída. Designar uma relação entre escola e família permitiria que existisse acompanhamento e envolvimento dos pais no aprendizado e eles com confiança teriam a satisfação de poder contribuir a construir o atitude de seus filhos, pois querendo ou não grande parte dos anos de nossas existências passa-se na escola, ou seja, é um lugar de aprendizado que projeta sementes que perduram pra sempre. Ter uma união entre pais e docentes é essencialmente produtivo e eficaz. A seguir mostraremos as relações interpessoais e seus conflitos no ambiente educacional.

Durante as atividades em equipe, os alunos são expostos a construção coletiva do conheci-



## *As relações interpessoais*

mento, que possibilita a troca de experiências entre os colegas e o contato com percepções distintas. Além disso, as crianças desenvolvem a capacidade de ouvir e respeitar opiniões diferentes, permitindo que os estudantes se unam a fim de alcançar um objetivo em comum.

Para Vergara (2003), o trabalho em equipe possui algumas vantagens, como agilidade na captação e uso das informações. As ideias criadas pelo grupo são mais ricas, mais elaboradas e de mais qualidade, maior facilidade em assumir riscos, porque a responsabilidade é de toda a equipe. Com o poder compartilhado, as pessoas sentem-se mais comprometidas e motivadas. De acordo com o autor citado, o trabalho realizado em equipe gera resultados melhores que o trabalho desempenhado de forma individual pelas mesmas pessoas.

Em consonância com Vergara (2003), Minicucci (1978, p. 36) admite que:

O grupo oferece apoio ao indivíduo em suas atividades, dando-lhe a oportunidade de desenvolver a iniciativa e a criatividade. Muitos trabalhos que se apresentam como desinteressantes, rotineiros e desmotivantes levam os indivíduos a realizá-los pelo estímulo que recebem do grupo.

Através das concepções de Vergara (2003) e Minucci (1978), entende-se que o trabalho em equipe tem seus pontos positivos, os quais favorecem a produtividade e beneficiam tanto a organização quanto o grupo, mas também tem pontos negativos, que precisam ser administrados para que não venham a prejudicar o desempenho da equipe.

Um dos problemas identificados nas relações trabalhistas é o assédio moral interpessoal, acompanhado de uma nova espécie de abuso patronal, o assédio moral organizacional (também denominado assédio moral institucional ou assédio moral empresarial. Tal modalidade de assédio se configura pelos seguintes fatos:





## *As relações interpessoais*

Conjunto de condutas abusivas, de qualquer natureza, exercido de forma metódica durante certo tempo, em decorrência de uma relação de trabalho, e que resulte no humilhação, vexame ou constrangimento de uma ou mais vítimas com a finalidade de se conseguir o engajamento subjetivo de todo o grupo às políticas e metas da administração, por meio da ofensa a seus direitos fundamentais, podendo resultar em danos morais, físicos e psíquicos (ARAÚJO, 1993, p. 107).

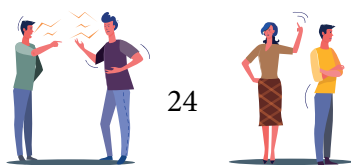
Na mesma esteira, a juíza do trabalho Ana Paula Saladini (2007, p. 965) menciona:

Na atual cultura empresarial, o medo e o sofrimento do trabalhador têm sido utilizados ora como meios de incremento da produção, sob o rótulo de sistema de gestão, ora como mera demonstração arbitrária de poder por parte de chefias despreparadas e que utilizam tais práticas como válvula de escape da própria perversidade e agressividade.

Como se vê, a rotina de causar medo e sofrimento pode se configurar assédio moral. Enquanto o mobbing (assédio moral) tem como objetivo a exclusão da vítima do mundo do trabalho, discriminando-a e estigmatizando-a perante o grupo, no assédio moral organizacional o que se visa é a sujeição de um grupo de trabalhadores às agressivas políticas mercantilistas da empresa. O que ambos têm em comum é a ofensa aos direitos fundamentais do cidadão e a caracterização de dano moral decorrente de insistentes métodos espúrios do trabalhador.

Ainda sobre essa questão, segundo Ferreira (2004, p. 37):

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que o assédio moral nas relações de trabalho é um dos problemas mais sérios enfrentados pela sociedade atual. Ele é



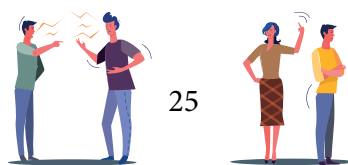
## *As relações interpessoais*

fruto de um conjunto de fatores, tais como a globalização econômica predatória, [...], e a atual organização do trabalho, marcada pela competição agressiva e pela opressão dos trabalhadores através do medo e da ameaça. Esse constante clima de terror psicológico gera, na vítima assediada moralmente, um sofrimento capaz de atingir diretamente sua saúde física e psicológica, criando uma predisposição ao desenvolvimento de doenças crônicas, cujos resultados a acompanharão por toda a vida.

Uma das moléstias que afetam o trabalhador como possível resultado desse quadro abusivo é a Síndrome de Burnout. A expressão Burnout vem do inglês e significa combustão completa, sinalizando para a sensação de explosão ou exaustão da pessoa acometida pelo estresse no ambiente de trabalho, ou seja, um esgotamento profissional provocado por constante tensão emocional no ambiente de trabalho. (MASLACH, 2005).

Para Maslach (2005), o Burnout é uma reação cumulativa a estresses ocupacionais contínuos e caracteriza-se por cronicidade, ruptura da adaptação, desenvolvimento de atitudes negativas e comportamentos de redução da realização pessoal no trabalho. Os mecanismos de prevenção e repressão do assédio moral ainda estão sendo construídos pela prática administrativa e jurídica. Indiscutivelmente, o melhor caminho para a prevenção é o estímulo ao debate em todos os espaços sociais, com a finalidade de se atingir a conscientização dos limites legais adotados para as relações interpessoais do trabalho.

As consequências da violência de assédio moral e organizacional são devastadoras e tão diversas que podem criar problemas na saúde física e mental de um trabalhador. Segundo Lima (2005), uma das grandes dificuldades encontradas é quando a agressão se torna constante e repetiti-



## *As relações interpessoais*

va, fazendo com que o indivíduo passe a internalizar a queixa, acreditando que é incapaz, perdendo sua autoestima e motivação para o trabalho. Pessoas perfeccionistas são as principais vítimas quando incomodam os superiores, porque, por sua agilidade e organização, são desestruturadas e desestabilizadas, o que resulta na degradação psíquica e física do assediado.

Dessa forma, quando acontece uma situação de assédio moral com regularidade, atos violentos seguem associados com problemas severos de saúde, causando sintomas como menos energia e vitalidade, tensões musculares, palpitações, impossibilidade de descansar, tontura, somados aos problemas psicossomáticos, falta de ar, dores nas costas, perda de apetite, dores de estômagos, tremores entre vários outros sintomas que inviabilizam o trabalho.

### **As relações interpessoais professor-aluno que interfere no desenvolvimento do processo educativo**

Para entender melhor as relações que se estabelecem na comunidade intra e extra escolar, nada mais coerente que trazer para essa discussão as considerações de Jean Piaget (1994), grande pedagogo para quem:

[...] a sociedade é o conjunto das relações sociais. Ora, entre estas, dois tipos extremos podem ser distinguidos: as relações de coação, das quais o próprio é impor do exterior ao indivíduo um sistema de regras de conteúdo obrigatório, e as relações de cooperação, [...], a consciência de normas ideais, dominando todas as regras. Oriundas dos elos de autoridade respeito unilateral, as relações de coação caracterizam, portanto, a maioria dos estados de fato de dada sociedade e, em particular, as relações entre a criança e seu ambiente adulto. Definidas pela igualdade e pelo respeito mútuo, as relações de cooperação constituem, pelo contrário, um equilíbrio limite mais que um sistema estático.



## *As relações interpessoais*

Origem do dever e da heteronomia, a coação é, assim, irredutível ao bem e à racionalidade autônoma, produtos da reciprocidade, se bem que a própria evolução das relações de coação tenda a aproximá-las da cooperação (PIAGET, 1994, p. 294).

De acordo com Santana (2008), nas relações interpessoais ocorre uma relação de câmbio mútuo. É nessa relação que há a assimilação de conhecimentos e a ampliação de hábitos e atitudes de convívio social. Percebe-se, com essa concepção, a importância das relações interpessoais nas escolas, porque é nesse espaço que as crianças, adolescentes e jovens adquirem conhecimento e são organizados para viver em sociedade.

Partindo das observações desses dois últimos autores, é possível perceber a importância das boas relações interpessoais, tanto para o aprendizado dos alunos, quanto para o desenvolvimento do trabalho realizado pelos profissionais que atuam nas escolas. Com efeito, é importante compreender as relações constituídas no espaço social escolar e saber lidar com as questões interpessoais para que se possa desenvolver ações que visam fortalecer tais relações, gerando conforto e respeito no convívio, o que fará com que os educandos e profissionais permaneçam na escola (DUARTE, 2010).

No ambiente escolar, as relações interpessoais envolvem alunos, professores, diretora, coordenadora e demais profissionais, além dos pais/responsáveis pelos alunos e a comunidade em geral. De acordo com Raposo e Maciel (2005) a maioria dos estudos abordam as relações entre alunos e professores, porém as relações interpessoais existentes entre os outros profissionais que atuam na escola também merecem atenção.

Outra concepção apresentada por Thapa et al. (2012) determinada nos parâmetros do Conselho Nacional do Clima escolar, norteiam para que o clima escolar positivo constitua, portanto,



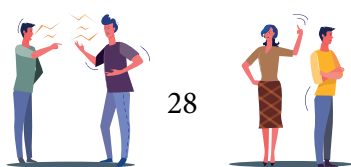
descrito:

[...] Um clima escolar positivo e sustentável estimula o desenvolvimento da juventude e da aprendizagem necessário para uma vida produtiva, colaborativa e satisfatória em uma sociedade democrática. Este clima inclui normas, valores e expectativas que apoiam com segurança as pessoas, socialmente, emocionalmente e fisicamente. As pessoas ficam envolvidas e respeitadas. [...], viver e contribuir para uma visão partilhada da escola. Educadores moldam e cultivam uma atitude que enfatiza os benefícios e a satisfação da aprendizagem. Cada pessoa contribui para as operações escolares, bem como para o cuidado com o ambiente físico. (THAPA ; COHEN; et al. 2012, p. 2).

Com base nessa percepção, entende-se que as relações interpessoais mantidas na escola, de um modo geral, são de grande importância para o desenvolvimento e o sucesso da organização escolar. Entretanto, Raposo e Maciel (2005), admitem que promover um ambiente onde haja um bom relacionamento interpessoal é um grande desafio na rotina das escolas, o que pode atrapalhar a formação de boas equipes de trabalho e dificultar o ensino de qualidade.

Na visão de Campos e Godoy (2013), na escola, muitas vezes, nota-se que as relações interpessoais exibem diversas falhas. Na percepção dos autores, muitas pessoas possuem dificuldades em aceitar o outro e isso pode ocasionar conflitos. Por isso, é imprescindível saber conviver com outras pessoas, respeitar as peculiaridades de cada um, saber escutar os outros e sabedoria como transmitir.

De acordo com Vinha (2016), a avaliação do clima escolar é subjetiva, ou seja, analisa percepções individuais elaboradas a partir de um contexto escolar comum. Este determina a qualidade de vida, a produtividade dos docentes e dos estudantes, permitindo avaliar aspectos morais que envol-



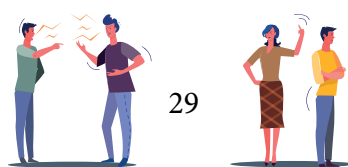
## *As relações interpessoais*

vem as relações interpessoais na escola. Sendo assim sendo o clima escolar é relevante pois:

O conjunto de percepções e expectativas compartilhadas pelos integrantes da comunidade escolar, decorrente das experiências vividas nesse contexto com relação aos seguintes fatores inter-relacionados: normas, objetivos, valores, relações humanas, organização e estruturas física, pedagógica e administrativa que estão presentes na instituição educativa. O clima corresponde às percepções dos docentes, discentes, equipe gestora, funcionários e famílias, a partir de um contexto real comum, portanto, constitui-se por avaliações subjetivas. [...], sendo que cada uma possui o seu clima próprio. Ele influencia na dinâmica escolar e, por sua vez, é influenciado por ela, deste modo, interfere na qualidade de vida e na qualidade do processo de ensino e de aprendizagem (VINHA, 2016, p. 38). Na verdade, cada indivíduo tem sua complexidade e individualidade próprias, adquiridas ao longo da vida. Na escola, essas particularidades exigem um trabalho para melhorar a integração e as relações entre os indivíduos. Posto isso, recai sobre seu representante maior, o gestor, o papel de interferir nas relações entre alunos, professores, funcionários e comunidade, buscando melhorar o ambiente de trabalho e, conseqüentemente, o desempenho escolar (CAMPOS; GODOY, 2013).

Compreende-se como relacionamento interpessoal é a relação entre duas ou mais pessoas com as características do contexto onde se está inserido. Dessa maneira, o relacionamento interpessoal na escola tem que ser um acontecimento de configuração harmoniosa de respeito para que haja a coerência entre todos que a compõe. Com isso, não podemos esquecer a hierarquia existente.

Na escola, as relações interpessoais ocorrem entre os que estão ali para ensinar e os que estão para aprender, lembrando que, como afirma Freire (1996) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” Nessa relação não pode haver sentimento de superioridade ou autoritarismo, mas de compreensão e respeito um pelo outro.



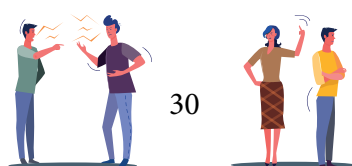
## *As relações interpessoais*

A aceitação mútua que se estabelece assegura, pois, o equilíbrio das relações interpessoais na escola e na sala de aula. Como em todo ambiente onde se estabelecem as relações interpessoais, na escola existem ações negativas e positivas. As positivas são: admitir as pessoas como elas são, escutar com respeito os sentimentos do outro, ser tranquilo, ser cordial, demonstrar interesse e respeito pelo outro etc. Já as negativas são: comportar-se de modo a se tornar um indivíduo sem graça e cansativo, julgar de maneira errada e indevida, impor reflexões e opiniões etc. (ALARCÃO, 2003).

Em meio a essas ações, o sujeito pode se deparar com determinados comportamentos e esquecer-se de refletir sobre suas próprias atitudes. É por meio de uma reflexão intrapessoal que o ser humano se torna capaz de se relacionar com o outro; é se autoconhecendo e entendendo as barreiras e defesas que limitam o próprio relacionamento que o sujeito estabelece metas em busca de compreender e melhor relacionar-se com o outro (ALARCÃO, 2003).

[...] a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes. O trabalho com Pluralidade Cultural se dá a cada instante, exige que a escola alimente uma “Cultura da Paz”. Baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos e na noção de cidadania compartilhada por todos os brasileiros. O aprendizado não ocorrerá por discursos, e sim num cotidiano em que uns não sejam “mais diferentes” que do que outros (BRASIL, 1998, p. 117).

As relações interpessoais são complexas e responsáveis pela formação de princípios morais. Segundo Piaget (1954), os valores referem-se a trocas fundamentadas que o sujeito realiza com o exterior, ou seja, da influência dos sentimentos sobre objetos, pessoas e/ou relações. Cada sujeito constrói seu próprio complexo de valores, que se engloba à sua identidade. Logo, a identidade de cada



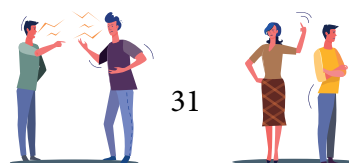
## *As relações interpessoais*

indivíduo é construída através do meio em que vive, dos seres com quem convive e, principalmente, da ideia a que está submetido. Esses valores, quer sejam positivos ou negativos, induzem grandemente sua conduta.

Exemplo de valor negativo trazido para a escola é o preconceito racial, o qual impede o desenvolvimento das potencialidades e o progresso social de alunos negros. Isso é resultado de uma

[...] Desigualdade decorrente de um acordo social que não reconhece a cidadania para todos. A cidadania dos incluídos é distinta da dos excluídos e, em decorrência, também são distintos os direitos, as oportunidades e os horizontes de tempo e espaço. Cidadãos de primeira classe e cidadãos de segunda classe encarando a desigualdade como um fenômeno natural e incontornável. A desigualdade tornada experiência natural não se apresenta aos olhos da sociedade brasileira como um artifício derivado de um processo histórico específico. História que elaborou instituições econômicas, sociais e políticas produtores de mecanismos e incentivos que perpetuam o paradoxal padrão de desigualdade (ALARCÃO, 2003, p. 14-15).

Diante disso, entende-se que a melhor maneira de garantir um ensino igualitário, com respeito à diversidade de culturas, costumes e crenças, é promovendo uma verdadeira cultura com base no direito fundamental do ser humano: o respeito. Essa é uma segurança de todo e qualquer cidadão, segundo a Constituição Federal Brasileira de 1988, art. 5º, no capítulo I, DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS, que assim dita: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade [...]” (BRASIL, 1988).





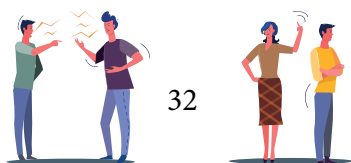
## *As relações interpessoais*

Observando-se como ponto de partida as ações desenvolvidas no contexto escolar, pode-se notar que as relações interpessoais são comprovadas e exigem ações recíprocas e democráticas para a unicidade social. Isso implica dizer que:

A abordagem participativa na gestão escolar demanda maior envolvimento de todos os interessados no processo decisório da escola, mobilizando-os, da mesma forma, na realização das múltiplas ações de gestão. Esta abordagem amplia, ao mesmo tempo, o acervo de habilidades e de experiências que podem ser aplicadas na gestão das escolas, enriquecendo-as e aprimorando-as (LÜCK, 2005, p. 18).

Em geral, a escola deve ser um universo de aprendizagem não somente para os discentes, mas também para educadores e demais profissionais. Para que se tenha uma participação fundamentada no ambiente escolar, é necessário que todos possuam consciência de sua importância, e, principalmente, que tenham a tranquilidade de estabelecer a comunicação no propósito de aprimorar suas atividades, lembrando que a autêntica vinculação interpessoal está ligada às tribulações extraescolares e intra escolares. Um indivíduo deve ser entendido levando em consideração sua vida dentro e fora do âmbito escolar. Segundo Jesus (2013, p. 20):

A escola deve propiciar melhores condições de aprendizagem, selecionando atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da autoestima do aluno. O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará e, na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo que, desenvolvem-se parale-



## *As relações interpessoais*

lamente. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

Os seres humanos necessitam dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. Ao fazer isso, criam a cultura, partilhada por indivíduos de determinados grupos. A cultura caracteriza os povos, produz costumes, arte, semelhanças entre os pares e diferenças entre os grupos. As distinções dão-se por semelhanças (cor, sexo, idade, nacionalidade). Essas diferenças e semelhanças que constituem os indivíduos e/ou grupos geram preconceito e desigualdade, inutilizando as relações, causando discórdias e conflitos. Na verdade:

[...] constitui verdade inquestionável o fato que, a todo momento, as diferenças entre os homens fazem-se presentes, mostrando e demonstrando que existem grupos humanos dotados de especificidades naturalmente irreduzíveis. As pessoas são diferentes de fato, em relação à cor da pele e dos olhos, quanto ao gênero e à sua orientação sexual, com referência às origens familiares e regionais, nos hábitos e gostos, no tocante ao estilo. Em resumo, os seres humanos são diferentes, pertencem a grupos variados, convivem e desenvolvem-se em culturas distintas. São então diferentes de direito. É o chamado direito à diferença; o direito de ser sendo diferente (FERREIRA; GUIMARÃES, 2003, p. 37).

Diante de tanta diversidade, torna-se necessário promover reflexões sobre as ideias para que se sintetizem. O ambiente escolar pode ser o local propício para tal sintetização, pois, nele, muitas relações se consolidam. Todos os ambientes escolares são formados por diferentes pessoas e pela relação entre elas.



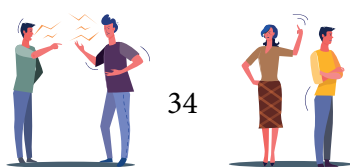
## *As relações interpessoais*

Freschi e Teixeira (2013) analisaram alguns tipos de relações existentes no ambiente escolar e consideraram que a afetividade e a autoestima é o melhor caminho para que as relações intra/inter-pessoais tornem o ambiente favorável ao bom andamento do processo de ensino e aprendizagem, um espaço a ser construído.

Quanto aos princípios éticos, os seres humanos constroem relações coletivas e a ética e moral representam essa realidade. Ética e moral normalmente são vistos como sinônimos ou dão ideia de costume, mas os costumes e o caráter são construídos por hábitos. De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), ética e moral referem-se ao estudo dos juízos de apreciação individual ou coletiva da conduta humana, do ponto de vista do bem e do mal. Filosoficamente, o termo moral é definido como conjunto de princípios e crenças, regras que orientam os comportamentos dos diversos povos, e a ética vista como reflexão crítica sobre a moral, tendo, portanto, significados diferenciados.

Princípios éticos de normas, leis, princípios, moral etc. valem para todos. Chauí (2002) afirma que valores relativos ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, são instituídos pela moral em cada cultura e sociedade. No espaço de trabalho, a moral é exposta em configuração de princípios e normas. Na escola, especificamente, isso é combinado por meio de regimentos e combinações, contidos no Projeto Político Pedagógico (PPP). A ética dirige as relações no ambiente, buscando torná-lo amistoso. Devries e Zan (1998) afirmam que a sala de aula é um ambiente sócio/moral e que, por meio do currículo, sem perceber, os professores orientam os alunos, que captam como proceder, isto é, o que é certo e o que é errado. Disso, dependerão as relações nos demais ambientes familiares ou de trabalho.

A sanção da Lei Antibullying que previa, desde 2015, medidas de contenção, combate e prevenção ao bullying e uma cultura da paz. A lei foi recentemente incorporada à Lei de Diretrizes



e Bases da Educação e é reiterada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que assinala a necessidade de ampliação de capacidades para se resolver subversões de maneira assertiva, aprendendo-se a aceitar e estimar a si e ao outro.

Com a visão do autor a seguir:

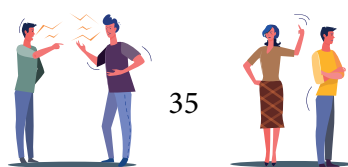
O bullying pode ter consequências arrasadoras, como a incidência da depressão, ansiedade, estresse, dores não-especificadas, perda a autoestima, problemas de relacionamento, [...], além do risco de suicídio em casos mais graves. As marcas do sofrimento psíquico e físico podem perdurar por toda a vida, e atingem também o agressor, pois aqueles que praticam bullying contra seu colega poderão levar para a vida adulta o mesmo comportamento anti-social, adotando atitudes agressivas no ambiente de trabalho (Workplace Bullying) (NIKODEM; PIBER, 2011, p. 108).

Ainda o próprio autor:

Devido ao bullying, muitos alunos abandonam a escola na tentativa de livrar-se das pressões sofridas, o que não resolve o problema, pois os efeitos do bullying já estão presentes em sua vida. Já outros a abandonam aos poucos, faltando às aulas por medo de serem as próximas vítimas (NIKODEM; PIBER, 2011, p. 108).

Os casos são cada vez mais frequentes de abandono de escola com medo de enfrentar o fenômeno tão assustador que é o bullying.

De acordo com Louro (2017) muitas vezes, nesse movimento que predomina é o preconceito exclusivamente esse, emerge num primeiro momento junto à família, grupos religiosos e reforçado



## *As relações interpessoais*

pela sociedade. A autora afirma que o conceito de diferença se manifesta entre sujeitos e/ou grupos e têm vários formatos de distinção e de relações (sexo, cor, idade, nacionalidade).

Já a heterogeneidade é oriunda dessas diferenças e similaridades que compõem os sujeitos e/ou grupos, ambas incidem sobre o ato de discriminar, tratar distinto, marginalizar, excluir. Por meio dessa pesquisa, procurou-se entender esses paradigmas nos quais se firmam esses grupos, e como os estudos sobre formação humana podem colaborar com as relações sociais quando as mesmas são mediadas por um professor, instrumentalizado de conhecimento científico sobre a questão.

Presenciar a indiferença, a discriminação, o preconceito, a injustiça, os rótulos é quase que comum nas escolas públicas em relação a alunos que não seguem o padrão idealizado pela escola tradicional, causa indignação, pois a escola é um lugar privilegiado para ensinar as crianças desde cedo, com carinho e respeito pelo outro (ROMANOWSKI; ROMANOWSKI; PERANZONI, 2011).

De acordo com os autores citados acima, a escola seria o ambiente apropriado para que, por meio de atividades lúdicas direcionadas, se busque um caminho de influência mútua respeitosa entre os sujeitos, reitera-se que esse tipo de estratégia irá colaborar para que os professores introduzam temas mais delicados e complicados de configuração mais compreensível e deleitosa aos discentes.

Todas as relações dentro da escola são cogitadas diretamente no rendimento do profissional. Ter boas relações com o grupo de trabalho, a direção, os funcionários e os alunos é básico para que o trabalho seja completo e para que o ato de ensinar seja prazeroso. Se alguma dessas relações não estiver equilibrada, faltará motivação e o trabalho ficará prejudicado. Cumprimentar, ter cordialidade e trocar informações são atitudes diárias muito importantes para a formação e manutenção das relações



## *As relações interpessoais*

interpessoais. Deve-se estar informado de que, com algumas pessoas, serão estabelecidas relações de maior ou menor proximidade, mas que, seja como for, o respeito com quem se convive deve ser o mesmo, independentemente do estreitamento ou não da relação.

A dinâmica das relações interpessoais nem sempre é positiva, especialmente entre os professores, tendo em vista que a concorrência e a falta de comunicação inutilizam o andamento dos trabalhos. Às vezes, projetos para a melhoria da aprendizagem e a prática da cidadania deixam de ser concretizados por incompatibilidade ideológica entre os distintos representantes da escola. Para Reis (2009), a relação entre pais e professores é uma construção de proximidade para uma escola de sucesso.

Muitos colegas se fecham “no seu mundo”, impedindo o diálogo. Isso é um ponto negativo, pois o convívio agradável, a troca de experiências e a possibilidade de contar com o outro nos momentos de dúvida e para a busca de novas possibilidades acrescentam à educação um caráter mais humanista. Se as relações na escola, de uma forma geral, não estiverem equilibradas, o professor, na sala de aula, não fará um bom trabalho, e seu relacionamento com os alunos também poderá ficar comprometido

Para conservar um bom relacionamento, também é necessário entender e respeitar o fato de que as pessoas são diversas, portanto, pensam e agem, muitas vezes, de modo diferente do que se espera.

Com certeza, é necessário que haja um bom entrosamento entre toda a equipe da escola, pois, existindo comunicação e respeito, tudo funciona melhor: as normas são discutidas, as sugestões dadas pelos colegas são levadas em consideração e todos tentam usar uma mesma linguagem com seus alunos, o que faz com que eles não se sintam perdidos. O sucesso de uma relação satisfatória im-



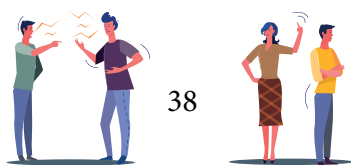
plica em trabalhar em equipe, exigindo esforço conjunto, favorecendo a motivação, a cooperação individual e entre o grupo, com objetivo de aperfeiçoar o processo pelo qual elas trabalham conectadas.

A seguir, são apresentadas as principais relações estabelecidas no ambiente escolar, foco deste estudo, e suas peculiaridades. O objetivo é esclarecer ainda mais os pontos satisfatórios e as deficiências de cada uma para que se possa trabalhar o seu fortalecimento, contribuindo, assim, para um ensino-aprendizagem eficaz.

### **As relações interpessoais professor-aluno que interferem no desenvolvimento do processo educativo**

Relações interpessoais positivas entre docente e discente são essenciais no processo de aprendizagem. Ambos trocam conhecimento, modificam impressões de realidades e, com isso, acabam crescendo. Muitas vezes, o professor não consegue ter uma boa relação com a turma, por não conseguir demonstrar cordialidade. Estabelecer vínculos afetuosos, de forma que não danifiquem e não modifiquem a atitude e a ética profissional é básico para o bom funcionamento do trabalho e para que a metodologia de aprendizagem aconteça numa configuração prazerosa para o docente e para os educandos.

Vários fatores colaboram na relação professor/aluno, dentre eles podem ser citados, a autoconfiança do educando, a cordialidade entre o professor/aluno e entre alunos. A modo como o professor motiva os seus alunos também contribui, sobremaneira, no bom relacionamento entre eles. Esses fatores aqui elencados, somados ao respeito e a compreensão entre educadores e educandos, contribuem de forma decisiva no relacionamento satisfatório entre eles, desencadeando numa aprendizagem



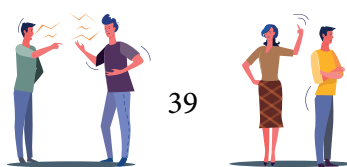
bastante significativa (LIBÂNEO; ALVES, 2017).

Educar é trocar conhecimentos, é colaborar para a reconstrução de conhecimentos dos alunos e, especialmente, para que desenvolvam como pessoas. O estabelecimento de uma boa relação faz com que o docente adquira um grau de familiaridade maior, tendo a liberdade para cobrar mais de seu aluno, sem ser visto como um educador irritador, que persegue os alunos.

Os alunos, ao sentirem esse carinho e a confiança depositados pelo professor, encorajar-se-ão para não o decepcionar. Constituir boas relações com os alunos é o primeiro passo para se obter um bom ambiente de trabalho. Para que as aulas sejam produtivas e interessantes para o aluno, ele precisa sentir-se à vontade com o professor, e isso irá facilitar a construção dos conhecimentos com relação aos conteúdos trabalhados.

O professor, dentro da sala de aula, deve sempre primar por um bom relacionamento entre os alunos. As relações interpessoais passam por uma expressão de amor, que deve estar baseada no equilíbrio e na compreensão. O papel do docente é atender seus alunos, por meio de manifestações de afeto, sem abrir mão dos limites necessários para que se construa uma dinâmica de respeito a todos que interagem nesse grupo. Os alunos precisam ter seus espaços, pois é também na escola que eles aprendem a defender seus argumentos e firmar suas posições. Alguns professores precisam, pois, aprender a ouvir os alunos e, juntos, buscarem uma solução para que os problemas que ocorrem cotidianamente sejam resolvidos de forma tranquila

A construção do conhecimento é um processo interpessoal, em que o ponto principal desse processo de interação é a relação existente entre o educador e o educando. O aluno sozinho não constrói o seu conhecimento, por mais que ele seja autodidata. (HAYDT, 2011, p. 58).





## *As relações interpessoais*

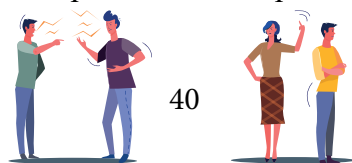
Por meio desse procedimento interativo, assimila e estabelece conhecimentos, valores, crenças, adquire costumes, maneiras de se expressar, conhecer e ver mundo, formar opiniões, apreciações, [...] desenvolve e assume atitudes, modificando e expandindo suas composições intelectuais.

O diálogo é a estrada necessária para se chegar ao aluno, pois mostrando boa vontade para entendê-lo e respeitá-lo como pessoa humana, é possível notar sua verdadeira identidade, escondida, muitas vezes, atrás de sua máscara diária, na qual esconde também os seus problemas, ansiedades e preocupações, haja vista que o adolescente procura demonstrar, através de palavras e gestos, o que sente e o que necessita naquele momento. Cabe ao docente amparar o estudante nesse processo de desenvolvimento e reconstrução de identidade para se auto afirmar como ser humano adulto. Cada aluno tem a sua personalidade e esse fator deve ser levado em consideração. Não se pode trabalhar com uma turma sem saber lidar com as diferenças de cada indivíduo. Segundo Grillo (2004, p. 79):

Todo aluno traz para sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida.

Nessa troca de experiências, em que o professor interage diretamente com o aluno, vai sendo construída uma relação de confiança, o que contribui para tornar a sala de aula um ambiente agradável e favorável ao aprendizado. As questões pessoais trazidas pelos alunos para o professor fazem parte de uma relação afetiva e de confiança que o discente tem com o docente. A primeira relação que deve ser estabelecida em uma sala de aula é a de respeito e este se manifesta quando há um ambiente de trocas, no qual cada um tem o seu espaço.

Muitos professores ainda apresentam uma postura tradicional e transmite aos alunos a ima-



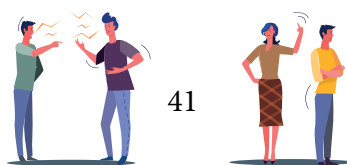
## *As relações interpessoais*

gem de serem o núcleo do poder e que eles são tão somente coadjuvantes no processo da aprendizagem. Esses professores pensam que ensinar significa apenas “passar” conhecimentos. Dessa maneira, eles acabam tendo dificuldades em lidar com os alunos. Para Freire (1996, p. 104): “A autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se”. Analisar os conhecimentos prévios dos alunos e instigar sua participação nas discussões e conversas nas aulas é uma ação de consideração e faz com que o discente sinta segurança e confiança no docente e em si mesmo. A relação professor-aluno precisa ser franca. É relevante que o segundo não sinta timidez ou receio de falar com o educador sobre seus problemas. Se o docente reparar que os alunos se sentem temidos na sua presença, é importante que faça uma meditação sobre seu trabalho em sala de aula.

A ética e os deveres para alunos e professores são citados por Douglas et al. (2010, p. 540-541):

O professor deve motivar o aluno, estar atento às necessidades do aluno, em cada encontro procurar transmitir um conhecimento novo, ser justo nas avaliações, respeitar o aluno, acreditar na capacidade do aluno, [...]. O aluno não deve julgar o professor, não deve competir com o professor, o ideal é que os alunos tentem estabelecer uma relação de plena igualdade, esquecendo-se que o professor necessariamente deve exercer autoridade e disciplina na turma, prestando atenção na aula, estudando para trabalhos e provas, ademais a colaboração de ambas as partes professor e aluno.

O aluno costuma relacionar, de maneira direta, a disciplina ao professor, portanto, se ele não gosta ou não tem afinidade com o professor, sua atuação na disciplina também pode ficar comprome-



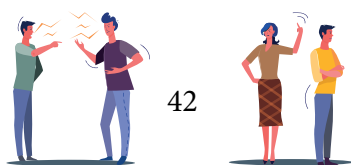
## *As relações interpessoais*

tida e isso pode colaborar para o fracasso de sua aprendizagem. Outro fator que deve ser pensado é que se deve considerar as divergências de ideias que podem surgir durante as discussões e troca de opiniões como ponto de partida para a reconstrução de conhecimentos e para o crescimento pessoal tanto dos alunos como do professor. Segundo Freire (1996), ensinar é querer bem ao aluno, o que não significa que o professor deve ter o mesmo sentimento para com todos os alunos, mas que deve ter afetividade pelo aluno sem medo de demonstrar tão sentimento.

Perante todo um contexto histórico que tem se perpassado mediante ao procedimento de interação interpessoal, é evidente entender que essa interação se dar por meio da convivência entre as pessoas, logo, para que isso possa realmente existir é se faz necessário que ambos almejem em constante sintonia e que juntos procuram de maneira eficaz essa interação, e com isso possam ampliar uma relação de coletividade e afeto. Para Paulo Freire (1996, p. 103) “o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente é a liberdade dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”

A dinâmica do instruir é uma constante troca de conhecimentos que irá contribuir para a constituição do conhecimento. No entanto, a partir do momento que os alunos passarem a sentir confiança, carinho, afeto e respeito depositado pelo docente, os mesmo irão apresentar-se mais dinâmicos para não decepcionar o educador. A relação ensino aprendizagem não se deve ser apenas automática, ou seja, simplesmente uma transmissão de informação, más sim uma parceria dinâmica e afetiva para um melhor desempenho dos alunos.

Compete ao educador orientar seus alunos sobre a importância da comunicação no processo de ensino-aprendizagem. Deve disponibilizar ambientes para debates em sala de aula, com o intuito de instigar o educando a construir suas argumentações. É importante que o educador passe segurança



## *As relações interpessoais*

ao aluno e que um sentimento de confiança de motivação, amizade e respeito mútuos seja instituído, pois, assim, o educando sentir-se-á mais à vontade, tornando a aprendizagem facilitada.

A motivação desempenha um papel essencial na aprendizagem e na atuação em sala de aula. Ela pode afetar tanto a inovação da aprendizagem quanto a atuação das habilidades, estratégias e procedimentos previamente aprendidos. Pode ainda influenciar o que, quando e como aprendemos em todas as fases do desenvolvimento humano

Existem dois tipos de motivação, a intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca consiste na escolha e realização de determinada atividade por esta ser interessante ou geradora de satisfação, está relacionada com a força interna, com os interesses individuais, com os objetivos que colocamos e que nos incentivam a lutar todos os dias. A motivação extrínseca envolve a performance de um comportamento para ganhar uma recompensa extrínseca ou para impedir uma punição (MORAES; VARELA, 2007; GUIMARÃES; BZUNECK, 2003). Um bom conceito para motivação é:

[...] o conjunto dos meus motivos, de tudo aquilo que, a partir do meu interior, me move a fazer (e a pensar e a decidir). Pode expressar também a ajuda que me presta outra pessoa para reconhecer os meus motivos dominantes a ter outros mais elevados, a retificar motivos torcidos (não retos ou corretos), a ordená-los ou hierarquizá-los (OLIVEROS, 2003, p. 59).

Esse tipo de motivação está relacionado com o ambiente em que estamos inseridos, com o relacionamento interpessoal, que pode ser ou não um fator positivo. Motivação no contexto escolar A motivação para aprender está relacionada com a conciliação entre o desenvolvimento da motivação intrínseca da criança, com o apoio da motivação extrínseca.

Quando os estudantes se relacionam de forma favorável com o docente, tornam-se mais



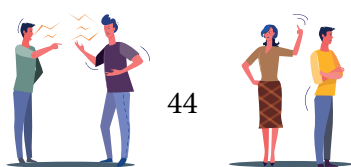
abertos para aprender. Passam até a se interessar por assuntos antes considerados sem importância; pesquisam e são impulsionados a entender melhor o tema, e isso pode ocorrer com o intuito de agradar ao educador.

É importante lembrar o papel da motivação no desenvolvimento da aprendizagem dos discentes quando se fala em limitações. Para vencer o que, muitas vezes, é entendido como limitações, o estudante precisa encará-las como desafios que, após vencidos, irão torná-lo mais capaz. Saber identificar “limitações” e motivá-los para que desenvolvam suas potencialidades também é papel do educado

A escola como espaço para inserção, socialização, civilização, politização e de construção e prática da cidadania só tem sentido diante dos dois sujeitos principais no processo de ensino-aprendizagem e de formação integral: o professor e o aluno. A relação entre aluno-professor e vice-versa deve se pautar nos princípios éticos, incluindo o respeito e consideração à pessoa do próximo, em que cada autor desempenha seu papel para que a escola seja um ambiente de construção de saberes e de formação moral e de socialização, com base na solidariedade, fraternidade e democracia.

### **As subversões nas relações interpessoais professor-aluno no âmbito escolar**

Tratando-se a relação discente e docente de relação interpessoal constante e que interrompe vários ciclos e etapas da vida de uma pessoa, é comum, nessa relação, o aparecimento de conflitos que podem ou não ser controlados pelo professor, transformando-se em microviolências (descaso, xingamentos, agressões verbais etc.) ou até mesmo macroviolências (agressão física e outras condutas previstas no Código Penal, por exemplo). A essa violência do cotidiano escolar, os psicólogos, pedago-



## *As relações interpessoais*

gos e médicos têm denominado de bullying, que significa a presença da incivilidade (HIRIGOYEN; JANOWITZER, 2002), manifestada nas escolas por meio de comportamentos agressivos e que têm gerado no corpo docente um anseio de impotência, medo e insegurança. Esses sentimentos afetam a pessoa do professor nos seus atributos pessoais e profissionais, tornando-se um grande mal, não só para o professor vitimado, mas também para o aluno, destinatário do processo ensino-aprendizagem e que depende da ação educativa para formação científica, profissional e para o desenvolvimento do espírito de cidadania. Enfim, representa um mal para a sociedade como um todo.

Relevante avaliar que a violência praticada contra o docente tem raízes no espaço familiar e social em que a criança ou o jovem vive. Quando a violência é constante e não pontual, poderá corroborar para o desenvolvimento de traços típicos agressivos na vida adulta e conduzir o agressor para crime ou criminalidade, gerando o bullying, com repercussão e reflexos fora do ambiente escolar. Fazenda (2011b, p. 31) denuncia essa realidade:

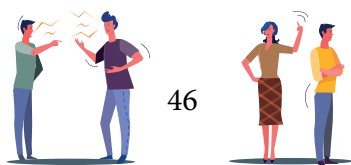
o professor interdisciplinar traz em si um gosto especial por conhecer e pesquisar, possui um grau de comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa novas técnicas e procedimentos de ensino, porém, antes, [...]. Esse professor é alguém que está sempre envolvido com o seu trabalho, em cada um de seus atos. Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário desse profissional que luta por uma educação melhor. Entretanto, defronta-se com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano. [...] Em todos os professores portadores de uma atitude interdisciplinar encontramos a marca da resistência que os impele a lutar contra a acomodação, embora em vários momentos pensem em desistir da luta. Duas dicotomias marcam suas histórias de vida: luta/ resistência e solidão/ desejo de encontro (FAZENDA, 2011b, p. 31).



Pode-se dizer, então, que o bullying na relação discente e docente é uma encosta da violência institucional ou estrutural nas escolas, fruto da desestruturação ou desagregação familiar e social, heterogeneidades sociais, preconceitos, desemprego, pobreza e fome, inversão de valores, falta de estrutura nas escolas, menosprezo à autoridade docente, professores com formação precária e até mesmo despreparados para lidarem com questões extracurriculares que visem muito mais que a formação curricular e científica, havendo necessidade de uma formação ampla e interdisciplinar do professor para que tenha habilidades e funcione como mediador em situações de conflitos e de violência, colaborando para a formação do jovem de hoje e cidadão ético e com responsabilidade social no amanhã.

O bullying também qualificado como uma configuração específica de violência e maus-tratos dentre pares, é um acontecimento que demanda ainda muitos estudos para atender aos caracterizados fatores, decorrentes da situação evolutiva dos protagonistas, de suas qualidades de vida e de suas perspectivas de futuro. Analisar o âmbito concreto em que a violência advém do fator essencial na compreensão das relações que se constituem, ou seja, a esfera da convivência diária. São nesses momentos e ambientes da vida escolar que os processos de atividade e de interlocução se produzem, entretanto, esses não se constituem no vazio e sim numa rede complicada de relações interpessoais, permeada por sentimentos, mas que se incluem também a ausência de solidariedade, a competitividade e às vezes o abuso dos socialmente mais violentos contra os mais fracos.

Bully, enquanto nome, é traduzido como ‘valentão’, ‘tirano’, e como verbo, ‘brutalizar’, ‘tiranizar’, ‘amedrontar’. Dessa forma, a definição de bullying, é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder [...] sem motivação evidente adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando



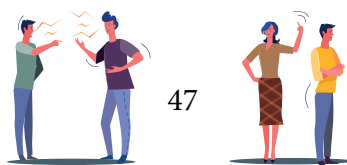
## *As relações interpessoais*

dor, angústia e sofrimento [...] levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais [...] (FANTE, 2003, p. 28-29).

Díaz-Aguado (2015) define o bullying escolar como um tipo específico de violência entre pares, que um aluno pode sofrer ou exercer em determinado momento, envolvendo diferentes tipos de condutas: provocações, ameaças, intimidações, agressões físicas, isolamento sistemático, ofensas entre outras. Essas repetem-se e prolongam-se durante certo tempo, geralmente, no ambiente escolar. Um indivíduo provoca, na maior parte das vezes apoiado pelo grupo, tendo como alvo uma vítima que se encontra incapaz de defender-se a si mesma.

Fernández (2005) caracteriza o bullying como um comportamento integrante de situações em que um ou vários estudantes atuam de forma injusta e agressiva a um outro colega, de configuração repetitiva e prolongada, expondo-o a situações de resistência, zombaria, agressões físicas, ameaças, dentre outros. Fernández (2005) cita Dan Olweus (1978), da Universidade de Bergen, na Noruega, como o precursor no desenvolvimento de critérios para detectar o bullying de forma específica, distinguir de outras prováveis interpretações. Com isso, confirma os seguintes requisitos: a ato deve ser repetido, deve acontecer por tempo demorado; existir uma relação de intranquilidade de poder (sem equidade de estabilização social e psicológico); a violência pode ser física (agressão corporal), verbal (zombarias, ofensas, trotes, etc) e a psicológica que se menciona ao isolamento, à rejeição, às chantagens, etc.

Nesta linha de pensamento, Debarbieux (2007, p. 107) adiciona o bullying [...] “a uma experiência particular de vitimação: os assédios entre pares no espaço escolar”. Essa configuração de violência escolar difere-se de outras ações que podem ocorrer no dia a dia como empurrar, pôr apelidos,





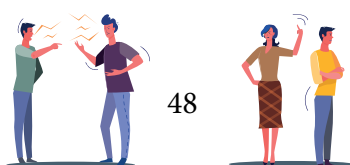
## *As relações interpessoais*

roubar, advertir, rebaixar-se,[...]. O autor destaca a importância desse fenômeno devido aos fatores prejudiciais e ao impacto negativo sobre o clima e o sucesso acadêmico dos alunos. As consequências psicológicas sobre as vítimas de bullying são evidenciadas por Debarbieux (2007):

O bullying, ou assédio, permite, quanto a ele, uma abordagem pertinente dos efeitos psicológicos e individuais sobre as vítimas. Ele mostra que o stress causado pela vitimação pode ser um stress cumulativo e, por esse motivo, difícil de tratar por se encontrar profundamente instalado na estrutura psicológica dos sujeitos. As tendências depressivas, [...], andam a par com fortes efeitos sobre o insucesso escolar e a desistência da escola [...] (DEBARBIEUX, 2007, p. 110).

Conclui ainda o autor que a imposição da lei do mais forte sobre o mais fraco, adicionadas de cenas cruéis, podem ser excedidas apenas por uma força contínua, uma repetição coercitiva, (características do bullying), sendo ao mesmo tempo eficazes para cumprir, de uma outra forma, tal função devastadora. Ruotti, Alves e Cubas (2006) corroboram a ideia de que para a violência se caracterizar bullying, deve existir comportamento agressivo ou uma afronta intencional; acontecer repetidamente e durante muito tempo; ocorrer em relações interpessoais caracterizadas por um desequilíbrio de poder.

Faz-se necessário, portanto, que se distinga o bullying de outro tipo qualquer de ofensiva pontual e súbita. Debarbieux (2007) apresenta dois tipos de bullying, o direto e o indireto. O primeiro tipo refere-se às agressões abertas às vítimas, por isso mais fáceis de serem percebidos, como ataques físicos, colocar apelidos, dar socos e empurrões, xingar, insultar, etc. O segundo, mais difícil de ser percebido, por serem agressões mais sutis como fazer caretas ou gestos obscenos para as suas vítimas,



isolar, manipular relacionamentos, excluir colegas nos intervalos e dos grupos.

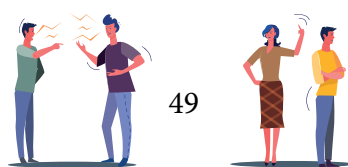
Observados esses pontos, e que apresentam certa concordância de definição entre os autores, os casos de bullying também envolvem agentes assim descritos por Avilés Martínez (2013), como vítima, agressor e espectador. A vítima habitualmente não responde aos ataques e não articula uma defesa em relação à situação pela qual atravessa (vista como pessoa fraca, fácil de ser atacada) caracterizando uma indefensibilidade própria.

O atacante, que em algumas vezes já pode ter sido vítima, demonstra certo influência da situação, sabe o que quer, possui um perfil característico de quem possui habilidade social refinada para desempenhar o maltrato, chegando muitas vezes a disfarçar-se, revestindo-se de sorrisos ou truques grupais para alcançar seus objetivos. O espectador, também chamado de testemunha, apresenta-se indiferente e acredita que o que está ocorrendo não é de sua conta e sim uma situação a ser resolvida entre o agressor e a vítima. Além disso tem o caso em que o espectador sente receio em ajudar temendo ser a próxima vítima, ou mesmo os espectadores que entendem que as vítimas merecem, pois não conseguem se defender.

### **Conflitos nas relações interpessoais aluno- aluno no âmbito escolar**

Em uma sala de aula há com uma grande diversidade de pessoas. São sujeitos com pensamentos e atitudes diferenciadas, que tiveram criações diferentes e, em decorrência disso, possuem visões diferentes. O relacionamento dentro da sala de aula precisa ser de respeito e cooperação, principalmente entre os alunos, para que ninguém fique constrangido ou com vergonha de manifestar-se.

Nesse sentido, o professor tem a função de mediador, devendo contribuir para que seus



## *As relações interpessoais*

alunos enxerguem as diferenças e aprendam a conviver com elas de forma harmoniosa e respeitosa. Pode-se afirmar que o diálogo e a interação entre a turma devem acontecer sempre, logo, trabalhos em grupos, nos quais todos tenham a oportunidade de compartilhar das discussões e decisões, são primordiais para o desenvolvimento cognitivo e argumentativo dos alunos, sem contar que contribuem também para a socialização e a formação do caráter de cada indivíduo.

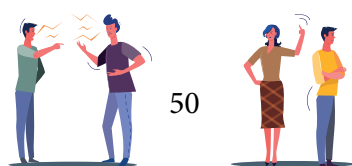
Desde os primeiros anos escolares, é interessante que os alunos tenham consciência da importância do companheirismo e da cooperação na construção de relações firmes e duradouras com os colegas. Aprender a respeitar a opinião dos colegas, dividir tarefas, discutir sobre metodologias e resultados de pesquisa ajudam o aluno a construir seus pontos de vista, tornando-se, assim, sujeito de sua aprendizagem.

Essas práticas, se bem trabalhadas vão ser importantes não somente na escola, mas em diversas situações da vida dos indivíduos. Em contrapartida, o desrespeito às diferenças e a não aceitação do outro podem gerar grandes conflitos em sala de aula.

Conflito é o efeito de uma conexão de poder qualificado pelas ligações de dessemelhança, nas quais os homens competem por privilégios e auxílios; por conexões de dependências onde um deles se tolera com a vantagem ou com o bel-prazer do outro (CARVALHO; VIEIRA, 2007).

O Interacionismo de Robbins (2005, p. 326) esclarece que há diferenças entre o conflito funcional e o disfuncional. O primeiro sustenta a meta do grupo e evolui sua performance. O segundo dificulta a execução do grupo, resultando três tipos de conflitos: o de atribuições referente ao teor e aos escopos; o de relacionamento, que se diz respeito às relações interpessoais; e o de processo, o qual se refere ao modo de como o trabalho é feito.

O conflito e cooperação, ainda segundo Robbins (2005), são contrários quando aquele é tido



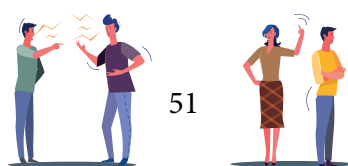
## *As relações interpessoais*

como agressivo. Quando as atitudes positivas aparecem, o atrito e cooperação são sistemas que agregam uma a outra. Na verdade, os alunos se opõem de modo divergente aos obstáculos dos contextos de trabalho carregando a sua história de vida pessoal no ambiente, trazendo consigo a sua característica, sua vivência. Ao ser escolhido para realizar tarefas dentro da escola, observa-se que as contrariedades surgem de relações conflituosas de sua formação e experiência laboral.

Com efeito, algumas razões podem prejudicar um bom rendimento do coletivo: a sua dimensão; o grau de motivação dos integrantes; a desarmonia; problemas de comunicação; e normas limitantes ao seu bom caminho. Nesse sentido, diversos cuidados protegem o bom funcionamento de um grupo, como: beneficiar a inclusão dos indivíduos; observar as fontes de continuidade do grupo; disseminar papéis e probabilidades; fortalecer os valores e respeito às normas e propiciar uma maior coesão das pessoas (QUADROS; TREVISA, 2009).

Aquelas boas ou positivas, conhecidas como Funcionais, podem estimular inovação, criatividade e crescimento, o processo de decisão pode se tornar ótimo, as determinações para os problemas podem ser encontradas; os conflitos levam à colaboração para resoluções de adversidades; o desempenho de todos pode ser aperfeiçoado; sujeitos podem ser coagidos a buscar novos comportamentos para os problemas (RAHIM, 2001 apud MAYER; MARIANO, 2009).

As Consequências ruins ou negativas, nomeadas como disfuncionais, ditam que os conflitos podem motivar cansaço e decepções; a comunicação pode ser reduzida, uma atmosfera de desconfiança pode ser ampliada as relações podem se arruinadas; o desempenho pode ser diminuído; a determinação à mudança pode ser acentuada e a responsabilidade e respeito podem ser afetados (RAHIM, 2001 apud MAYER; MARIANO, 2009).

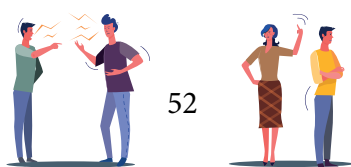


### **As relações interpessoais família e escola e seus conflitos presentes na essência da escola**

A escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão (REGO, 2003). Ambas são responsáveis pela transferência e construção do conhecimento culturalmente constituído, transformando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as probabilidades de cada ambiente. Por conseguinte, a família e a escola emergem como duas instituições essenciais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, operando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social, principalmente no que se refere às implicações desse envolvimento para o desenvolvimento social e cognitivo e o sucesso escolar do aluno.

O autor também analisa a primeira instituição social que, em ligação com outras, busca garantir a continuidade e o bem-estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem-estar da criança. A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000). Ela tem, assim, um impacto expressivo e uma forte extensão no comportamento dos sujeitos, principalmente das crianças, que aprendem as diversas maneiras de existir, de ver o mundo e estabelecer as suas relações sociais. Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas qualidades materiais, históricas e culturais de um dado aliança social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva.

Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios com-



## *As relações interpessoais*

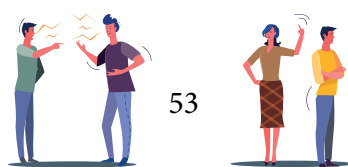
portamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e protegidas (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social.

Essas habilidades sociais e sua forma de expressão, inicialmente desenvolvidas no âmbito familiar, têm repercussões em outros ambientes com os quais a criança, o adolescente ou mesmo o adulto interagem, acionando aspectos salutaros ou provocando problemas e alterando a saúde mental e física dos indivíduos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

O próprio conceito de família e a configuração dela têm evoluído para retratar as relações que se estabelecem na sociedade contemporânea. Não existe uma configuração familiar ideal, porque são inúmeras as convenções e formas de interação entre os indivíduos que constituem os distintos tipos de famílias contemporâneas: tradicional, recasadas, monoparentais, homossexuais, dentre outras convenções (STRATTON, 2003). Os padrões familiares vão se transformando e reabsorvendo as mudanças psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais, o que requer adaptações e acomodações às realidades encaradas (WAGNER; HALPERN; BORNHOLDT, 1999).

A família também é a responsável pela transmissão de valores culturais de uma geração para outra. Essa transmissão de conhecimentos e significados possibilita o compartilhar de regras, valores, sonhos, perspectivas e padrões de relacionamentos, bem como a valorização do potencial dos seus membros e de suas habilidades em acumular, ampliar e diversificar as experiências.

De acordo com Kreppner (2000), a família e suas organizações de interações garantem a continuidade biológica, as tradições, os modelos de vida, além das significações culturais que são atualizadas e resgatadas cronologicamente. Ao desempenhar suas funções, dentre as quais a sociali-

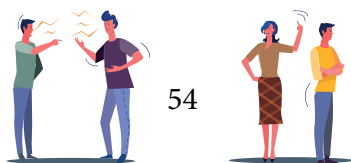


## *As relações interpessoais*

zação da criança, a família institui uma estrutura mínima de atividades e relações em que os papéis de mãe, pai, filho, irmão, esposa, marido, e outros são confirmados. Entretanto, a formação dos vínculos afetuosos não é imutável, pelo contrário, ela vai se diferenciando e prosperando mediante as mudanças da própria ampliação da pessoa, as demandas sociais e as transformações sofridas pelo grupo sociocultural (KREPPNER, 2000).

De acordo com o autor referenciado, além de se adaptar às mudanças decorrentes do crescimento dos seus membros, a família ainda tem a tarefa de manter o bem-estar psicológico de cada um, buscando sempre nova estabilidade nas relações familiares. Neste processo contínuo de busca por estabilidade, as famílias contam ou não com o suporte de uma rede social de apoio, que permite a elas superarem (ou não) as dificuldades decorrentes de transições do desenvolvimento (DESSEN; BRAZ, 2000). Destacada das que acontecem no âmbito familiar, elas são elaboradoras de modificações que podem funcionar como aspectos propulsores ou inibentes do desenvolvimento, entusiasmando, direta ou indiretamente, os modos de criação dos filhos. No entanto, a fundamental organização de apoio da família é oriunda das próprias interações entre seus membros. Contatos negativos, conflitos, rompimentos e insatisfações podem gerar problemas futuros, particularmente nas crianças.

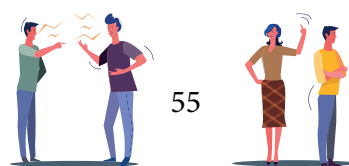
A família e a escola trazem pessoas envolvidas com a criança e suas repercussões na adolescência e vida adulta. Observa-se que a qualidade da relação mãe-criança é transferida, posteriormente, para outras relações interpessoais, na escola e no grupo de amigos. Paralelamente, identificaram que a qualidade da relação com os pares e amigos pode compensar a baixa qualidade de interação com as mães. Os laços afetivos asseguram o apoio psicológico e social entre os membros familiares, ajudando no enfrentamento do estresse provocado por dificuldades do cotidiano (OLIVEIRA; BASTOS, 2002).



## *As relações interpessoais*

Ainda, os padrões de relações familiares relacionam-se intrinsecamente a uma rede de apoio que possa ser ativada, em momentos críticos, fomentando o sentimento de pertença, a busca de soluções e atividades compartilhadas. No entanto, nem sempre as famílias constituem uma rede de apoio funcional e satisfatória, ou mesmo, melhor que outras. Dell'Aglio e Hutz (2002) compararam estratégias de enfrentamento entre crianças institucionalizadas e as que viviam com suas famílias e não encontraram diferenças nas de busca de apoio social e ação agressiva. Segundo os autores, muitas vezes as instituições têm condições físicas, materiais e organizacionais e contam com profissionais e rotinas que estabelecem uma rede social de apoio forte e adequada. Portanto, o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento apropriadas é influenciado pela qualidade das relações afetivas, coesão, segurança, ausência de discórdia e organização, quer na família ou na instituição. Tais aspectos constituem importantes fatores de proteção para o indivíduo, favorecendo o desenvolvimento de habilidades e competências sociais e, conseqüentemente, sua capacidade de adaptação às situações cotidianas (CHAVES et al., 2003).

Diante dos problemas e desafios enfrentados pela família, e sem uma rede de apoio social que promova a superação do estresse, a resolução de conflitos e o restabelecimento de uma dinâmica familiar saudável, as famílias podem desenvolver padrões de relacionamento disfuncionais, tais como: maus tratos à criança, violência intrafamiliar, abuso de substâncias, conflitos, entre outros. Nesses casos, as instituições públicas ou privadas, incluindo a escola, têm um papel importante, oferecendo apoio, direta ou indiretamente, por meio de programas de educação familiar (DESSEN; PEREIRA-SILVA, 2004) ou de elaboração de políticas públicas para a promoção da saúde. Estas devem considerar os fatores de estresse e estimular a formação de redes de apoio social, seja na própria comunidade.



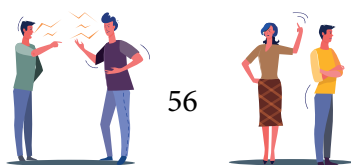


## *As relações interpessoais*

A escola, como espaço de desenvolvimento humano, constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças (MAHONEY, 2002). É nesse espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela (REGO, 2003).

O sistema escolar, além de envolver uma gama de pessoas, com características diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas, em função dos estágios de desenvolvimento do aluno. Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade (OLIVEIRA, 2000). A escola emerge, portanto, como uma instituição fundamental para o indivíduo e sua constituição, assim como para a evolução da sociedade e da humanidade (DAVIES; MARQUES; SILVA, 1997; REGO, 2003). Como um micro-sistema da sociedade, ela não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado.

Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, colaborando para o processo de desenvolvimento do indivíduo. Coerente com essa concepção, à escola compete propiciar recursos psicológicos para a evolução intelectual, social e cultural do homem (HEDEGGARD, 2002; REGO, 2003). Ao desenvolver, por meio de atividades sistemáticas, a articulação dos conhecimentos culturalmente organizados, ela possibilita a apropriação da experiência acumulada e as formas de pensar, agir e interagir no mundo, oriundas desses conhecimentos. Concomitantemente, ela adequa o emprego da linguagem simbólica, a apreensão dos conteúdos acadêmicos e compreensão dos mecanismos entrelaçados no funcionamento men-



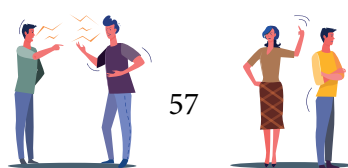
## *As relações interpessoais*

tal, fundamentais ao processo de aprendizagem. Assim, a modernização do conhecimento cultural e sua organização constante são premissas importantes para entender o papel dela e sua relação com a pessoa em desenvolvimento.

No que se refere à aprendizagem e ao currículo, no seu sentido mais extenso, deve abranger todas as experiências realizadas nesse contexto. Isso significa considerar os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes segmentos. Dessa forma, os conhecimentos oriundos da vivência familiar podem ser empregados como intermediários para a construção das informações científicas trabalhadas na escola.

Compreendendo as relações família-escola para entender os processos de desenvolvimento e seus impactos na pessoa, é preciso focalizar tanto o contexto familiar quanto o escolar e suas inter-relações (DESSEN; POLONIA, 2007). Por exemplo, o planejamento de pesquisa sobre violência na adolescência deve incluir tanto as variáveis familiares, que podem contribuir significativamente para a manutenção de comportamentos antissociais na escola, quanto as relacionadas diretamente com a escola, como o baixo desempenho acadêmico, que, aliadas aos fatores interpessoais, acentuam este problema (FERREIRA; MARTURANO, 2002).

Outros exemplos bastante conhecidos são a evasão e repetência escolar. Sabe-se que a estrutura familiar tem um forte conflito na permanência do aluno na escola, podendo evitar ou intensificar a evasão e a repetência escolar. Dentre os aspectos que contribuem para isso, estão as características individuais, a deficiência de hábitos de estudo, a falta às aulas e os problemas de comportamento (FITZPATRICK; YOLES, 2002). Em todos estes fatores, a família desempenha uma poderosa influência. Embora um sistema escolar transformador possa reverter esses aspectos negativos, faz-se imprescin-



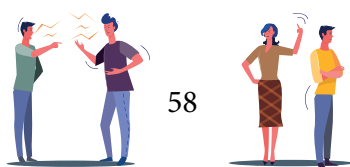
## *As relações interpessoais*

dível que a escola conte com a colaboração de outros contextos que influenciam significativamente a aprendizagem formal do aluno, incluindo a família (FANTUZZO; TIGHE; CHILDS, 2000).

É importante ressaltar que a família e a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele. Estudar as relações em cada contexto e entre eles constitui fonte importante de informação, na medida em que permite identificar aspectos ou condições que geram conflitos e ruídos nas comunicações e, conseqüentemente, nos padrões de colaboração entre eles. Nessa direção, é admirável observar como a escola e, especificamente, os professores empregam as experiências que os alunos têm em casa. Face à leitura, é muito importante que a escola conheça e saiba como utilizar as experiências de casa para gerir as competências imprescindíveis ao letramento.

Os vínculos afetuosos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família admitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações procedentes destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de modo conjunto ou separado. Nesse processo, os estágios diferenciados de desenvolvimento, característicos dos membros da família e também das partes distintas da escola, compõem fatores essenciais na direção de provocar modificações nos papéis da pessoa em desenvolvimento, com repercussões diretas na sua experiência acadêmica e psicológica; dependendo do nível de desenvolvimento e demandas do contexto, é consentido à criança, quando ingressa na escola, um maior grau de autonomia e independência comparado ao que tinha em casa, o que expande seu repertório social e círculo de relacionamento.

Nesse caso, a escola proporciona uma oportunidade de exercitar um novo papel que propiciará mecanismos importantes para o seu desenvolvimento cognitivo, social, físico e afetivo, distintos do ambiente familiar. Um outro aspecto a ser destacado nas pesquisas e programas é a formação das



## *As relações interpessoais*

redes sociais de apoio. Deve-se, então, caracterizar as dimensões distintas de envolvimento, seja na família ou na escola, e descrever como e quando essa rede de relações e apoio à pessoa em ampliação pode ser utilizada. Na família, há o reconhecimento do papel dos pais, irmãos e outras pessoas que convivem com a criança ou adolescente e sua contribuição para o desenvolvimento geral e acadêmico.

Na escola, destacam-se os docentes e os pares, uma vez que estes se envolvem cotidianamente em atividades planejadas e realizam intervenções importantes que afetam o processo de ensino e aprendizagem. Considerando que as redes de apoio são constituídas pela diversidade de interações entre as pessoas, são estas que permitem a construção de repertórios para lidar com as adversidades e problemas surgidos, permitindo sua superação com sucesso (FERREIRA; MARTURANO, 2002).

No tocante à colaboração escola-família, é importante ressaltar a necessidade de estruturar atividades apropriadas à série do aluno, particularmente em se tratando da participação dos pais no seu acompanhamento. Segundo Desland e Bertrand (2005), a necessidade ou não de supervisão dos filhos está atrelada às demandas implícitas ou explícitas que, por sua vez, estão pertinentes a fatores como idade, independência, autonomia e atuação como estudante.

Um dos problemas na integração família-escola é que está ainda não comporta em seus ambientes de aprendizagem e interação os distintos segmentos da comunidade e, por isso, não autoriza uma distribuição equitativa das competências e o compartilhar das responsabilidades. Além disso, o conhecimento dos valores e práticas educativas que são adotadas em casa, e que se refletem no recinto escolar e vice-versa, são imprescindíveis para conservar a continuidade das ações entre a família e a escola (KELLER-LAINE, 1998).

Como se vê, a família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experiência e expandir seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento. A escola também



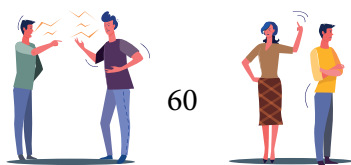
## *As relações interpessoais*

tem sua parcela de contribuição no alargamento do indivíduo, mais designadamente na aquisição do saber culturalmente constituído em suas caracterizadas áreas de conhecimento.

Como destaca Szymanski (2003), a ação educativa da escola e da família apresenta nuances caracterizadas quanto aos objetivos, conteúdos, métodos e questões interligadas à afabilidade, bem como quanto às interações e contextos diversificados. Na escola, as crianças investem seu tempo e se envolvem em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida) e informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). Contudo, neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais é realizado de maneira mais estruturada e pedagógica do que em casa.

As práticas educativas escolares têm também papel eminentemente social, uma vez que contribui para o alargamento e inserção dos indivíduos como cidadãos e protagonistas da história e da sociedade. A educação, em seu sentido amplo, torna-se, pois, uma ferramenta importantíssima para encarar os desafios do mundo globalizado e tecnológico. Apesar da complexidade e dos desafios que a escola enfrenta, não se pode deixar de reconhecer que os seus recursos são indispensáveis para a formação global do indivíduo.

No vestígio desse movimento, a escola tem abrigado estudantes que já vêm com uma carga de concepção que, devido à sua apreensão equivocada, está mais perto de repulsão, discriminação, machismo e distintas formas de desacato ao outro. De acordo com Louro (2017), muitas vezes, nesse movimento, o que predomina é o preconceito – excepcionalmente, esse emerge num primeiro momento, junto à família, grupos religiosos e reforçado pela sociedade. A autora assegura que o conceito de diferença se manifesta entre pessoas e/ou equipes e tem várias formas de distinção e de afinidades (cor, sexo, idade, nacionalidade). Já a heterogeneidade é procedente dessas contestações e afinidades



## *As relações interpessoais*

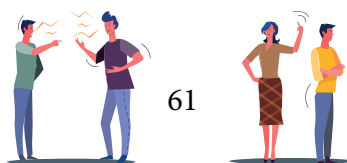
que constituem os sujeitos e/ou grupos. Os dois conceitos advêm sobre o ato de discriminar, tratar distintamente, marginalizar, recusar.

[...] a indiferença, a discriminação, o preconceito, a injustiça, os rótulos é quase que comum nas escolas públicas em relação a alunos que não seguem o padrão idealizado pela escola tradicional, causa indignação, pois a escola é um lugar privilegiado para ensinar as crianças desde cedo, com carinho e respeito pelo outro. (ROMANOWSKI; ROMANOWSKI; PERANZONI, 2011, p. 18).

Na visão dos autores anteriormente citados, a escola seria o lugar apropriado para que, por meio de trabalhos dinâmicos orientados, procure-se uma abertura para um convívio dócil dentre os sujeitos. Ainda reitera-se que esse tipo de tática irá cooperar para que os educadores coloquem temas mais afetuosos e complicados de forma mais compreensível e agradável aos educandos.

Portanto, o papel da escola é ajustar o ser como humano, ou seja, educá-lo a ser, atuar e conviver em coletividade. Ademais, também compete ao docente conjecturar sobre inovações técnicas calcadas na influência que a sociedade pratica sobre os seres, de maneira com que suas atividades necessitem ser realizadas com vistas à realidade dos próprios. Com isso, ser professor, implica em instruir e avaliar. Seus afazeres não cessam quando apresenta provas e gera notas; a função do professor vai extremamente mais adiante. Nessa conjuntura, é importante reforçar o papel da escola como lócus onde as afinidades igualitárias ocorrem e autenticam-se. Esse é o ambiente no qual as principais reações e apreciações nascem e é nesse recinto que há uma correspondência de informação entre os estudantes, docentes, coordenadores e sujeitos envolvidos na comunidade escolar.

Nesse sentido, Demo (1991) destaca que há, em direção, uma edificação possível, ainda com as demarcações atribuídas pelas dificuldades não só do trabalho do educador, mas também da res-



## *As relações interpessoais*

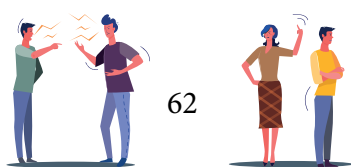
ponsabilidade e conhecimento da família na história do discente. No contexto, esse discurso não pode ser recebido como algo lírico, já que se entende que a coletividade é regulada pelo trabalho e enfraquecimento. Numa oscilação apressada, deixa claro que o indivíduo fica sendo alucinado pelos seus afazeres e isso acontece com a categoria trabalhadora (CIPOLLA, 2014).

Evidencia-se, então, uma legislação e organização do ensino que direciona a prática pedagógica de professores, que se configura uma relação direta com o modo de produção capitalista, no qual a escola “assume” o papel de “indústria” que tem como “produto” final o aluno. Sendo assim, a escola deve caminhar com uma filosofia que vai além da relação ensinar e aprender: é formar para viver numa sociedade excludente e desigual, e que tal prática é mantida quando o professor oferta conteúdos tratados de forma descontextualizada; são atividades tradicionais, fechadas e sem possibilidade de dialogar e realizar as trocas tão necessárias.

Reitera-se que uma das frentes dessa proposta buscou incluir a promoção da interação que, junto à mediação do professor, desenvolvam-se, entre os alunos de diferentes hábitos, costumes e maneiras de pensar, temas pouco discutidos na escola e que, sobretudo, compreenda que as relações interpessoais precisam ser revistas pela comunidade educacional.

Para tanto, Baumann (2012) traz para o debate a noção e ideia de cultura, muito embora essa palavra e sua interação com a sociedade suscitem embates. Entretanto, essa interpretação do autor contribui quando observa a cultura, direcionada aos valores morais na prática social escolar: “A cultura é singularmente humana no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, a justiça, a liberdade e o bem – seja ele individual ou coletivo” (BAUMANN, 2012, p. 205).

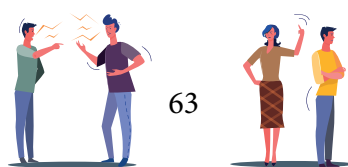
Compreende-se que a escola não é “só” ambiente de se instruir, mas é messe dos estudantes



instruir-se uns com os outros, na influência mútua e intervenção dos docentes. É componente do pensamento e atuação humana agir na ascensão de uma sociedade, no entanto, é indispensável haver em conta a concepção de sociedade e de indivíduo, para atuar no interior da sala de aula com vistas ao movimento maior que ocorre na sociedade em geral (SAVIANI, 1991 apud KASTELIC, 2014).

Ao se discutir as relações pedagógicas e sociais que acontecem em sala de aula, um dos fatores essenciais para o entendimento do grupo em tema é ressaltar como os professores dirigem suas aulas e como os educandos respondem a elas. Ao mesmo tempo em que o docente não pode ser indiferente quanto ao sistema de ideias e às maneiras de pensar, este educador se encontra em um local privilegiado para instruir e explicar como a atuação em sociedade deve ser retratada: sem estranhamento, pensando no próximo e no bem unânime dos colegas, professores e da comunidade escolar em geral.

Fazenda (2011b, p. 31) denuncia essa realidade [...] o professor interdisciplinar traz em si um gosto especial por conhecer e pesquisar, possui um grau de comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa novas técnicas e procedimentos de ensino, porém, antes, analisa-os e dosa-os convenientemente. Esse professor é alguém que está sempre envolvido com o seu trabalho, em cada um de seus atos. Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário desse profissional que luta por uma educação melhor. Entretanto, defronta-se com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano. [...] Em todos os professores portadores de uma atitude interdisciplinar encontramos a marca da resistência que os impele a lutar contra a acomodação, embora em vários momentos pensem em desistir da luta. Duas dicotomias marcam suas histórias de vida: luta/ resistência e solidão/ desejo de encontro.





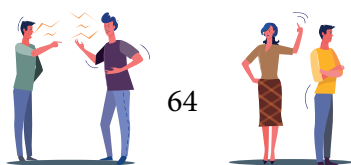
## *As relações interpessoais*

A obra civilizada só será conquistada quando os docentes transparecerem a não isenção às desigualdades sociais, como também pensarem sobre uma práxis mais conscienciosa.

Não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. [...] A prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade. A impossibilidade de ser neutra não tem nada que ver com a arbitrária imposição que faz o educador autoritário a 'seus' educandos de suas opções (FREIRE, 2001, p. 21).

Nessa perspectiva, Freire (2001) assegura que as técnicas pedagógicas precisam acompanhar políticas, limites de pensamento e comandos que não são imparciais. Por isso mesmo, a aprendizagem é sempre elemento reconstutivo político, jamais apenas reprodutivo (DEMO, 2001). Esse acontecimento reconstutivo político pode ser desvendado pela interferência exteriorizada na existência dos educandos. Por essência, qualquer indivíduo é isento das atividades culturais, identificações e experiências externas à escola. Os múltiplos fatores cultivam uma identidade e a escola tem a função de compreendê-la, esclarecer, e não emudecer. Essa reconstrução que Demo (2001) assegura é um procedimento aberto e não unidimensional, afinal, contém ambiente para conhecimento de completas esferas políticas e sociais do ponto em que a escola se estabelece.

Por esse ponto de vista, é possível admitir que as identidades, o reconhecer a si próprio e ao outro são elementos de admirável e de grande valor para a constituição subjetiva e igualitária dos educandos. É necessário que se perceba a importância do espaço escolar. E, no caso, que esse recinto escolar, na sua composição física, está repleto de símbolos e valores que são expressos por meio das relações e costumes dos emaranhados na sua exploração.

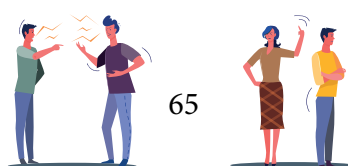


## *As relações interpessoais*

A escola compõe-se desses objetos e pelas pessoas que a empregam e se ajustam das suas acomodações; que, em sua materialidade, divulga e conjectura falas e ações destas, tornando-se, portanto, um ambiente das relações. Segundo Vieira

A escola proporciona, ou deveria proporcionar, aos alunos. Com efeito, nosso foco não é somente definir sua qualidade, mas, sim, a sua finalidade e, para tanto, é necessário pensar que o conhecimento científico constitui-se condição de cidadania e liberdade. Contudo, como já vimos, é preciso que ele seja mediado por uma série de outros elementos que fazem parte do cotidiano do aprendiz, inclusive, na vivência diária da e na escola. Vieira, fundamentando-se em Braslavsky, discorre acerca disso:

[...] pelo cenário que se desenha nos primeiros anos deste século [...]. Dentre os fatores que podem vir a contribuir para construir essa educação, vale a pena referir aqueles destacados por Braslavsky: 1) o foco na relevância pessoal e social; 2) a convicção, a estima e a auto-estima dos envolvidos; 3) a força ética e profissional dos mestres e professores; 4) a capacidade de condução de diretores e inspetores; 5) O trabalho em equipe dentro da escola e dos sistemas educacionais; 6) as alianças entre as escolas e os demais agentes educacionais; 7) o currículo em todos os seus níveis; 8) a quantidade, a qualidade e a disponibilidade de materiais educativos; 9) a pluralidade e a qualidade das didáticas; e 10) condições materiais e incentivos socioeconômicos e culturais mínimos. [...] Por óbvio que pareça, é importante insistir que as políticas e a gestão da educação básica necessitam encontrar seu foco na essência da tarefa educativa – bem ensinar e bem aprender – tudo fazendo para cumprir a função social da escola com sucesso. [...] (VIEIRA, 2007, p. 15).



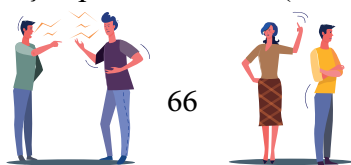
## *As relações interpessoais*

Em concordância com as palavras de Vieira, ressaltamos que a escola só ocupará o seu lócus de agente formador se estiver alerta à sua função precípua: produzir e informar saberes às pessoas. Atualmente, é nessa instituição que o aluno recebe os principais elementos formativos e, precisamente por isso, os atores escolares necessitam estar organizados para essa inovação da função que se avizinha. Os professores, os gestores, a comunidade escolar, em geral, devem cuidar de vários aspectos da formação do ser, sem descuidar do seu papel principal que é cultivar, ensinar e produzir informação científica.

A desígnio da escola estar nessa assertiva, que é transmissão do conhecimento ao outro, não apenas os úteis mas, igualmente, os necessários ao processo formativo, qual sejam, tornar a pessoa apropriada de captar o conhecimento científico produzido pela sociedade e saber conviver com o outro, segundo princípios de civilidade e de ética. Os profissionais da educação devem conhecer e tentar recriar novas formulações pedagógicas, mas para isso, é necessário que a formação deles próprios seja melhor, o que pressupõe uma reformulação na maneira de pensar o objetivo dessa educação de qualidade.

É, pois, nessa condição que a educação escolar pode ocupar papéis na formação humana e intelectual, dedicando-se a preparar e possibilitar ao ser humano condições necessárias para que o mesmo possa desenvolver-se cognitivamente e, de posse dos diversos ensinamentos, saber viver em sociedade, portanto, efetivar o que prescreve a ARTIGOS Políticas Educativas, Porto Alegre, v. 6, n.2, p. 145-160, 2013 – ISSN: 1982-3207 Constituição Federal de 1988:

Art. 205 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p. 38).



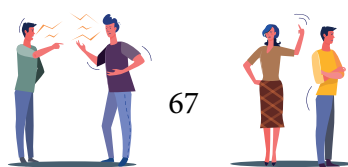
## *As relações interpessoais*

Essa concepção também se encontra estabelecida no Artigo 1º da Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, segundo o qual a educação compreende e abrange os processos formativos desenvolvidos no interior da família, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, assim como em movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações sociais (BRASIL, 1996).

Avalia-se essa ideia ressaltante, porquanto o último faz-se presente porque se contém o ambiente enquanto apoio, continuando disponível para transformar em ambiente a ser estabelecido. A escola, como instituição, é um espaço conjecturado para um determinado uso e ainda, um lugar, por ser um ambiente aproveitado, assumido e sentido de alguma forma.

A escola equivale a um ambiente em que instruir por meio da relação com o outro e com o ambiente é um dos elementos mais extraordinários de aprendizagem dos símbolos, das estimas, dos princípios e das normas de convívio em coletividade. De tal modo, afirma Ribeiro (2004, p. 103) que: “O espaço não é neutro e está impregnado de signos, símbolos e marcas de quem o produz, organiza e nele convive, por isso, tem significações afetivas e culturais”.

Com isso, compreende que o homem atua sobre o ambiente, transforma-se e adequa-se dele e, por conseguinte, esse lugar conjecturará e retratará as revelações, ações, falas, costumes e desempenhos dos que convivem nele, estabelecendo um lugar. Por meio da utilização desses sistemas é que o homem consegue perceber e viver de diferentes modos o espaço, produzindo sensações subjetivas e proporcionando experiências espaciais distintas. O sujeito, no âmbito da escola e em atuação nesta, poderá adaptar sua extensão, sua disposição e suas distinções espaciais e ambientais, a disponibilidade dos objetos e recursos esperados à leitura e investigação, a relação entre todos com os quais



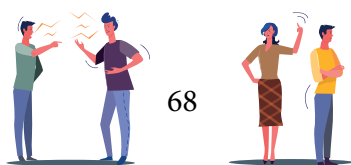
convive e, ao fim, produzirá impressões acerca dessa instituição, através do seu conhecimento.

Diversos educadores lastimam-se da desobediência dos alunos em sala de aula, da deficiência de obrigação com as atividades, da falta de atitude e de calma nas aulas, da desordem, dos maus comportamentos e desrespeito, entre outros. Esses são sinais de indisciplina, por isso, é preciso entender o conceito de disciplina, pois a primeira seria a sua negação. Aborda-se esse tema aqui tendo em vista que ele remete ao uso do espaço. Restrições e permissões, destruição do patrimônio público, descaso e mau uso são alguns elementos unidos a ele e às suas relações.

### **Disciplina x indisciplina no processo de ensino educacional**

Considerada como elemento essencial em uma escola ideal, bem como nas relações estabelecidas nesse ambiente, a disciplina é vista como a maneira de bons modos de conduta que admitam um convívio harmônico. Mas, ao procurar os reais motivos pelos quais os alunos apreendem esse tipo de comportamento, pode-se verificar que muitos se mostram disciplinados porque têm medo do castigo ou conformam-se em achar mais proveitoso, a permanecerem tranquilos a terem que desarmonizar com o educador. Não se trata, conseqüentemente, apenas de boas maneiras: trata-se de ensinar o homem para ser homem, resgatando-o de sua característica animal.

Para se estabelecer as regras e constituir uma resolução, é necessário um consenso para que todos possam ser ouvidos e para que haja discussão sobre o tema e a configuração com a qual se pode trabalhar. Não consecutivamente, o aluno acomodado, reservado necessita pronunciar o que aprendeu e oferecer sua apreciação sobre o contexto explicado em sala, discorrer das suas dificuldades sobre a abordagem em tese, interrogar as atividades indicadas pelo educador, portanto, ele se revolve inde-



## *As relações interpessoais*

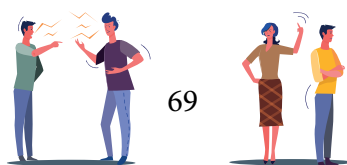
pendente nas suas disposições e torna-se um indivíduo aberto e racional.

A indisciplina é um tema delicado para se discutir, haja vista as várias razões em considerar que um indivíduo cometeu atitudes indisciplinadas na sala de aula, que podem se dar pela perda de alguns valores que conduzem a ética do indivíduo ou por transgredir os princípios estabelecidas pelo coletivo, por não aceitá-las, dentre outras. São exatamente essas maneiras e condutas que são interrogadas no espaço escolar. O que advém no interior do ambiente escolar, ao mesmo tempo, tem articulação com as oscilações externas a ele, isso quando os educandos veem de fatos distintos, encaram dificuldades de todo o tipo, o que é uma realidade dos alunos.

Esse é um dos aspectos de alunos indisciplinados que, a depender de sua faixa etária, de sua maneira, de seu desempenho e experiência, exigem penalidades aceitáveis. Para Michael Foucault:

[...] as medidas punitivas não são simplesmente mecanismos “negativos” que permitem reprimir, impedir, excluir, suprimir; mas que elas estão ligadas a toda uma série de efeitos positivos e úteis que elas têm por encargo sustentar (e nesse sentido, se os castigos legais são feitos para sancionar as infrações, pode-se dizer que a definição das infrações e sua repressão são feitas em compensação para manter os mecanismos punitivos e suas funções (FOUCAULT, 2008, p. 25).

Em adequadas ocasiões, as penalidades são soluções antecipadas e infalíveis para dominar atos de indisciplina, acontecimentos que acontecem na escola estudada. Com isso, antecipa uma correção às transgressões incumbidas, no anseio de que elas não sucedam mais. Essas penalidades, ultimamente, no ambiente escolar, são perspicazes e sugerem muitas ocasiões dinâmicas para o fim a que se propõe, qual seja consistir em, exclusivamente, conter-se e minimizar comoções na escola.



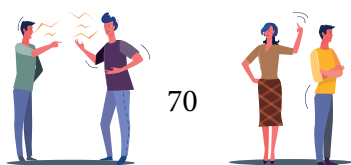
## *As relações interpessoais*

É notória a importância dos educadores e de todos os envolvidos no processo educacional, no qual a indisciplina tem se separado desfavoravelmente, levando a educação a encarar uma série de dificuldades associadas a essa questão. De acordo com Banaletti e Dametto (2015, p. 2) “[...] a educação é indispensável para a formação dos sujeitos, é através dela que são adquiridos conhecimentos, habilidades e saberes específicos e indispensáveis para vivermos e convivemos em sociedade”. Machado e Forster (2015) denotam que o enfrentamento da indisciplina no ambiente escolar deve ser encarado como um desafio para todos os envolvidos no processo educacional, contrariando a postura contemporânea e remanescente da nossa história sócio-político-cultural. Todavia, as questões disciplinares são apontadas como desafio para os educadores.

No entanto, a maioria das pessoas comina a indisciplina como incumbência do professor, o qual se defende e aponta a família como responsável. Os professores, os alunos, os pais, os diretores, os coordenadores pedagógicos compartilham a obrigação de que seja mantida a disciplina em sala de aula, mas recai sobre o docente a obrigação de que está se efetive; dele é cobrado não deixar que condutas de indisciplina se instalem em sua classe (MUTTI, 2014).

A indisciplina deprecia a aprendizagem dos educandos gerando insatisfação para os docentes, que se sentem desmotivados na carreira profissional. Nos estudos de Oliveira e Graça (2013), a indisciplina é determinada repetidas vezes como a maior causa de aborrecimento e frustração, o essencial motivo de estresse dos educadores, a fundamental fonte de inquietação, o básico desperdiçador de energia para a generalidade dos docentes em início de carreira e um dos fatores de abandono prematuro da profissão. Confirmando com este contexto.

A indisciplina se caracteriza em vários níveis, tais como inquietação, conflitos e comoção. De acordo com Castro (2010) (i) a inquietação pode afetar o rumo das aulas ou mesmo da escola; (ii)



## *As relações interpessoais*

os conflitos podem afetar as relações formais e informais entre os educandos, podendo atingir alguma agressividade e agressão, abrangendo por vezes atos de chantagem, violência física ou verbal, roubo, destruição etc. Além disso, os conflitos podem afetar, também, a docente-discente, colocando em motivo do comando e o estatuto do professor; (iii) já o vandalismo versus a instituição escolar procura, muitas vezes, atingir tudo aquilo que ela significa. Busquets et al. (2015) consideraram a possível encontro de comportamentos indisciplinados na sala de aula sobre o rendimento acadêmico, entendendo a vivência de dois fatores que explicam a indisciplina escolar e que designaram de indisciplina instrucional e indisciplina convencional.

Indisciplina consagrada refere-se a um comportamento que não corresponde às regras e aos costumes de uma determinada associação; envolve o desempenho que conduz a vida social, com isso, apresentando-se como um comportamento antissocial. São modelos de indisciplina convencional: interrogar – no sentido de negar – os princípios de convivência, atacar os outros, afrontar, roubar ou destruir patrimônios públicos (Busquets et al., 2015). A indisciplina instrucional além disso se refere às regras de comportamento em um grupo social, mas neste acontecimento, centra-se no âmbito escolar.

Não há corretivos nem o uso da agressão, e sim um diálogo controlado e rigoroso que se emprega de soluções que movem com o psicológico. Por exemplo, o estudante que atacou um amigo será suspenso, deixará de comparecer às aulas durante certos dias e só retornará na presença dos pais. Além disso, o vice-diretor tem uma conversa séria com ele, ameaçando expulsá-lo se o fato acontecer novamente. Diante dessa “ameaça”, ele se sente coagido e, para evitar a expulsão e o julgamento negativo do “outro”, procura não cometer mais essa infração. Nesse caso, ele se mostrou um indivíduo que reconheceu o erro, pois, por um lado, não desconheceu e nem desprezou o juízo do outro, e, por outro, analisa sua atitude, esta condenável pela ética.





## *As relações interpessoais*

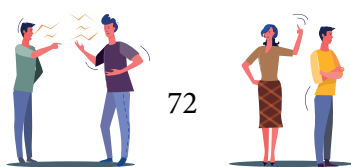
Entretanto, há episódios nos quais nem toda disciplina é moral, porquanto ficar assentado, pacífico e atento às exposições do docente não demonstra a ética, e nem toda desobediência é condenável moralmente, pois o educando que é diminuído e injustiçado se conhecerá no direito de se rebelar contra o atacante. Além disso, nem consecutivamente o aluno que segue as regras disciplinares da escola tem em pensamento os benefícios; em muitas ocasiões, é pelo receio da punição ou por entender mais benéfico não encarar o educador.

Dito isto, entende-se que, além de adaptar condutas e de proporcionar um espaço adequado à concretização das agilidades e das relações, é necessário o empreendimento de outros esforços para a construção de boas relações na escola, dentre os quais destacam-se os que serão apresentados subsequentemente.

### **A relevância das relações interpessoais em foco na sala de aula**

Antes de censurar sensatos atos como indisciplinados, há de se avaliar o motivo de ser das normas e dos procedimentos destinados. O docente tem uma ampla e complexa empreitada, que é desempenhar e conhecer as distintas origens éticas da moral dos alunos, por meio da sua sugestão de trabalho, baseada no conhecimento, pois, por meio deste, irá realizar conhecimentos dos princípios, de semelhanças e diferenças, além de proporcionar a regulação das ações e operações humanas, norteando para o desempenho moral. Isso, já que, se o educando é excitado a raciocinar, a brotar seu favorável conhecimento, partirá, por conseguinte, transtornar as suas ansiedades e indisciplinas,

Hoje em dia, diversos docentes se acham ineficazes e indecisos ao se encontrarem com problemas cada vez mais repetidos de indisciplinada, de agressão ou de conflitos, tais como violências



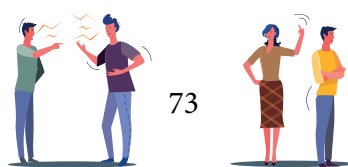
## *As relações interpessoais*

físicas e orais, peculatos, afrontas, indisciplina às normas, bullying, dentre outros. Alguns educadores parecem confiar que os conflitos consistem em episódios irregulares, que não fazem parte do “currículo”, nem de seu trabalho como docente e, ainda, idealizam consonância ou paz como ausência destes. Perante as confusões, esses professores se sentem indecisos e ignoram como poderiam intervir de maneira construtiva.

Preocupados, os mestres verificam que as confusões estão sendo ajustadas de forma cada vez mais constrangedora, mas se sentem despreparados para realizar intervenções diferentes de reprimir, castigar, culpar, repreender, advertir, recusar, ou ainda, desconhecer; acabam por educar moralmente, agindo de maneira intuitiva e improvisada, regulando suas intervenções, principalmente no senso comum.

Por consecutivo, acabam por ter reações descontroladas que, não incomum, somente agravam a dificuldade ou somente contêm a desordem no ambiente escolar. Um exemplo comum pode ser observado quando determinados estudantes não agredirem dentro da escola, mas resolverem seus conflitos fora dessa instituição, ou, além disso, usarem os meios de conversação eletrônica, como a Internet para ofender, vingar-se ou atemorizar. Essas circunstâncias também denotam a dificuldade de determinados jovens resolverem seus conflitos sem violência, de chegarem a resultados que favoreçam, pelo menos parcialmente, os envolvidos, e de propagarem seus anseios sem acarretar prejuízo aos outros.

A concepção sobre os conflitos do professor e, conseqüentemente, o tipo de intenção realizada por ele ao se deparar com desavenças entre as crianças e jovens interfere nas interações entre os alunos e no desenvolvimento socioafetivo deles, transmitindo mensagens que dizem respeito à moralidade. Na presente pesquisa, quando embasada pelos autores Vinha (2003) e Tognetta e Vinha (2007)



## *As relações interpessoais*

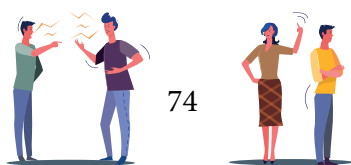
Na resolução de seus próprios conflitos, empregam mecanismos ainda primitivos, tais como as reações impulsivas, submissas ou agressivas; a não interação; as soluções unilaterais; a mentira, entre outros. Como são privados de entender as justificativas para os valores e normas nas relações, esses jovens tendem a orientar suas ações de modo a receberem gratificações, evitarem castigos, ou por mero conformismo, demonstrando que os valores morais foram pobremente interiorizados.

Na concepção de Kanaane (2006), com o intuito de atenuar os conflitos nas organizações, passam a dar mais evidência à criação de grupos semiautônomos e operativos e na implantação de modelos participativos tendendo a um maior comprometimento dos sujeitos envolvidos na realização das ocupações.

As pessoas veem no trabalho a oportunidade de encontrar sujeitos com quem possam manter boas relações e ter prazer em trabalhar. Assim, boas relações entre os colegas fazem com que os sujeitos encontrem sentido para suas vidas, gerando satisfação no trabalho (ROBBINS, 2009; MORIN, 2002 apud SCHRÖDER, 2012).

De acordo com Herzberg (1971 apud MEISTER, 2013), as insatisfações são resultantes de fatores desenvolvidos nas organizações por meio das relações interpessoais e das condições de trabalho. Sendo assim, para o autor, a satisfação depende muito dos fatores externos ao indivíduo, ou seja, do contexto no qual se encontra. Atingir a satisfação, segundo Meister (2013), pode levar pouco ou muito tempo. Segundo ele, as pessoas são dinâmicas e estão em constante mudança; permanecem sempre em uma busca eterna por satisfação, e quando a atingem, redirecionam a busca, e assim sucessivamente. Isso faz surgir uma infinidade de situações que são despertadas em cada momento, conforme as circunstâncias em que se vive.

Certamente, as subversões são inevitáveis em classes de aula em que a intercâmbio social e



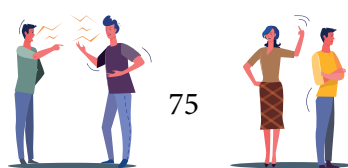
## *As relações interpessoais*

as tarefas em grupo são apreciadas. Evidentemente, numa escola cujo recinto sócio ético é cooperativo, ou seja, em um conjunto em que as influências mútuas sociais no meio dos pares são beneficiadas, em que os estudantes adquirem determinações, concretizam atividades no coletivo, tomam algumas responsabilidades, tem preferências etc., existirá bem mais condições de conflitos do que na escola clássica, na qual os alunos, em geral, interagem extremamente pouco uns com os outros, permanecendo durante grande parte do período em silêncio, entorpecidos, transcrevendo questões, resolvendo publicações de exercícios, escutando as explanações do educador, encarregando ao docente determinar as dificuldades e seguir todas as determinações. Portanto, pode-se conjecturar de um grupo de alunos silenciosos e que possui pequenas divergências.

Todavia, para o docente que adota uma postura construtivista, as subversões são envolvidas como naturais em qualquer relação e necessárias ao desenvolvimento da criança e do jovem. São vistas como oportunidades para que os valores e as regras sejam trabalhados, oferecendo “pistas” sobre o que precisam aprender. Por conseguinte, suas intervenções não enfatizam a resolução do conflito em si, o produto (como resolver?), mas sim o processo, ou seja, a forma com que os problemas serão enfrentados (o que eles poderão aprender com o ocorrido?).

Os educadores que possuem essa concepção compreendem o conflito e sua resolução como partes importantes do “currículo” tanto quanto os outros conteúdos que devem ser trabalhados, e não apenas os vendo como um problema a ser resolvido. De acordo com essa perspectiva, ao invés de o professor gastar seu tempo e energia tentando preveni-los, deve aproveitá-los como oportunidades para auxiliar os alunos a reconhecerem as perspectivas próprias e as dos outros e aprenderem, aos poucos, como buscar soluções aceitáveis e respeitosas para todas as partes envolvidas.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) publicou



## *As relações interpessoais*

recentemente, no Brasil, um estudo de Abramovay et al. (2003 apud UNESCO, 2004) sobre escolas que inovam nas suas práticas diárias. A organização aponta que aquelas escolas que valorizam o diálogo com seus alunos, tratando-os com respeito e dignidade, são as mais bem-sucedidas na sua caminhada pela educação. Como dizem Mosquera e Stobäus:

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém pouco dispostos a ouvir. O ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem de estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade. Outro aspecto que aparece como pano de fundo do que estamos colocando é que nos acostumamos a viver com as máscaras que colocamos em nós mesmos e nas outras pessoas. [...] Às vezes esta máscara é tão imponente que passamos a senti-la tão grudada à nossa pele que parece que temos esta outra pele. Voltaríamos a perguntar: que tipo de disposição temos para ouvir, para ver, como pré-requisitos para atuar? (MOSQUERA; STOBÄUS, 2004, p. 97).

Ao agir assim, o educador demonstra reconhecer a importância de desenvolver-se nas crianças e jovens habilidades que os auxiliem na resolução de conflitos interpessoais e, conseqüentemente, favorecer a formação de pessoas autônomas. Por exemplo: situações de mentira constituem-se em oportunidades para refletir sobre a necessidade da veracidade para manter o elo de confiança; circunstâncias em que há agressões físicas ou verbais entre os alunos podem ser aproveitadas para trabalhar o reconhecimento dos sentimentos e a resolução das desavenças de forma não violenta e mais eficaz, por meio do diálogo; e assim por diante.

É na sala de aula que se produzem esses encontros. Da mesma forma, acontece em empresas,



## *As relações interpessoais*

escritórios, entre uma mesma categoria profissional e dentro de casa, sem entrar no mérito da razão de um lado, da culpabilidade do outro, sem querer discutir se os conflitos são influenciados pela cultura extramuros ou se os conflitos oriundos das salas de aulas são estopins para as desavenças futuras na sociedade. Precisa-se, como cidadãos, reconhecer que nossa fragilidade está realmente aí: nas relações humanas. São essas questões que entram projetos, que destroem sonhos, que emperram trabalhos, trazendo prejuízo a todos os envolvidos.

Por reconhecer a importância de favorecer a atividade no interior do sujeito, o professor que pauta suas intervenções nessa concepção reconhece que o conflito vivido pelos alunos não lhe pertence. Assim sendo, não lhe cabe resolvê-lo, retirando-os do conflito.

A dimensão subjetiva do conceito é certamente subjetiva, mas existe a noção clara de que se aborda, sem dúvida da contravenção de regras, normas ou leis pré-estabelecidas de alguma instituição ou entidade. No caso da escola, o que é constrangedor é que a indisciplina afeta profundamente o clima de sala de aula necessário à aprendizagem de todos os alunos (VEIGA, 2007), citado por Monteiro (apud MONTEIRO, 2013).

Por meio do professor, a escola deve ajudar os alunos a controlarem seus impulsos, tornando-os aptos a refletirem sobre as consequências de seus atos. Ressalta-se, todavia, que, se os esforços do professor para mediar um atrito entre as crianças estão mostrando-se ineficientes porque elas estão com exaltação, ele pode pedir que se separem até se sentirem mais calmas, podendo escutar e falar. Quando se tem a concepção de que harmonia não significa ausência de conflitos pois estes são situações necessárias para a aprendizagem, e que lidar com eles não é algo “desviante” da função de educador, modificam-se, inclusive, os sentimentos diante dos mesmos.

Compreende-se que os problemas ou desavenças, por serem naturais em qualquer relação,



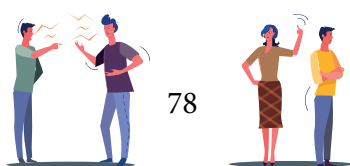
## *As relações interpessoais*

devem ser administrados, não sofridos. A angústia ou a insegurança leva o sujeito a resolvê-los rapidamente, de forma improvisada, para precaver-se daquilo que gera esses sentimentos. Assim, muitas vezes, as intervenções são autoritárias e, não raro, desastrosas. Uma resolução considerada eficaz em um conflito é aquela que minimiza ou elimina as causas que o gerou. Algumas pesquisas indicam que:

O conflito pode ser um contexto construtivo, mas também pode ser destrutivo. Nesse processo, a postura do professor fará grande diferença. Muitas vezes, a intervenção descuidada do adulto só faz com que os educandos tentem esconder o conflito e, outras vezes, a interferência do professor pode aumentar as hostilidades e acarretar maiores problemas. Daí a importância de se estudar e refletir com profundidade sobre esta dimensão das relações educativas tão necessária para a realização de um trabalho construtivo na escola, para minimizar a violência, para a melhoria das interações sociais e para um maior favorecimento do desenvolvimento sócio moral de suas crianças e jovens (TOGNETTA; VINHA, 2008, p. 9).

Concebendo-os como inseparáveis às relações e necessários ao crescimento individual ou de um grupo, lida-se com os conflitos de forma mais serena, percebendo a necessidade de, muitas vezes, planejar o processo de resolução dos mesmos, compreendendo que os procedimentos que serão empregados, as situações promovidas ou as regras que serão elaboradas não devem apenas atuar sobre as implicações de uma dificuldade, mas sim, sobre as causas.

Uma vez entendida a importância da boa relação em sala de aula, deve ficar claro que, além de adaptar condutas e de proporcionar um espaço adequado à concretização das habilidades e das rela-



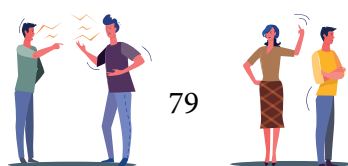
## *As relações interpessoais*

ções, os ambientes escolares podem ser estimados em aglutinadores, ou seja, em marcos igualitários, consistindo em palpáveis os que habitam agrupar as pessoas; ou em desagregadores, em conclusões sociais, referindo-se àqueles que tendem a separar as pessoas. Mas essas últimas designações vão estar sujeitas ao constructo em que elas são empregadas, pois nem sempre o que é aglutinador em costumes será também em atitude em diversidade.

Em relação aos trabalhos da escola, apresentam a sua importância, sua significação e quem os determinam pode designar condições que conduzem à inserção ou à exclusão, destacando que muitas ocasiões não são explícitas, mas conduzidas pela escola naquilo que designa o chamado currículo camuflado, o qual é instituído por todos aqueles aspectos que não fazem parte do currículo piloto, contudo, colaboram para aprendizagens sociais proeminentes.

Esse metodologia de interação se torna cada vez mais complicado, cenário que o aspecto da escola contemporânea é o da diversidade, os educandos são distintos nas origens sociais, na renda familiar, na etnia, na expectativa do futuro, nos importâncias éticas e outros (BOGGINO, 2005; CHRISPINO; CHRISPINO, 2011). Nessa conjuntura, a indisciplina pode nascer quando se constituem falhas na comunicação, os diferentes não abrangem os códigos verbais, para verbais e não-verbais utilizados no espaço escolar, como exemplo, certos gestos do estudante, interpretados pelo docente como ofensivos, têm significados diferentes em seu meio social. A escola não leva em estima hábitos e discursos próprios dos educandos. Isso pode torná-los desmotivados, passando a abdicar a escola (CAEIRO; DELGADO, 2005; ESTRELA, 2002).

Por exemplo, existe uma biblioteca onde acontecem atividades destinadas basicamente à leitura e pesquisa. Para serem concretizadas tais atividades, são necessários objetos que lhe deem toda a base, como livros, revistas e jornais. De tal modo, os educandos podem ocupar e usar o recinto a de-





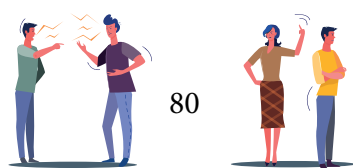
## *As relações interpessoais*

pendar das suas necessidades, que são consentidas na biblioteca. Nesse espaço institui-se uma leitura silenciosa, seja para pesquisar sobre determinado assunto, seja para simplesmente ler sobre as notícias do dia. Assim, evidencia-se a afinidade de determinados alunos ao ambiente físico que, nesse caso, foi investido, voltado para as atividades educativas e aos educandos que frequentam esse ambiente.

Observa-se, então, que as atividades que incidem neste espaço completam as necessidades dos alunos ou apenas os induzem a permanecerem nesse lugar, espontaneamente ou não. Desse modo, ocorrem as relações interpessoais e pedagógicas entre os envolvidos. Entretanto, muitas vezes, o indivíduo é obrigado ou proibido de permanecer em determinado ambiente, ou até mesmo de transitar em outros espaços, conjecturando, de tal modo, sinais de exclusão, exercitada por outros alunos ou até mesmo pela administração da escola. Essa, com certeza, é uma prática que foge ao ideal de uma escola inovadora, que preza pela valorização do respeito às diferenças.

Lidar com a diversidade é um desafio que insinua transformar a escola no global: no projeto pedagógico, na atitude diante dos educandos, entre outros. A finalidade é valorizar as peculiaridades de cada discente, acolher a todos na escola e acionar a heterogeneidade porque o importante é que se introduza a diversidade. Ao aceitar e reverenciar as diferenças sociais, étnicas, corporais, sexuais, religiosas e intelectuais do outro e tirar utilidade positivamente delas, o estudante permanecerá colaborando para sua aprendizagem. Isso, pois, a partir do momento em que conhece e lida com as diferenças, desconstrói a ideia preconceituosa a propósito dos fatos e recebe o outro com suas especialidades, as quais perpetram parte do nosso dia-a-dia, das suas experiências e dos ambientes que convive e dos quais se adequa, constituindo-se ator principal, ao mesmo tempo, dessa atuação humana.

A ação de respeitar as diferenças produz a ideia de aprendizado. O indivíduo que se coloca no lugar no outro aprende a conviver com o diferente. Isso conduz à participação das pessoas (da



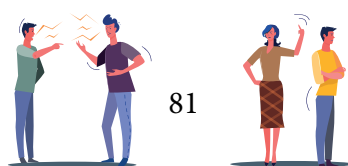
## *As relações interpessoais*

genealogia, da sociedade, dos instrumentos públicos, do governo) com uma inovação na proposta educacional que comemore a heterogeneidade e as diferenças. Porém, excepcionalmente, nem todos estão dispostos para lidar com a diversidade, e, para sempre, as desigualdades sociais foram despontadas em distintas maneiras de isenção, em diversos segmentos sociais, seja no domicílio ou na escola. No espaço escolar, é comum a exclusão. Ela se faz presente entre educadores e alunos, entre alunos e alunos, entre docentes e docentes, entre educadores e funcionários etc.

Para que haja o respeito às diferenças no ambiente escolar, este deve ser projetado de forma a prever adaptações, como a utilização de rampas, sanitários para deficientes físicos, sinalizações, circulações largas, dimensionamentos apropriados aos espaços, dentre outras. A educação, como direito global e obrigação do Estado, necessita ser oferecida de caráter a consentir toda a população infanto-juvenil que se acha em qualidades de frequentá-la, ou seja, a educação deve considerar toda a clientela que precisar, compreendendo, assim, os portadores de deficiência. Como decorrência desse princípio, há necessidade, por parte do poder público, de garantir recursos humanos e físicos para acolher a toda esta ação (BRASIL, 2006, p. 1-2).

Há a necessidade de efetivar-se análises das categorias de acessibilidade nas edificações escolares. Para isso, o diretor tem a função de adaptar-se às necessidades de melhoras e conservação da escola, determinar as preferências e fazer o encaminhamento de solicitações de verbas aos órgãos adequados, utilizando da sua autonomia como gestor, desde que não contradiga os princípios do comando central.

Numa visão global, entende-se que, apesar de o professor ser um elemento primordial em busca da formação de identidade de um ser, o diretor-gestor é um componente essencial para a renovação ou para a ampliação de qualquer inovação pedagógica e, especialmente, para o êxito de todas



## *As relações interpessoais*

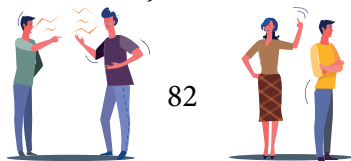
as tarefas que são desenvolvidas no interior do universo escolar. Assim, para que tudo isso aconteça, é fundamental que o gestor possua uma índole ética e um vínculo saudável com professores e demais funcionários da escola. É necessário que um líder pedagógico tenha acuidade no tratamento pessoal com os demais funcionários, ganhando apreço e colaboração de todos os incluídos no setor educacional.

Assim sendo, o diálogo é fator primordial no que se refere às relações interpessoais, pois ele é responsável por toda a ação de um indivíduo. Com isso, é necessário usar sempre de uma linguagem, um diálogo que transmita confiança, controle da situação e, principalmente, respeito ao outro. Enfatizar o diálogo e usar de uma linguagem clara conduz-nos a um estudo interessante de Leila Perrone-Moisés, que, em seu ensaio intitulado *Promessas, encantos e amavios*, esboça uma opinião interessante sobre a forma de se reportar ao outro. Na argumentação da autora:

A linguagem não é só meio de sedução, é o próprio lugar da sedução. Nela, o processo de sedução tem seu começo, meio e fim. As línguas estão carregadas de amavios, de filtros amatórios, que não dependem nem mesmo de uma intenção sedutora do emissor (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 13).

Nesse contexto, compreende-se que o gestor deve sempre se portar ao aluno e profissionais da educação de maneira que sua fala e seus propósitos sejam ouvidos, não como forma de exigência, mas sim, de forma que favoreça, por sua harmonia, a atenção do outro, que respeitosa e tranquilamente travará uma comunicação serena e democrática, independentemente da situação de um conjunto de problemas instantâneos.

É conhecido que uma escola guiada de maneira autoritária não contribuirá para a formação de competências morais e para a construção do cidadão que acredita integralmente na democracia.



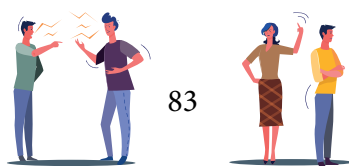
## *As relações interpessoais*

Uma escola com direção rigorosa, na qual todas as decisões são concentradas nas mãos de uma só pessoa e cujas normas de convívio, assim como o projeto pedagógico, já se encontram predeterminados por princípios e concepções preestabelecidos, não consente o diálogo e a sua reestruturação constante com alicerce na busca global de contemporâneos e melhores caminhos para os estímulos cotidianos experimentados desde o passado.

É imprescindível salientar que todos acreditam em uma escola como um ambiente encantador, apto a superar seus obstáculos, não com um gestor autocrata e cruel, e sim com profissionais que, em vez de se lastimar por qualquer fracasso, consigam dialogar uns com os outros e pautar objetivos que podem impulsionar o êxito do ensino-aprendizagem. Uma escola comunidade, favorecida de ideias e vida próprios, contextualizada na instrução local e globalizado no contexto pátrio e burocrático mais geral. Alarcão (2001) faz uma análise à volta da escola que todos anseiam:

Desejo assim uma escola que conceba, projete, atue e reflita em vez de uma escola que apenas executa o que os outros pesaram para ela [...] Não quero uma escola que se lamente do insucesso como um pesado e frustrante fardo a carregar, mas uma escola que questione o insucesso nas suas causas para, relativamente a elas, traçar planos de ação. Uma escola que reflita sobre os seus próprios processos e as suas formas de atuar e funcionar [...]. Uma escola que saiba criar as suas próprias regras. Mas que, ciente da sua autonomia responsável, [...], justificar os seus resultados e auto avaliar-se para definir o seu desenvolvimento (ALARCÃO, 2001, p. 82).

Compete, aqui, evidenciar que, para almejar esse nível de escola nova, preferencialmente, antes de tudo, faz-se necessário organizar, através de diálogos e reuniões, atitudes que dirijam a cons-



## *As relações interpessoais*

tituição de uma escola autora e autossuficiente de suas atitudes, em que os profissionais da educação sejam conscientes de que o conhecimento é se dá de forma isolada.

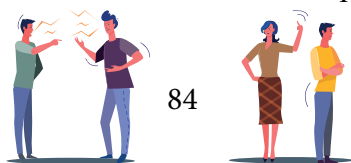
A finalidade das reuniões, bem como assembleias regulares com professores e demais profissionais da educação, além de afunilar as relações interpessoais e a convivência no âmbito dos espaços grupais, colabora para a atuação das pessoas nos espaços de tomada de decisões. Uma escola que alcança promover a colaboração de toda a comunidade nos processos decisivos, por meio dos vários tipos de reuniões ou assembleias, rigorosamente estará caminhando para sua socialização bem-sucedida.

Para Gil (2001), motivação é uma força que provém do interior de cada pessoa que a estimula a agir. Todos entendem que uma pessoa não é capaz de motivar a outra, sendo assim, os gestores não podem diretamente motivar seus colaboradores, mas podem provocar ou despertar a motivação que existe em cada um deles.

Segundo Gil (2001, p. 202):

O comportamento humano é motivado pelo desejo de atingir algum objetivo. Nem sempre, porém, este objetivo é conhecido pelo indivíduo. Boa parte da motivação humana localiza-se na região abaixo do nível do consciente, conforme a analogia do iceberg apresentada por Freud.

O autor percebe que, algumas vezes, nem o próprio sujeito consegue identificar qual o objetivo que o motiva. Assim, o gestor também não consegue entender o que motiva alguns colaboradores. Segundo Bom Sucesso (2002), a desmotivação está presente em diversas empresas e o estímulo ao autoconhecimento, efetivado através da realização de seminários e eventos, pode ajudar as pessoas desmotivadas a recuperarem o entusiasmo e a vontade de produzirem algo que faça sentido. Para Bom



## *As relações interpessoais*

Sucesso (2002), é importante que o gestor dê mais importância aos sentimentos de seus colaboradores; que busque saber o que eles pensam e desejam e, principalmente, identifique o grau de motivação em que se encontram, para, então, poder ampliar formas de estimular o empenho e motivação do grupo.

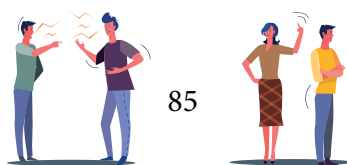
Considera-se, então, que, nas escolas, o Projeto Político Pedagógico é a consumação de uma boa comunicação entre todo corpo escolar e, portanto, faz-se necessário que existam vínculos interpessoais saudáveis entre os envolvidos, objetivando resultados positivos e, essencialmente, que abracem a veracidade escolar.

O gestor escolar tem, portanto, papel essencial, que é o de liderar um grupo de trabalho cujo objetivo é trabalhar em prol de uma educação de qualidade para todos. Segundo Lück (2005), a liderança deve ser baseada na vigilância e nos procedimentos democráticos:

A liderança participativa é uma estratégia empregada para aperfeiçoar a qualidade educacional. Constitui a chave para liberar a riqueza do ser humano que está presa a aspectos burocráticos e limitados dentro do sistema de ensino e a partir de práticas orientadas pelo senso comum ou hábitos não avaliados. Baseado em bom senso, a delegação de autoridades àqueles que estão envolvidos na realização de serviços educacionais é construída a partir de modelos de liderança compartilhada [...] (LÜCK, 2005, p. 35).

Quando o gestor da escola propicia frequentes diálogos e a participação efetiva de todos os envolvidos, ele instaura a consciência de reflexão e de relevância do dever de cada um, gerando um clima de harmonia e motivando, assim, todos aqueles que contribuem e lutam à procura de uma educação de qualidade e de um ambiente prazeroso para se trabalhar.

Ainda cabe ao gestor a função de trabalhar com as divergências e as multiplicidades de



## *As relações interpessoais*

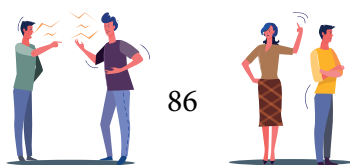
personalidades, uma vez que cada indivíduo traz, para a convivência social e escolar, suas particularidades e culturas. Assim, o gestor deve estar preparado para buscar possibilidades que respeitem a relevância de todos, e, essencialmente, compreender que o sucesso escolar depende da cooperação efetiva de todos os profissionais, englobando merendeiras, pessoal de apoio, agentes administrativos e, por fim, estabelecendo uma convivência de afinção e conscientização em benefício de uma educação de qualidade.

Para haver uma boa administração escolar, o gestor precisa, primordialmente, ter um comportamento de líder, que não mede limites para buscar as mudanças necessárias, envolvendo todos os envolvidos nas ações escolares. Quanto a essas modificações, Lück et al. (2005) afirmam:

O ensino público no Brasil está experimentando transformações profundas. Reformas nacionais juntamente com iniciativas em âmbito estadual e municipal estão alterando as práticas pedagógicas e a organização escolar, na tentativa de dar eficácia à escola e universalizar o seu acesso. Nunca antes na história do Brasil a questão da educação pública foi tão evidente na mídia, na vida, na política e na consciência do cidadão comum. Vem-se reconhecendo amplamente que a educação é um elemento fundamental no desenvolvimento social e econômico e que o ensino no país [...] (LÜCK et.al. 2005, p. 9).

Entende-se, então, que toda administração pública requisita uma visão especial voltada às modificações que, evidentemente, interferem nas práticas pedagógicas, atraindo transformações a todo instante. Ainda, na visão de Lück (2006), toda gestão está relacionada ao ato democrático do processo pedagógico. Destaca:

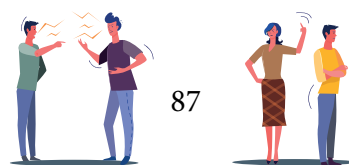
Gestão é uma expressão que ganhou corpo no contexto educacional acompa-



## *As relações interpessoais*

nhando uma mudança de paradigma no encaminhamento das questões desta área. Em linhas gerais, é caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação e planejamento de seu trabalho. O conceito de gestão está associado ao fortalecimento da [...], à participação responsável de todos nas decisões necessárias e na sua efetivação mediante um compromisso coletivo com resultados educacionais cada vez mais efetivos e significativos (LÜCK, 2006, p. 1).

Com isso, compreende-se que uma escola direcionada por um gestor que cuide com a integração de todos os comprometidos no processo de ensino-aprendizagem irá enfrentar, com aptidões, todos os desafios e adversidades encontrados no ambiente escolar, sem a ansiedade de apontamentos, pois uma escola na qual todos estão envolvidos no intuito de aperfeiçoar o ensino é uma escola que trabalha coletivamente





# Capítulo

# 2

## MARCO METODOLÓGICO

---



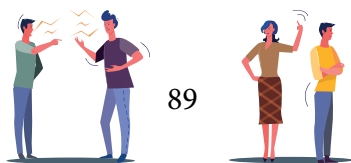
Segue a descrição dos passos adotados para a execução da proposta deste estudo, realizado no ano de 2019. Salienta-se que todas as etapas seguiram um cronograma previamente elaborado, pois, como afirma Gil (2014, p. 42) a pesquisa pode ser entendida como um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”, que tem como objetivo principal a descoberta de respostas para problemas concretos, mediante a utilização de procedimentos científicos.

### **Caracterização da pesquisa**

A presente pesquisa pode ser caracterizada quanto a sua natureza como uma pesquisa descritiva por buscar descrever a realidade de uma escola pública. Quando a abordagem dos dados, o estudo é caracterizado como quali-quantitativo, utilizando-se, inicialmente, um estudo bibliográfico a fim de ampliar o conhecimento sobre a temática com base em estudos já realizados. Em seguida, realizou-se pesquisa de campo uma vez que visa descrever e analisar as características de determinada população (alunos, professores e coordenadora pedagógica de uma comunidade escolar específica) de modo a estabelecer relações entre variáveis de interesse, a saber: as relações interpessoais estabelecidas pela comunidade intra e extra escolar; os conflitos alojados; e o desempenho alcançado pelos alunos nas avaliações regimentais da escola.

Enfatiza-se ainda que, ao procurar investigar a natureza dessas relações, a pesquisa aproxima-se do nível explicativo (GIL, 2010; 2012). De acordo com Laville e Dionne:

A partir do momento em que a pesquisa centra-se em um problema específico, é em virtude desse problema específico que o pesquisador escolherá o procedimento mais apto, segundo ele, para chegar à compreensão visada. Poderá ser um procedimento quantitativo, qualitativo, ou uma mistura de ambos



(LAVILLE; DIONE, 1999, p. 43).

Confirmando, Santos Filho (1995) salienta que os métodos quantitativo e qualitativo não são incompatíveis, ao contrário, estão intimamente imbricados, portanto, podem ser utilizados pelos pesquisadores sem caírem na contradição epistemológica.

### **A pesquisa quantitativa**

Segundo Knechtel (2014), a pesquisa quantitativa é uma modalidade de pesquisa que age sobre uma dificuldade humano ou social, é fundamentada no teste de uma teoria e misturada por modificáveis quantificadas em números, as quais são consideradas de modo estatístico, com o objetivo de originar se as generalizações prognosticadas na teoria se sustentam ou não. Nesse sentido, a pesquisa quantitativa está unida ao dado imediato. O que isso quer dizer? Estabelece que ela se atenta com a quantificação dos dados, comprovando se uma teoria é apropriada ou não a partir de apreciações estatísticas.

A pesquisa quantitativa está ligada diretamente à quantificação dos dados, na experimentação, na mensuração e no controle rigoroso dos fatos. Segundo Knechtel (2014), esse tipo de pesquisa foi a base do pensamento científico até a metade do século XX e é caracterizado pela passividade e neutralidade do pesquisador diante da investigação da realidade. Nesse tipo de pesquisa, você fará uma investigação que tem por apoio a quantificação dos dados e procurará medir opiniões e informações usando os recursos da estatística, como a percentagem, a média, o desvio-padrão.

Os dados que você considerará, os dados quantitativos, são valores enfatizados de um grupo



## *As relações interpessoais*

de variáveis, que podem simular alguns conhecimentos ou todos os elementos, por exemplo, de uma sociedade, de uma apontada população. Tais dados serão proporcionados em configuração de tabelas, gráficos ou textos (KNECHTEL, 2014). Saiba que essa modalidade de pesquisa é cuidada na verificação de pesquisas sociais, econômicas, conversação, mercadológicas, administrativas. É uma pesquisa unida à investigação empírico-descritiva, quando se procura desvendar e coordenar a relação entre as modificáveis, as relações de origem e efeito entre os distintos fenômenos (KNECHTEL, 2014)

### Segundo Lima

A pesquisa quantitativa, e isto porque corresponde a uma abordagem do fenômeno investigado envolvendo a realização de uma pesquisa de campo, na qual a coleta de dados é feita por meio de aplicação de questionário e/ou formulário junto à população alvo da pesquisa (LIMA, 2004, p. 26).

Esse tipo de pesquisa estabelece um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, a qual não pode ser traduzida em números. Tal método permite aprofundar-se no universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes que fazem parte da realidade social do ser humano que age e pensa sobre o que faz e interpreta suas ações a partir da realidade vivida, a qual, no universo dos significados, não é visível, constituindo que precisa ser abrangida e manifestada pelos convenientes pesquisadores.

Para Franco (2003), o sentido que um indivíduo atribui às mensagens verbais ou peculiares implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado, que se consolida na prática social e que se manifesta a partir dos aspectos sociais, cognitivas, valorativas e emocionais, essencialmente contextualizadas.



### **A pesquisa qualitativa**

A pesquisa qualitativa busca abranger fenômenos humanos, buscando deles obter uma visão delineada e complicada por meio de uma análise científica do pesquisador. Esse tipo de pesquisa se atenta com a significação dos fenômenos e processos sociais. Mas sendo uma análise conexa também à subjetividade, quais são os critérios do pesquisador? Bem, ele leva em importância as motivações, crenças, valores e representações achadas nas relações sociais (KNECHTEL, 2014).

As pressuposições básicas desse tipo de pesquisa, segundo Knechtel (2014), são: a preocupação primária com os processos, não se atentando abertamente com a consequência e o produto; o interesse pelo significado, como as pessoas relatam suas vivências e experiências, sua visão de mundo; a busca por informações diretamente no campo de pesquisa; a ênfase na descrição e explicação de fenômenos; a utilização de processos indutivos, a fim de construir conceitos, hipóteses e teorias.

Tendo em vista que o componente de estudo foca na investigação acerca do contexto das relações interpessoais, envolvendo professores, alunos e pais, e que acontece no contexto das relações interpessoais, envolvendo professores, alunos e pais sobre fatos que acontecem no contexto da sala de aula, optou-se por desenvolver um estudo de caráter qualitativo.

A pesquisa qualitativa teve sua raiz na fenomenologia e distingue-se por apoiar um novo olhar acerca da constituição do conhecimento científico. Esse tipo de pesquisa fundamenta-se em princípios que valorizam, dentre outras coisas, o espaço natural como fonte direta dos dados, a interpretação do fato no lugar da mensuração, a descoberta no lugar da constatação e o resultado do pesquisador com os fenômenos pesquisados (ANDRÉ, 2005).

Pesquisas desse tipo são ainda manifestadas como naturalísticas ou naturalistas, porque os



problemas são estudados no espaço em que eles sobrevivem, sem abranger a manipulação de variáveis em um tratamento experimental e sem nenhuma manipulação propositada do pesquisador. Segundo André (2005), há a tendência extraordinária por parte de alguns em considerar a pesquisa qualitativa como aquela não envolve números.

De tal maneira, entendeu-se ser necessário usar os dados quantitativos, em alguns momentos, como suporte à interpretação dos dados coletados, pois, conforme a visão de Goldenberg (1999, p. 62), a integração destes dois paradigmas de pesquisa “[...] permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo ter mais confiança nos dados. Este tipo permite entrevistar, aplicar questionários, investigar diferentes questões em diferentes ocasiões”.

### **Instrumentos investigativos**

A incursão bibliográfica foi seguida de pesquisa de campo, amparada, sobretudo, na técnica da trabalhos com pesquisa em livros, artigos com o objetivo de clarear elementos das relações entre os sujeitos que compõem a comunidade escolar.

A investigação buscou perceber, entre outras coisas, o impacto das relações interpessoais no ensino-aprendizado.

Abordagem utilizada quando o interesse da investigação recai sobre a dinâmica de um grupo e não apenas em respostas individuais a determinadas questões, a observação permite esclarecer elementos observados e anotados em posterior e e/ou em observações mais focalizadas. Listada entre as chamadas metodologias qualitativas, se constitui em ferramenta bastante utilizada em estudos exploratórios, descritivos e etnográficos (CORREIA, 2009).



## *As relações interpessoais*

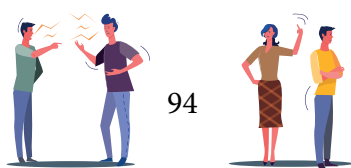
No que se refere à investigação de respostas às indagações da pesquisa, optou-se pela utilização de um questionário semiestruturado, com questões fechadas e abertas. Aplicar esse instrumento de coleta de dados oferece à pesquisa um leque de vantagens quando se deseja atingir uma amostra maior da população. (DEMO, 1995).

Por meio do questionário, o sujeito pesquisado escolhe sua resposta a partir de um conjunto de categorias e questões abertas, elaboradas com o intuito de comportar respostas subjetivas e que dão condições ao sujeito pesquisado de discorrer espontaneamente, sem limitações e com linguagem própria, favorecendo aos respondentes colocar sua própria opinião e posição a respeito de cada uma das questões.

O questionário consiste no fato de colocar o entrevistado diante a uma estruturação das dificuldades que não é a sua e no caso de instigar a produção de respostas. O enigma remete à extensão social ou cultural que há entre o mundo dos pesquisadores que concebem o questionário e o natureza dos respondentes. Relativamente a cada um dos dois universos, proeminência e a significação de uma pergunta não são fundamentalmente confrontáveis.

“O questionário é um instrumento crescido cientificamente, combinado de um anexo de perguntas ordenadas de convenção com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 100) e que tem por finalidade coletar dados de uma equipe de respondentes. “Na pesquisa em administração de empresas, esse instrumento é utilizado para obter informações sobre empresas, indivíduos, eventos, etc..”. (HAIR JÚNIOR et al., 2004, p. 159

Nesse sentido, a opção das questões para a montagem do questionário baseou-se nos objetivos da pesquisa, abrangendo questões ligadas à caracterização dos sujeitos, concepções sobre sua



formação inicial e continuada e sobre as relações interpessoais entre professores, coordenadora, alunos e pais/responsáveis.

Com o objetivo de colocar os participantes a par do motivo e da seriedade da pesquisa, elaborou-se uma carta de apresentação, que compõe o Anexo 1, na qual expuseram-se os motivos da pesquisa, a instituição a que ela estava vinculada, a identificação da pesquisadora responsável e as condições necessárias.

### **Local de realização da pesquisa**

A instituição educativa investigada foi escolhida por ser o ambiente de trabalho da pesquisadora, o que facilitou a realização do estudo. A convivência com essa comunidade escolar foi, de fato, o incentivo para a construção da proposta de pesquisa, visto que despertou inquietação quanto a questões relacionadas aos conflitos alojados no dia a dia dos alunos, sujeitos inseridos em uma sociedade afetada por preconceitos e contestações culturais referentes à tonalidade da pele, obesidade, assim como às crenças e às dificuldades na aprendizagem.

A Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte, campo da pesquisa está localizada no município de Serra do Mel, no estado do Rio Grande do Norte. Atualmente, a instituição funciona no turno diurno, ofertando o Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano, e no turno vespertino, com a oferta do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, também disponibiliza a modalidade de Educação de Jovens e adultos (EJA).

Com sede própria, a instituição foi criada pelo Decreto nº 108/97, em 04 de Setembro de 1997. Antes da emancipação da Serra do Mel, o Estado era o responsável pela Educação local atra-



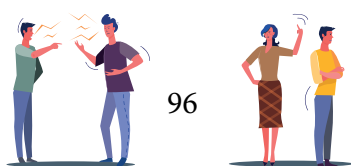


## *As relações interpessoais*

vés do NURE, II NUSS (12ª DIREC), SEEC – Secretaria Estadual de Educação e Cultura. Os municípios de Assú, Areia Branca, Carnaubais e Mossoró, apesar de serem responsáveis municipalmente por Serra do Mel, não deram nenhuma contribuição para a educação do município. As escolas eram dirigidas por um diretor, nomeado pelo governo do Estado e com autonomia para trabalhar. O ensino da pré-escola, de 1ª a 4ª séries, funcionava nas agrovilas, e 5ª a 8ª funcionavam nas agrovilas polo. Já o ensino de 2º grau funcionava na Vila Rio Grande do Norte. O sistema educativo era tradicional e multidisciplinar e funcionava com muitas dificuldades e precariedades.

A partir de 1998, as escolas foram municipalizadas de 1ª a 4ª séries, funcionando até hoje em todas as agrovilas. Os prédios que pertencem ao Estado são cedidos ao município nos turnos matutino, vespertino e noturno, quando necessário. Atualmente, o município é responsável pelas creches e Educação Infantil, bem como o ensino Fundamental I e II, obedecendo às normas da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) nº 9.394/96, conforme a lei 11.274/2006 que ampliou de 08 para 09 anos o ensino fundamental na rede pública de ensino. Transformou, assim, o último ano da educação infantil no primeiro ano do ensino fundamental; a 1ª série correspondendo ao 2º ano; a 2ª série correspondendo ao 3º ano; a 3ª série correspondendo ao 4º ano; a 4ª série correspondendo ao 5º ano; a 6ª série correspondendo ao 7º ano; a 7ª série correspondendo ao 8º ano; a 8ª série correspondendo ao 9º ano.

A escola analisada dispõe de uma área construída de- 4.800 m². O seu espaço físico está distribuído da seguinte forma: 14 (quatorze) salas de aula, 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) sala para biblioteca, 01(uma) sala de Atendimento Especializado Educacional (AEE), 01(uma) sala de atendimento Psicopedagógico, 01(uma) sala para direção, 01 (uma) cozinha, 01 (um) refeitório, 01 (um) depósito para a merenda, 01(um) almoxarifado, 01(uma) sala para secretaria, 01 (um) banheiro



## *As relações interpessoais*

masculino, 01 (um) banheiro feminino, 01 (um) banheiro para funcionários, 01 (um) banheiro com acessibilidade e 01 (um) pequeno pátio murado para as crianças brincarem. (Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte – PPP, 2019). (Ver imagens da referida escola no Anexo). Sobre a visão da escola, observa-se que é uma visão de futuro, registrada da seguinte maneira em seu Projeto Político Pedagógico (PPP):

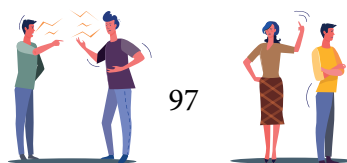
Ser uma escola de referência a nível local e nacional pelo sucesso acadêmico e profissional de seus educandos, pela qualidade do seu ambiente interno e nas relações externas, e pelo elevado grau de satisfação familiar (VILA RIO GRANDE DO NORTE, 2019a).

No que diz respeito à missão da escola, conforme seu Projeto Político Pedagógico (PPP), consiste em:

Prestar à comunidade um serviço educativo de excelência contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes dos seus viveres e direitos, capazes de atuar como agente de mudança num ambiente participativo, aberto e integrador, numa escola reconhecida pelo humanismo e por elevados padrões de exigência e responsabilidades, que valorize o conhecimento, como condições de acesso ao mundo do trabalho e ao procedimento de estudo (VILA RIO GRANDE DO NORTE, 2019a).

Por consequência, a escola busca atender os seguintes objetivos:

Promover um ensino em que o educando, nas relações com colegas e professores, aprenda, construa e interaja com o objeto de estudo, seja ele do Ensino Fundamental ou EJA, por meio de atividades desafiadoras e que o leve a pen-



sar, visando à formação de valores humanos e o exercício da cidadania (VILA RIO GRANDE DO NORTE, 2019a).

Quanto aos valores priorizados pela escola, ainda de acordo com seu PPP, destacam-se: ética, humanização, excelência, participação, solidariedade, inclusão, organização e respeito.

### **Sujeitos da pesquisa**

A pesquisa foi direcionada a 1 coordenadora pedagógica, 200 alunos matriculados no E.F. II, 15 professores e 200 pais/responsáveis vinculados à escola analisada. Participaram da pesquisa todos aqueles alunos, professores e pais/responsáveis que concordaram de modo voluntário, após comprometimento da pesquisadora em preservar o anonimato de cada envolvido, conforme exigido pela Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016. Assim posto, os educandos foram identificados pela letra A, seguida do numeral 1 até o 200, conforme número de participantes. Por sua vez, os pais/responsáveis foram identificados pela letra P, também seguida do numeral 1 até o 200. Quanto aos professores, foram identificados pela sigla Prof., seguida dos numerais 1 a 15.

Atualmente, a escola atende uma clientela de 916 (novecentos e dezesseis) educando, distribuídos entre 34 (trinta e quatro) professores de Ensino Fundamental I e II. As salas de aula têm a capacidade para 35 educandos cada. O grupo de educandos é bastante heterogêneo, a maioria vem de lares desestruturados, o que incide em questões de indisciplina dentro da escola, com comportamentos e atitudes diferenciados. Desse modo, cabe à comunidade escolar trabalhar a afetividade como estratégia para o sucesso e superação de atitudes provocadas por crianças e adolescentes sem intenções, mas



que dificultam o desempenho ou retardam a aprendizagem.

A faixa etária dos estudantes é de 06 aos 18 anos de idade. A matrícula efetivada em 2019 foi de 916 crianças e adolescentes, em maioria, oriundas e residentes nas adjacências do bairro central. Estes estudantes estão na escola sob a responsabilidade não só de pais como também de parentes, fato este identificado na aplicação de diagnóstico com os familiares. Alguns dos educandos novatos na escola apresentam algum tipo de necessidade educacional especial, mas somente alguns desses participam da sala de A.E.E., para outros, falta comprovação por meio de laudo ou parecer médico da necessidade apresentada; a outra parte foi encaminhada aos órgãos competentes para acompanhamento, mas os familiares não os levaram ao atendimento. Em relação ao número de educandos matriculados na escola em 2019, ver tabela abaixo:

**Tabela 1 - Quantitativo de alunos matriculados em 2019**

MODALIDADES DE ENSINO	NÚMERO DE EDUCANDOS
Ensino Fundamental I – 1º ao 5º ano	435
Fundamental II - 6º ao 9º ano	411
Educação de Jovens e Adultos	70
TOTAL DE EDUCANDO/MATRÍCULA INICIAL	916

Fonte: Escola Vila Rio Grande do Norte (2019b).

Quanto aos professores da escola, igualmente sujeitos da pesquisa, em sua totalidade possuem apenas o título de graduação, conforme exposto na Tabela 2:

**Tabela 1 - Formação dos professores da escola investigada**

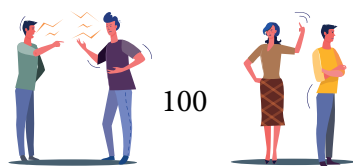
	Graduados	Pós-graduados Especialização	Pós-graduados Mestrado
Números de professores	34	-	-

Fonte: Escola Municipal vila Rio Grande do Norte (2019b).



## *As relações interpessoais*

No que concerne ao perfil dos pais/responsáveis dos educandos, a maioria possui apenas o primeiro ou segundo grau, poucos possuem nível superior. Referente à renda, a maioria é de baixa renda.



Capítulo

3

RESULTADOS E DISCUSSÕES

---






## As relações interpessoais

Após análise de estudos já realizados sobre a temática, seguida da observação da comunidade escolar de interesse e coleta de dados, verificou-se que o processo de ensino e aprendizagem sofre influência de vários fatores, os quais podem estar internos ou externos à escola. De acordo com Farias (2007), esses processos estão diretamente ligados às relações interpessoais, não raro carregadas de preconceitos advindos de culturas diferentes, crenças religiosas, costumes ou conflitos familiares. O impacto desses fatores, muitas vezes, é a inércia nos processos de aprendizagem.

No intuito de identificar os fatores que influenciam o ensino e aprendizagem da comunidade escolar investigada e seu real impacto, solicitou-se aos alunos e seus pais/responsáveis, bem como aos professores e à coordenadora pedagógica, por meio da aplicação de questionário (Apêndice A, B, C e D), que indicassem o seu nível de satisfação no que se refere às relações interpessoais dentro e fora do ambiente escolar. Os resultados seguem expostos na Tabela 3.

**Tabela 1 - Nível de satisfação dos alunos e pais com membros da família e com os atores educacionais da Serra do Mel-RN, 2019**

Nível satisfação nas relações interpessoais dos membros da comunidade escolar		 Bom	 Precisa melhorar	 Ruim
Indicação do aluno	Aluno com o professor	73,5%	21,1%	5,4%
	Aluno com outros alunos	60,6%	<b>30,3%</b>	9,2%
	Aluno com a gestão escolar	68,8%	21,9%	<b>9,2%</b>
	Aluno com a coordenação	67,6%	22,3%	<b>10,1%</b>
	Aluno com os pais	84,2%	11,5%	4,3%
Indicação dos pais/responsáveis dos alunos	Pais com os professores	85,5%	<b>14,5%</b>	0%
	Responsáveis com os gestores	89,7%	7,3%	<b>2,9%</b>
	Responsáveis com os coordenadores	89,4%	10,6%	0%
	Responsáveis com o filho/aluno(a)	95,2%	4,8%	0%



## *As relações interpessoais*

Responsáveis com os demais membros da família	97%	3%	0%
---	-----	----	----

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Constata-se, na Tabela 3, que a maioria dos respondentes (alunos e seus pais/responsáveis) estão satisfeitos com as relações interpessoais que permeiam a Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Ainda, denota-se que os maiores índices de satisfação foram apontados pelos pais/responsáveis dos alunos quando a relação envolve: pais/responsáveis com o filho (indicado por 95,2% dos pais/responsáveis) e pais/responsáveis com os demais membros da família (indicado por 97%).

Observa-se que, dos alunos que participaram da pesquisa, 9% indicaram que o relacionamento com os gestores é ruim, e 10% informaram que também não desenvolvem um bom relacionamento com a coordenação. Vale destacar algumas respostas apresentadas pelos alunos no sentido de justificar suas indicações:

“Eu sou muito bom com os professores não mi dou bem com cuasi todos os alunos gestão, cordenação, e pais me dou muito bem” (A21).

“A relação entre o aluno com professor precisa melhorar por que tem aluno que não quer fazer tarefas, com outros alunos também porquê brinca demais e não faz tarefas, a coordenação é boa e com os pais também” (A41).

“Porque eu n gosto nem de miim vou gosta de outros só gosto da Minha mãe, Meu pai, e Meus irmões e olhe lá” (A87).

Percebe-se, na resposta apresentada pelos sujeitos pesquisados, que existem situações e/ou





## *As relações interpessoais*

causas intrapessoais que podem levar a relações interpessoais conturbadas. Exemplo disso é a resposta apresentada por A21, que afirma sua boa relação com professores e pais, entretanto, não se relaciona bem com “quase todos os alunos”, como também existem arestas na relação que desenvolve com a gestão e coordenação escolar. Verifica-se também que o(a) respondente A41 aponta que existem casos de mau comportamento (indisciplina?) de alunos que ficam brincando durante a aula e, possivelmente, isso atrapalha o desenvolvimento de outros alunos, que se incomodam por não conseguirem produzir em ambiente ruidoso e inadequado à aprendizagem.

Algo que chamou a atenção foi a resposta do A87, ao afirmar que não gosta nem de si mesmo. E complementa que gosta apenas dos pais e irmãos. Esse fato pode ser um indicativo de que esse aluno precisa de apoio psicológico para desenvolver boas relações interpessoais entre os pares e demais membros da comunidade, tendo em vista que o “relacionar-se” harmonicamente no ambiente escolar é requisito para intercâmbio de conhecimentos e experiências, facilitando o processo de aprendizagem significativa e o crescimento sociocultural dos membros envolvidos, haja vista que, de acordo com Meira (1998, p. 69), “a educação enquanto um processo ao mesmo tempo social e individual, genérico e singular, é uma das condições fundamentais para que o homem se constitua de fato como ser humano, humanizado e humanizador.”

Verifica-se na justificativa apresentada por alguns pais que existem lacunas que provocam a insatisfação destes quanto ao ensino. Essas lacunas se referem à forma de atuação de professores, gestores e coordenadores da referida escola. Alguns relatos apresentados por P42 destacam: sobre a relação com os professores: “tem que falar a mesma língua”; sobre a relação com gestores: “tem que cobrar mais dos pais”; sobre a relação com coordenadores: “Presta mais atenção no que acontece”; sobre a relação com o aluno: “temos que passar toda nossa experiência”; sobre a relação com os demais



## *As relações interpessoais*

membros da família: “precisa ser o mais transparente por nível” (P42).

“Na minha opinião falta interação da escola com a família são poucos os momentos oferecidos para essa vivência da família com a escola” (P62).

“Os professores não todos algum explica de forma vaga, sem que o aluno entenda. É só pegar a nota de cada aluno na escola p/ saber como estão se saindo com notas baixas! A coordenadora tem que melhorar um pouco aprender a falar e trata com mais respeito os alunos todos precisam melhorar um pouco ir p/ escola e saber separar problema de casa e escola, alguns levam problemas de casa p/escola...chegam estressados eu até entendo, mas não aprovo a atitude [...]” (P68).

Na visão de alguns pais/responsáveis dos alunos da escola pesquisada, falta maior apoio da coordenação e gestão escolar. Além disso, apontam que problemas nas relações interpessoais também são gerados devido às falhas nas práticas pedagógicas de alguns professores da escola pesquisada. Nesse sentido, Meira (1998, p. 67) ressalta que:

Existe uma clara correspondência entre a qualidade das práticas pedagógicas e os diferentes tipos de relações interpessoais que se estabelecem cotidianamente entre professores e alunos. Isto significa que as diferentes maneiras através das quais se constrói o encontro entre professores e alunos no espaço concreto da sala de aula, trazem consequências importantes para o trabalho educativo. O primeiro aspecto a ser considerado é que, ao desempenhar sua função docente o professor não está apenas ensinando determinados conteúdos, mas também, e fundamentalmente, está formando indivíduos, já que

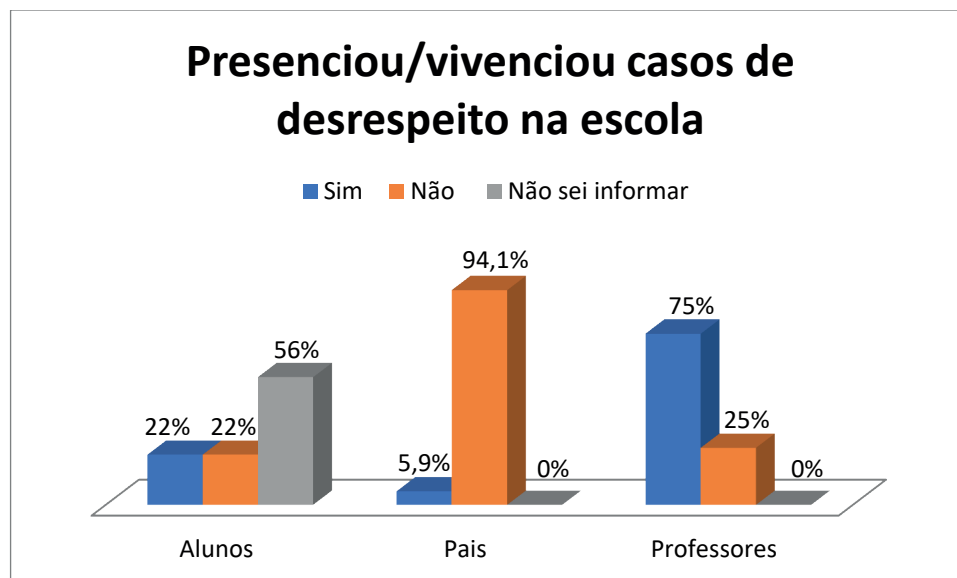


## As relações interpessoais

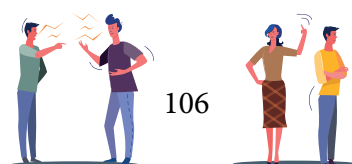
mais do que apenas um processo intersubjetivo, as relações interpessoais expressam toda uma rede de valores sociais que nem sempre são inteiramente percebidos e desvelados.

Pensamentos e atitudes contraditórias, que incluem situações de preconceito e desrespeito, acontecem nas relações interpessoais do cotidiano escolar. Reconhecer que não somente os adolescentes passam por tais situações é, segundo Cabral (2014), importante para intervir nessas circunstâncias, buscando um ambiente mais respeitoso e propício. Nesse contexto, indagou-se aos sujeitos pesquisados se já tinham visto ou vivenciado casos de desrespeito advindo de gestores, professores, coordenadores, alunos ou funcionários em geral, que promoveram atos como discriminação, bullying, preconceitos ou outros tipos de desrespeito no ambiente escolar. As respostas dos alunos, bem como de seus pais/responsáveis e professores estão apresentadas no Gráfico 1.

**Gráfico 1 - Indicação de presença/vivência de casos de desrespeito na escola**



Fonte: elaborado pela autora (2019).



## *As relações interpessoais*

Observa-se, no Gráfico 1, que a maioria dos alunos indicou que não sabia informar sobre casos de desrespeito que acontecem na escola, o que leva a entender que esses alunos não vivenciaram algum tipo de desrespeito ou até preferiram não expor se realmente já vivenciaram. Também se pode considerar que esses alunos (56%) podem ter indicado que não sabem informar devido ao fato de não reconhecerem determinados atos como sendo desrespeitosos. Contudo, 22% dos alunos indicaram que tinham conhecimento ou já vivenciaram casos de desrespeito. Destacam-se as justificativas de três alunos que vivenciaram situações desse tipo:

“Bullyng, discriminação, preconceito” (A56).

“Bullyng alguns alunos sofrem, isso tem que acaba nenhum aluno merece” (A67).

“Desrespeito com as escolhas, relacionado à religião, sexualidade” (A75).

Observa-se que as relações interpessoais na escola estudada incluem situações de preconceito e discriminação. Assim sendo, entende-se que a escola, possivelmente, está negligenciando sua função social, que talvez não deva ser cotidianamente trabalhada.

Meira (1998) destaca a função da escola na formação do sujeito, tanto de seu papel quanto das atitudes e o desempenho enquanto alunos. Nesse ínterim, a escola e seus agentes educadores devem assumir o importante papel como orientadores de ações, servindo como parâmetros, evitando transmitir os “padrões ideais” impostos pela sociedade, os quais geram um círculo vicioso no qual aqueles alunos que têm qualidades valorizadas tendem a acentuá-las, e os que não as possuem tendem a ser excluídos, direta ou indiretamente.



## *As relações interpessoais*

Embora somente 6% dos pais/responsáveis tenham afirmado que sabem ou vivenciaram situações de desrespeito entre membros da comunidade escolar, enfatiza-se as falas de quatro deles:

“Bullyng” (P4).

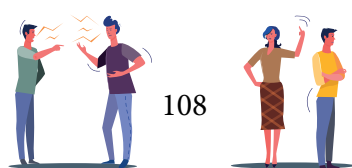
“Falta de comunicação-ex: meu filho chegou em casa 2 horas- falta de transporte e nenhuma comunicação da gestão” (P51).

“Discriminação” (P53).

“Com a coordenadora da comunidade escolar a respeito que acho errado, nas aulas vagas os alunos ter que saírem para fora da escola, porque um professor(a) falte. Deveria ter alguma coisa a se fazer com eles na escola, algo mais educativo em vez de colocar eles para o lado de fora... (questionei isso com a coordenadora da escola p/que minha filha não viesse p/fora por não ter o que fazer no lado de fora da escola que por sinal são forçados a saírem...)” (P68).

Nas justificativas apresentadas observa-se que existe uma ligação entre as respostas dos alunos e as dos seus pais/responsáveis, denotando-se que há indícios de que alguns alunos sofrem discriminação, preconceito e falta de respeito. Outro aspecto a ser destacado é o fato de P68 indicar que, na falta de um professor, os alunos são colocados para o “lado de fora” da escola. Inclusive, esse pai ou responsável deixa claro que chegou a reclamar com a coordenação sobre essa falta de respeito para com os alunos.

Dos dados apresentados no Gráfico 1, chama a atenção o fato de 75% dos professores indicarem que têm conhecimento ou já vivenciaram situações de desrespeito entre a comunidade escolar,



## *As relações interpessoais*

sendo que suas justificativas incluem, além do preconceito, discriminação e bullying, também apontados pelos alunos e professores. Os pais/responsáveis dos alunos foram frequentemente apontados como sendo os sujeitos que cometem os atos de desrespeito:

“Preconceito, discriminação social, bullying” (Prof.7).

“O pai não respeitar o limite do professor para defender vontades dos filhos” (Prof.10).

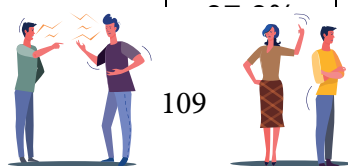
“Agressões verbais e falta de respeito com alguns colegas. Geralmente por parte dos pais” (Prof.11).

Verifica-se, nas respostas dos professores que participaram da pesquisa, que existe falta de respeito dos pais para com os professores de seus filhos e esse fato pode comprometer a boa relação família-escola, assim como os benefícios advindos dessa boa relação.

Embora a coordenadora tenha indicado que nunca vivenciou ou presenciou casos de desrespeito entre os membros da comunidade escolar, os alunos, seus pais/responsáveis e professores, ao terem acesso a uma lista de situações que envolvem práticas discriminatórias, preconceito, bullying e desrespeito de diversas formas, talvez tenham ficado mais confortáveis para externar o que vivenciam ou já vivenciaram na referida escola (Tabela 4).

**Tabela 1 - Indicação dos alunos, seus pais e professores no que concerne a situações que envolvem agressão, discriminação, preconceitos e conflitos diversos vivenciados na Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Serra do Mel-RN, 2019**

Situações já presenciadas na escola	Alunos	Pais	Professores
Bullying	55%	8,7%	83,3%
Abuso de autoridade	20,7%	4,3%	33,3%



Agressão verbal	37,9%	5,8%	<b>83,3%</b>
Agressão física	32,9%	2,9%	25%
Nenhuma dessas	21,4%	65,2%	0%
Preconceito	46,4%	7,2%	58,3%
Falta de respeito	<b>64,3%</b>	<b>8,7%</b>	58,3%
Discriminação	23,6%	4,3%	<b>66,7%</b>
Segregação(exclusão)	17,9%	0,0%	25%
Outros	5%	2,9%	0%

Fonte: elaborado pela autora (2019).

De forma geral, muitas situações que envolvem o desrespeito são ou foram vivenciadas na Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Ainda, denota-se que o bullying, o abuso de autoridade, a agressão verbal, a agressão física, o preconceito, a falta de respeito, a discriminação e a segregação (exclusão) foram situações apontadas pelos alunos, seus pais/responsáveis e também pelos professores. Embora a coordenação tenha indicado que não sabe sobre casos de desrespeito entre a comunidade escolar, esta indicou que agressão verbal e falta de respeito são situações vivenciadas na escola e complementa que acontecem com os discentes fora da sala de aula, geralmente no horário de intervalo.

Observa-se, na Tabela 1, que as situações mais apontadas pelos alunos e por seus pais/responsáveis foram o bullying e a falta de respeito (indicados por 55% e 64,3% dos alunos, respectivamente, e 8,7% de seus pais). Dentre os professores, 83,3% destacaram o bullying e a agressão verbal, enquanto 66,7% indicaram os atos de discriminação.

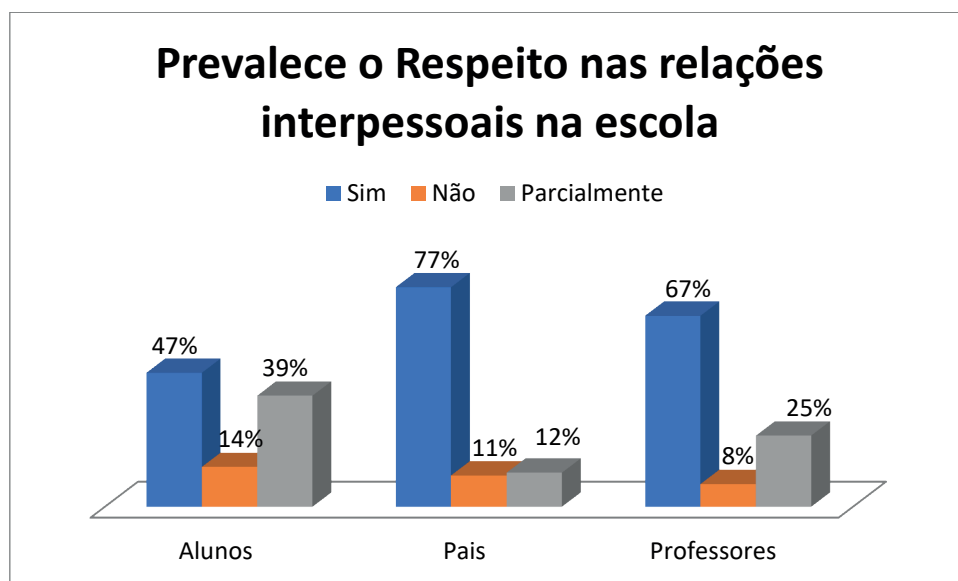
De acordo com Medeiros (2012), o fenômeno bullying começou a ser estudado e discutido mais intensamente em meados dos anos de 1980. O autor refere que se está diante de uma nova forma de ver e perceber a violência em seus mais variados contextos. “No ambiente escolar há um novo



olhar sobre o chamado bullying, um fenômeno social que configura atitudes específicas de conflitos e agressões repetitivas que levam a consequências graves para todos seus envolvidos” (MEDEIROS, 2012, p. 20).

Cruz e Maciel (2018) afirmam que a escola pode representar um espaço de diversidade, pluralidade e que, pela cotidianidade, torna-se, também, local de expressões de conflitos e encontros, entretanto, é importante que as relações entre os membros da comunidade escolar estejam pautadas no respeito e na cultura de paz. Diante da importância de se conviver respeitando ao próximo, indagou-se aos sujeitos se prevalece o respeito nas relações interpessoais na escola. Verifica-se, no Gráfico 2, que os maiores percentuais de alunos (47%), pais (77%) e professores (67%) consideram que sim, as relações interpessoais na escola estão pautadas no respeito.

**Gráfico 2 - Percepção dos alunos seus pais/responsáveis e professores quanto à prevalência do respeito nas relações interpessoais que permeiam a Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Serra do Mel-RN, 2019**



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Chama a atenção os dados apresentados no Gráfico 2, ao se considerar que uma parcela dos





## *As relações interpessoais*

sujeitos (14% dos alunos; 11% dos pais/responsáveis e 8% dos professores) também indicaram que as relações interpessoais não estão pautadas no respeito ou estão apenas parcialmente apoiadas no respeito mútuo, indicado por 39% dos alunos; 12% dos pais e 25% dos professores. Do grupo de alunos que consideraram que as relações não estão pautadas no respeito, justificaram que:

“Não, pois algumas pessoas não se tratam com respeito” (A73).

“Porque respeito é uma coisa que trazemos de casa e na escola aprendemos mais ainda” (A90).

“Não, porque ninguém respeita ninguém, todos apelida um ao outro” (A92).

Pelas justificativas apresentadas por alguns alunos, pode-se inferir que esses sujeitos afirmaram que não há o respeito ou que este existe de forma parcial nas relações interpessoais na escola, considerando as questões relacionadas ao bullying, à discriminação e ao preconceito, uma vez que foi mencionado que “todos apelidam um ao outro”.

Cruz e Maciel (2018) afirmam que as instituições escolares são um dos principais ambientes de convivência social de jovens e crianças e que são compostas por pluralidades, tornando-se um espaço inevitável de divergências e conflitos que integram os processos interativos e de convívio em sociedade. Todavia, as diversidades culturais, a pluralidade de ideias e as diferentes perspectivas dos sujeitos em hipótese alguma devem se sobrepor ao respeito ao próximo.

Nas justificativas apresentadas pelos pais/responsáveis, a falta de respeito está associada principalmente à questão de discriminação social. Alguns pais deixam claro o quanto gostariam que o tratamento (relações interpessoais) fosse igualitário:



## *As relações interpessoais*

“Porque acho que vai de acordo com o relacionamento de cada profissional”  
(P29).

“Eu vejo pelo motivo pobreza, vestimentas e aparência” (P42).

“Tratamento igual para todos” (P57).

De certa forma, a percepção dos professores que consideram que não há respeito mútuo nas relações do ambiente escolar corrobora com as justificativas apresentadas pelos alunos e professores que também compactuam com a ideia de que o respeito não existe ou, se existe, é de forma parcial. Destacam-se as justificativas dos professores 7 e 8:

“Infelizmente ainda acontece muitas situações constrangedoras por falta de respeito por parte de alguns colegas de trabalho” (Prof.7).

“Observo que em sua maioria as pessoas não se colocam no lugar do outro”  
(Prof.8).

A resposta do professor que observa que as pessoas não se colocam no lugar do outro deixa claro que existem situações em que a empatia não prevalece nas relações interpessoais dessa escola. Ao definir o conceito de empatia, Pereira (2013) afirma que, como conceito difundido atualmente, tem sua origem na palavra alemã *einfühlung*, formada das palavras “*ein*” (em) e “*fühlung*” (sentimento), traduzida como “sentir com”. Esse termo, criado pelo filósofo alemão Rudolf Lotze em 1858, por sua vez, seria a tradução do termo grego *empathia*, que significa paixão, estado de emoção, formada a



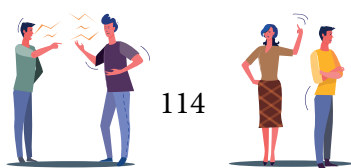
## *As relações interpessoais*

partir de en (em, dentro de) e pathos (sofrimento, sentimento, emoção). Sua intenção era caracterizar, com essa palavra, a capacidade do espectador de se projetar no objeto apreciado, ou seja, é a ação de sentir-se no objeto, identificar-se nele.

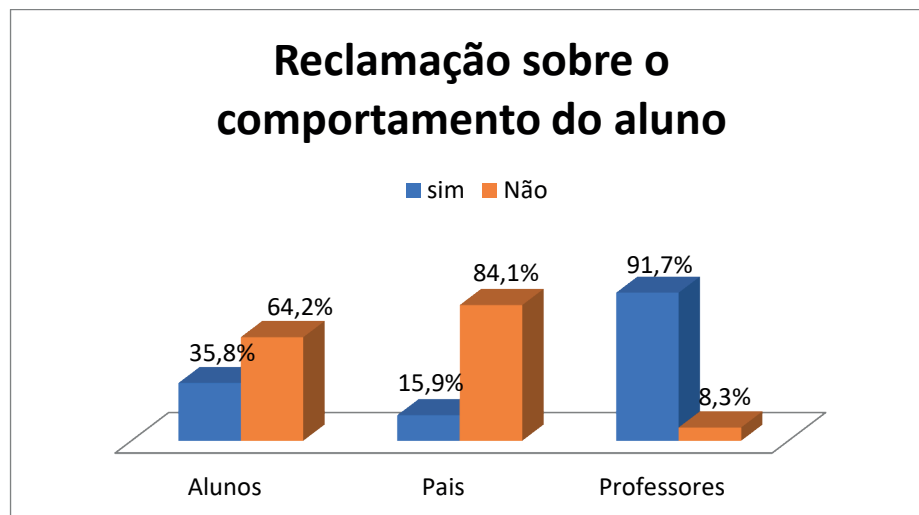
Todas as ações e reações que acontecem na escola podem ser aprendidas e incorporadas pelo aluno. Nessa instituição, o discente deve ter bons exemplos de cidadania, de respeito e empatia com o próximo. Pereira (2013) afirma que tudo o que o aluno apreende do mundo em sua trajetória de vida o ajuda a se orientar no tempo. Esses conhecimentos são os que irão guiá-lo na compreensão da realidade passada e da presente, e esses conhecimentos serão guardados porque fazem sentido para o discente. Nesse sentido, enfatiza-se que os alunos podem absorver e replicar ações boas ou más. Crepaldi (2017), ao relatar sobre a importância da família na formação sociocultural de seus filhos, afirma que:

A família representa um dos primeiros ambientes no qual o indivíduo inicia sua vida em sociedade. Em parceria com outras instituições e, dentre elas, inclui-se a escola, a família tem condições de garantir ao (a) seu(sua) filho(a) melhores condições de desenvolvimento em todas as áreas de sua vida. Em meio à família, as crianças, adolescentes e jovens recebem instruções básicas de relacionamentos psicossociais, inspiram-se em exemplos e influências socioculturais. Desta forma, à família cabe a transmissão de normas, ética, valores, ideais, e crenças que marcam a sociedade (CREPALDI, 2017, p. 117).

Quanto às reclamações a respeito de atos indisciplinados que o aluno comete/cometeu na referida escola, 64% dos alunos que participaram do referido estudo afirmaram que nunca receberam reclamação devido ao seu mau comportamento, conforme demonstra o Gráfico 3.



**Gráfico 3 - Indicação dos alunos seus pais e professores quanto às ações em que foi necessário reclamar formalmente sobre o mau comportamento do aluno da Escola Municipal Vila Rio Grandes do Norte. Serra do Mel-RN, 2019**



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Constata-se, ainda no Gráfico 3, que, embora 84% dos pais dos alunos informaram que nunca receberam reclamação sobre o comportamento de seus filhos, 92% dos professores indicaram que já levaram à direção reclamações sobre a indisciplina de alunos. Esse fato nos causa estranheza, pois, se os professores levam a reclamação à diretoria, qual será o motivo de essa notificação não chegar até os pais? Conjecturando algumas hipóteses, pode-se deduzir que muitos pais não frequentam as reuniões promovidas pela escola, ou que esta não promove com frequência as reuniões com os pais, contudo, as justificativas dos professores incluem buscar ajuda dos pais para reverter essa situação:

“O mau comportamento em sala de aula. A medida tomada foi o diálogo com os pais e com os alunos” (Prof.6).

“Falta de disciplina, horário, assiduidade, liguei convidando a comparecer a escola para conversamos e tentar resolver” (Prof.7).



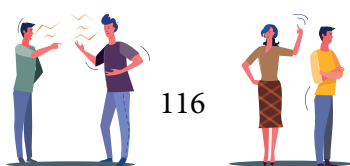
## As relações interpessoais

Segundo as informações repassadas pelos professores, são bastante comuns as reclamações direcionadas aos alunos devido à indisciplina destes. Crepaldi (2017) atesta que alguns(as) professores(as) conhecem tanto mais sobre o(a) aluno(a) que a própria família que, por vezes, surpreende-se ao ser chamada na escola para ouvir certos comentários em relação ao comportamento do(a) filho(a).

Ao pesquisar “Representações Sociais de violência na escola”, Cruz e Maciel (2018) questionaram os estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas municipais da Serra do Mel sobre a relação com os seus professores. A maioria das respostas dos alunos relatava aspectos negativos, retratando situações de violência dos docentes contra os alunos, por meio de discriminação, deboche, ofensas e, em alguns casos, ameaças. Na referida pesquisa, os alunos, pais e professores foram questionários quanto ao respeito que os discentes dispensam aos professores, gestores, coordenadores e demais colegas. As respostas estão sintetizadas e apresentadas na Tabela 5.

**Tabela 1 - Percepção dos alunos seus pais e professores quanto ao respeito que o aluno aplica nas relações interpessoais com os atores educacionais na Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Serra do Mel-RN, 2019**

Frequência que acontece	Percepção do aluno	Percepção do professor	Percepção dos pais
<b>Respeito dos alunos para com os professores</b>			
Sim, sempre	84,4%	75%	<b>100%</b>
Não	4,4%	25%	0%
Às vezes	11,1%	0%	0%
<b>Respeito dos alunos para com os gestores escolares</b>			
Sim, sempre	88,1%	83,3%	<b>100%</b>
Não	0,7%	16,7%	0%
Às vezes	11,1%	0%	0%



<b>Respeito dos alunos para com os coordenadores</b>			
Sim, sempre	83,6%	58,30%	<b>100%</b>
Não	3%	41,70%	0%
Às vezes	13,4%	0%	0%

<b>Frequência que acontece</b>	<b>Percepção do aluno</b>	<b>Percepção do professor</b>	<b>Percepção dos pais</b>
<b>Respeito dos alunos para com os demais alunos</b>			
Sim, sempre	62,7%	8,3%	<b>94,2%</b>
Não	3,7%	0,0%	1,4%
Às vezes	33,6%	91,7%	4,3%

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Através dos dados apresentados na Tabela 5, constata-se que todos os pais que responderam se seus filhos relacionam-se respeitosamente com professores, gestores e coordenadores concebem que seus filhos tratam a todos esses atores educacionais com respeito, entretanto, 25% dos professores informaram que seus alunos não se posicionam respeitosamente e 4% dos alunos informaram que não tratam seus professores com respeito, enquanto que 11% apontaram que somente às vezes os tratam respeitosamente. Nesse sentido, um dos professores destacou que: “tem sempre aquele que não respeita” (Prof.4, referindo-se àqueles alunos que não respeitam o professor).

A maioria dos professores e alunos considerou que os alunos tratam com respeito os gestores da escola. Ademais, alguns alunos afirmaram o pouco contato com a gestão escolar e descrevem que: “Os alunos precisam saber quem é a gestão” (Prof.4) e que, “Apesar do pouco contato que eles tem com a gestão [...]” (Prof.5, referindo-se que o aluno trata de forma respeitosa o gestor escolar).

Com relação ao respeito com que os alunos tratam os coordenadores, 41% dos professores informaram a falta de respeito com que os alunos se dirigem à coordenação, fato confirmado na res-

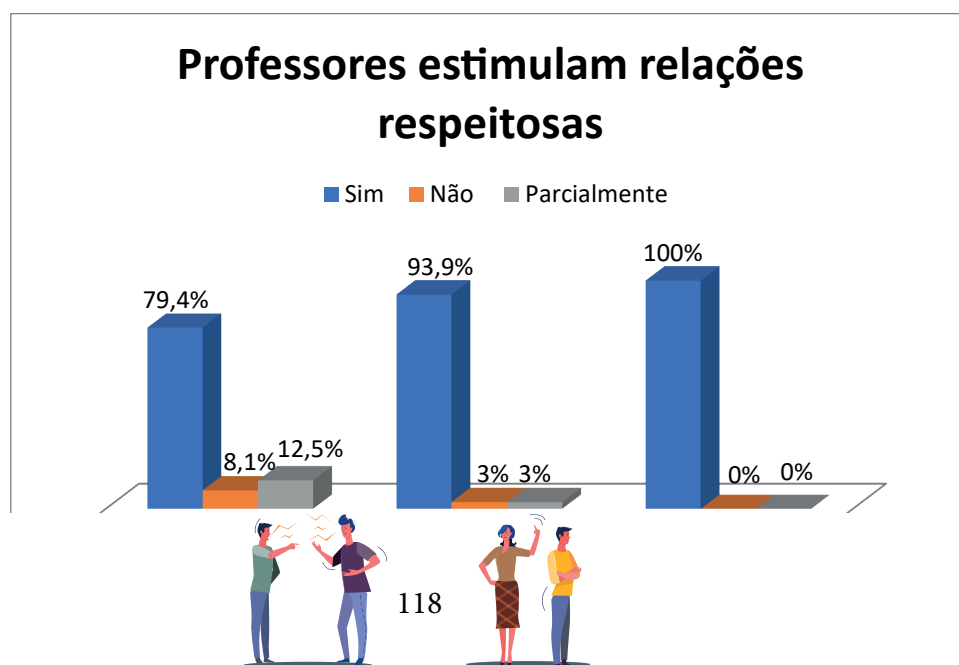


posta de 3% dos alunos. Além disso, 13% desses alunos indicaram que adotam postura respeitosa com os coordenadores somente às vezes. Destaca-se a resposta do A121: “Alguns coordenadores faltam com respeito e abusa da autoridade”.

No que concerne ao relacionamento dos alunos com os demais alunos da escola, denota-se que 94% dos pais indicaram que seus filhos mantêm relações saudáveis e respeitosas com seus colegas da escola, entretanto, 34% dos alunos que participaram da pesquisa e 92% dos professores consideram que a forma de convivência entre os alunos da escola eventualmente é que acontece baseada no respeito mútuo.

A educação sistematizada precisa ser o ambiente de práticas democrática. Nesse contexto, Paro (2001) afirma que tanto a estrutura didática quanto a organização do trabalho no interior da escola devem favorecer relações democráticas que possam concorrer para ética e para a liberdade, componentes imprescindíveis de uma educação de qualidade. Nesse sentido, indagou-se aos sujeitos se os professores da referida escola adotam práticas que estimulam relações respeitosas. O Gráfico 4 apresenta as respostas.

**Gráfico 4 - Percepção dos alunos seus pais e professores quanto ao estímulo dos professores da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte para que seus alunos desenvolvam relações respeitosas. Serra do Mel-RN, 2019**





Fonte: elaborado pela autora (2019).

A maioria dos alunos (79,4%), dos pais (93,9%) e todos os professores considera que os professores da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte desenvolvem suas práticas por meio do estímulo e da prática de relações respeitadas. Para Meira (1998), a atividade educacional deve estar atrelada ao processo de formação integral do sujeito, a qual se constrói através de relações interpessoais, nas quais o autor destaca a “preparação dos alunos para o desenvolvimento destas relações (dentro e fora da escola); que orienta-se principalmente pela maneira como o professor concebe sua função e de como percebe os seus alunos” (MEIRA, 1998, p. 67). Para enfatizar os resultados obtidos, optou-se por apresentar três justificativas dos alunos, seus pais e professores, nessa ordem:

“Sim, só não tem gente que não leva a sério” (A54).

“Os professores tão nem aí” (A69).

“Eles ensinam a respeita o próximo” (A117).

“Pôs acho que esse é o dever do educador” (P29).

“Os professores sempre estão ensinando o respeito” (P56).

“Eles não falam nada com respeito ao próximo” (P68).





## *As relações interpessoais*

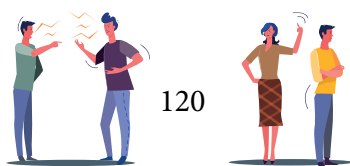
“Em nossas conversas informais e devocionais no início da aula e nas aulas de ensino religioso” (Prof.2).

“Por estar preparando-os para conhecer o mundo que a educação apresenta, prezo por torna-lo o mais preparados possível para o convívio em sociedade” (Prof.6).

“É uma etapa essencial para que haja amor e respeito ao *próximo*” (Prof.10).

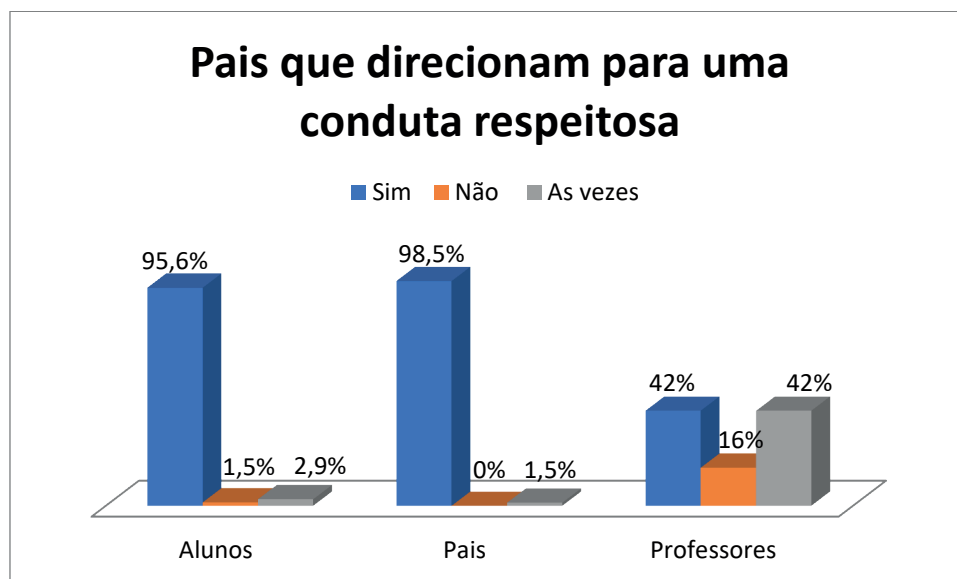
De acordo com Cabral (2014), as relações interpessoais no espaço escolar devem ser construídas com base no respeito, na aceitação e no interesse pelo apoio. Para isso, é necessário estimular o aluno a posicionar-se de forma que compreenda a relatividade de opiniões, preferências, gostos, escolhas e, sobretudo, o respeito ao outro. Corrobora-se com a autora ao descrever que as atitudes contraditórias são comuns nas relações, ademais, assumir que elas existem provoca a busca de respostas e alternativas para reverter consequências advindas das relações desrespeitosas.

Devido à entrada da mulher no mercado de trabalho e à sua ascensão profissional estar cada vez comum em nossa sociedade, verifica-se que os cuidados com os filhos pequenos são repassados para babás, familiares, creches e escolas. Embora essas alternativas sejam viáveis para a vida profissional das mulheres, do ponto de vista educacional, essas crianças podem ficar à margem de uma educação pautada em bons costumes, já que, uma vez que as mães permanecem por muito tempo distante das crianças, tentam compensar sua ausência com presentes e satisfazendo desejos dessas crianças em momentos de estarem juntos. Nesse sentido, direcionou-se, para os sujeitos pesquisados, uma questão que buscou compreender a percepção desses sujeitos no que se refere à educação que as



crianças trazem de casa e se esta tem como base uma conduta respeitosa para com o outro (Gráfico 5).

**Gráfico 5 - Percepção dos alunos seus pais e professores quanto ao estímulo dos pais para que seus filhos desenvolvam conduta respeitosa. Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte, Serra do Mel-RN, 2019**

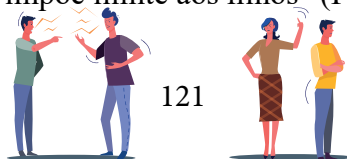


Fonte: elaborado pela autora (2019).

Considera-se que seja normal a afirmação da maioria dos alunos e pais, indicando que a educação que é dada pelos familiares está pautada em uma conduta respeitosa para com o próximo. Entretanto, no Gráfico 5, nota-se que 16% e 42% dos professores percebem que seus alunos não recebem (ou não com frequência, somente às vezes) de seus familiares uma educação que tem como base o respeito ao próximo, ou seja, que se configure em condutas respeitadas. Considera-se que, nesse aspecto, o professor possui um olhar desprovido de laços familiares e, assim sendo, pode representar, de fato, a realidade, através das ideias emitidas:

“Parte dos alunos não querem respeitar colegas e professores” (Prof.1).

“A maioria não impõe limite aos filhos” (Prof.8).



“Observamos muitos maus exemplos dos mesmos” (Prof.11).

“Nem todos” (Prof.12)

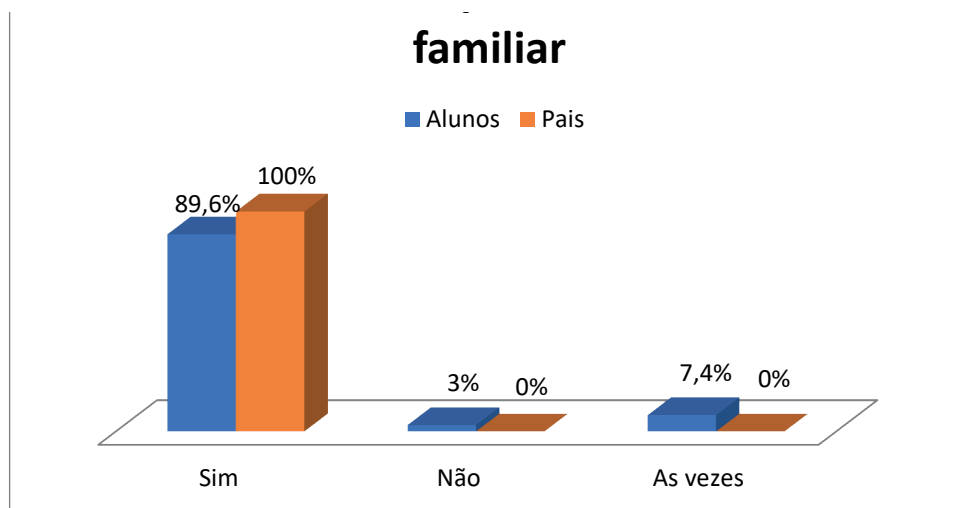
Nas palavras dos professores, realmente, a família não está cumprindo com seu papel da educação das crianças que, por sua vez, chegam à escola trazendo os costumes vivenciados no âmbito familiar. Na visão de Cabral (2014), a indisciplina e a violência que acontecem na escola não podem ser explicadas simplesmente pelas relações nesse espaço, pois estão articuladas a motivos mais amplos, que incluem o movimento histórico e as questões socioeconômicas, a fragmentação familiar, a influência de meios de comunicação social, a política educacional e as mudanças de paradigmas que a sociedade perpassa.

A sociedade caracteriza-se por uma enorme versatilidade e atravessa momentos de profundas mudanças, fazendo surgir novos cenários sociais, nos quais as atuais transformações científico-tecnológicas, sociais e econômicas também têm levado a favorecer as mudanças na estrutura, organização e padrões familiares, bem como as expectativas e os papéis dos seus membros (LOUREIRO, 2017).

É essencial que, no âmbito familiar, o aluno desfrute de situações de acolhimento e direcionamento adequado de sua educação. Nesse contexto, perguntou-se aos alunos e seus pais se, nas relações do ambiente familiar, prevalece o respeito entre os membros de sua família (Gráfico 6).

**Gráfico 6 - Percepção dos pais e alunos da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte quanto à prevalência do respeito nas relações interpessoais no ambiente familiar. Serra do Mel-RN, 2019**





Fonte: elaborado pela autora (2019).

Todos os pais que responderam ao questionamento apresentado no Gráfico 6 indicaram que sim, prevalece o respeito entre os membros da família, contudo, 3% dos alunos consideram que este prevalece e 7,4% dos alunos indicaram que o respeito entre os membros da família é algo esporádico e não de prevalência.

“É o meu exemplo que ele vai seguir na escola” (P31).

“Sempre conversamos e a trato com respeito” (P45).

“Trato sempre com respeito tento ser o máximo amigável” (P68).

“Pois tem vezes que eu e meus pais damos algumas brigadas mais no fim ficamos todos de bem” (A45).

“Porque nós temos que respeitar aos nossos responsáveis” (A56).

“Porque tem vezes que minha mãe não deixa eu sair de casa aí eu saio” (A65).

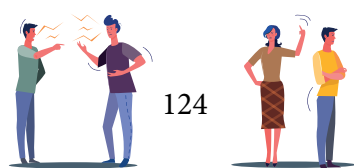


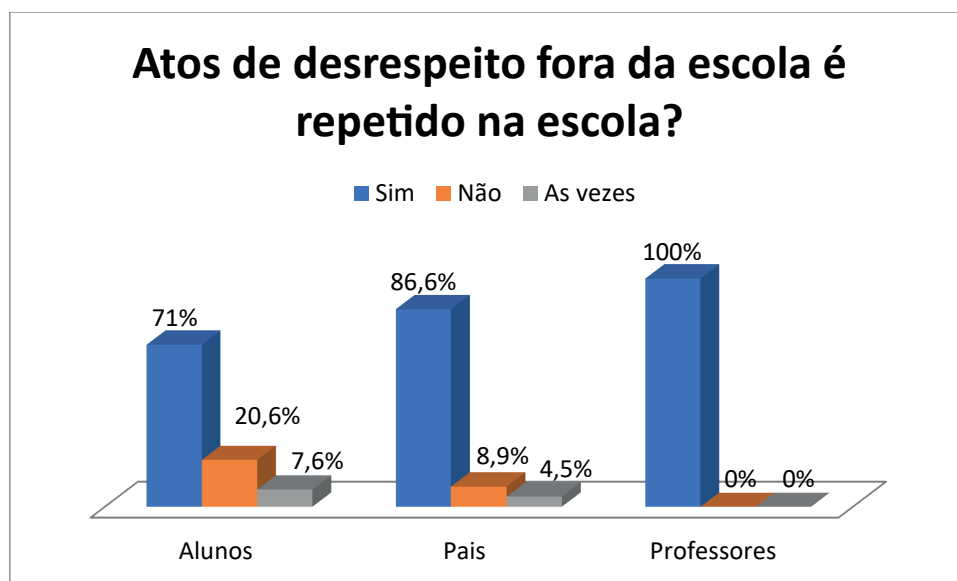
Denota-se que alguns pais/responsáveis pelo aluno consideram que a conversa é o suficiente para que a criança compreenda o que é certo ou errado. Salienta-se que a ela é simplesmente desenvolvida no sentido de permissividade para com todos os atos que a criança desenvolve e que talvez não mude seu comportamento. É necessário que os pais conversem com seus filhos de forma que fique bastante claras as normas estabelecidas e que, quando essas normas forem “quebradas”, faz-se necessário impor limites para que as crianças não permaneçam com comportamentos indisciplinados. Outro fato a ser destacado na justificativa do P68 é que esse pai/responsável afirma que trata seu filho com respeito e tem uma relação amigável com ele.

A relação de confiança entre pais e filhos deve sempre existir, mas a relação de amizade pode ser confundida pela criança com permissividade, portanto, cabe aos pais desenvolverem relações respeitadas com seus filhos, mas sempre deixando claro que são eles – os pais – que conduzem a educação dos filhos e que impor regras não significa castigar, mas sim, ensinar que se vive em sociedade e que é necessário cumprir regras e respeitar a todos.

Pereira (2013) adverte que as experiências trazidas pelo aluno, assim como todo o conhecimento que ele adquire em sua vida fora da escola, influencia no desenvolvimento de sua consciência. Dessa forma, perguntou-se aos alunos, seus pais e professores se os alunos que vivenciam ou cometem atos de desrespeito fora da escola replicam esses atos no ambiente escolar (Gráfico 7).

**Gráfico 7 - Percepção dos alunos seus pais e professores quanto à conduta desrespeitosa que é desenvolvida fora da escola influenciar na conduta desenvolvida na Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Serra do Mel-RN, 2019**





Fonte: elaborado pela autora (2019).

Constata-se, no Gráfico 7, que todos os professores que participaram da pesquisa acreditam que sim, ou seja, que os alunos que cometem ou vivenciam situações de desrespeito podem replicar tais ações no ambiente escolar. A maioria dos alunos e seus pais (71% e 87%, respectivamente) também acredita que as ações cometidas fora da escola podem ser replicadas na escola. As justificativas selecionadas para caracterizar essa concepção foram:

“Depende da pessoa, aquelas que não tem maturidade para saber atuar” (A54).

“Porque, se nós somos educados a respeitar em casa, somos educados em todos os lugares” (A73).

“Elas podem ter motivos para mudar na escola” (A81).

“Por que em casa eles podem fazer o que quiser mais na escola não” (A83).



## *As relações interpessoais*

“Às vezes elas sabem respeitar em casa e faz bagunça na sala de aula” (A115).

“Se não respeita os próprios pais, fica difícil seu comportamento no ambiente escolar” (P22).

“A educação cabe primeiro aos pais se não for bom filho o mesmo coisa algum tem a desejar” (P31).

“Se um filho não respeita os pais em casa não podemos esperar que seja diferente na escola” (P45).

“Porque a criança constroi seu carater e indole apartir da Educação dos Pais” (P62).

“Os filhos se comportam do mesmo modo que são tratados pelos pais” (Prof.3).

“Porque a criança ainda está em formação comportamental logo, aprende coisas a partir do seu convívio familiar, já que é onde o mesmo passa a maior parte do tempo” (Prof.6).

“Com certeza é parte essencial para um desenvolvimento da criança” (Prof.12).

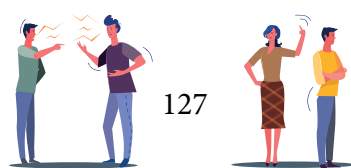
Nas justificativas apresentadas pelos alunos, pais/responsáveis e professores, fica implícito que esses sujeitos sabem da obrigação da família no que concerne à educação de seus filhos ou pupilos. É interessante frisar as diferentes percepções dos alunos quanto ao comportamento em casa ou na



escola, pois, enquanto A73 descreve que: “se nós somos educados a respeitar em casa, somos educados em todos os lugares”; A81 afirma que “elas podem ter motivos para mudar na escola” (então, não haveria motivo para mudar de comportamento em casa? Ou melhor, em sua casa, não se exige regras?) Para complementar as divergências na percepção dos alunos, o A83 diz: “Por que em casa eles podem fazer o que quiser mais na escola não” (sugerindo que em casa existem regras, mas na escola tudo é permitido) e, para desconstruir esse pensamento, A115 afirma que: “Às vezes elas sabem respeitar em casa e faz bagunça na sala de aula”. Por fim, pode-se inferir que as percepções apresentadas indicam que a educação familiar que esses alunos recebem não deixa claro que o respeito deve ser adotado em todos os locais e para todos, deixando a ideia de que, para esses alunos, existem determinados locais ou pessoas que merecem ser respeitadas.

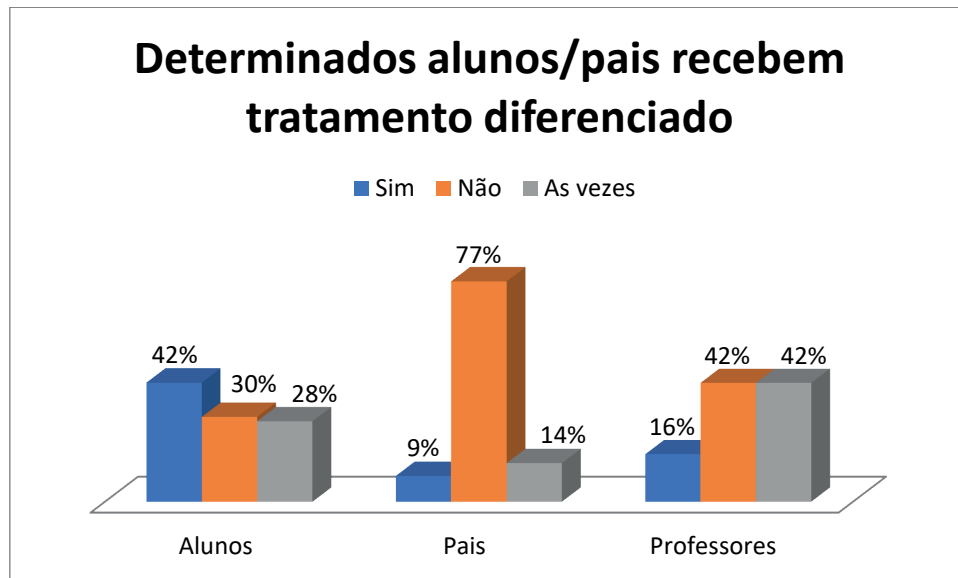
Geralmente, as expectativas das famílias perante os serviços prestados pelas escolas são, nomeadamente, de caráter social e pedagógico, crendo que as escolas irão ajudá-las a resolver os seus problemas cotidianos e atender ao bem-estar dos seus filhos, assim como irão colaborar nos seus percursos académicos de forma duradoura e inequívoca (LOUREIRO, 2017).

Nosso país foi marcado por “inúmeras desigualdades e exclusões que influenciam até os dias atuais, e, não seria diferente o contexto escolar ao longo da história também excluiu, silenciou o negro, a mulher, o pobre [...]” (LIRA, 2015, p. 15). A autora complementa que a escola ainda desrespeita o que considera ser diferente, segregando e excluindo determinados grupos. Aos sujeitos que participaram da pesquisa, solicitou-se a sua opinião sobre existência de tratamentos diferenciados para alguns pais e alunos na Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte (Gráfico 8).





**Gráfico 8 - Percepção dos alunos seus pais e professores quanto houver tratamento para determinados pais ou alunos da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Serra do Mel-RN, 2019**



Fonte: elaborado pela autora (2019).

A maioria dos pais/responsáveis dos alunos (77%) considera que não existe tratamento diferenciado para determinados alunos ou seus pais; e apenas 9% e 14% indicaram que não existe, ou existe parcialmente, respectivamente. Todavia, constata-se, no Gráfico 8, que 16% dos professores indicaram que realmente existe um tratamento diferenciado para determinados pais/responsáveis e alunos. Observa-se que 42% dos alunos indicaram que atores educacionais tratam melhor determinados alunos ou pais/responsáveis. Nesse sentido, destacam-se algumas justificativas apresentadas pelos sujeitos pesquisados:

“Eu acho que eles me tratam bem, mas tem outras pessoas que eles tratam melhor tem mais cuidado. Porque dão mais trabalho” (A6).

“Tem professores que tratam melhor alguns alunos só porque tem um desenvolvimento melhor eu acho que todos eram pra ser tratado do mesmo jeito”



## *As relações interpessoais*

(A65)

“Tem alguns que dão mais atenção aos outros, tem coordenadores que não fazem nem diz nada com ninguém, mais quando é eu, eles pegam no meu pé” (A67).

“Porque eles tratam mais Melhor aluno estudiosos do que tem mais dificuldade. em aprender” (A76).

“Tratam normal, mas já presenciei diferenças com outros” (A121).

“Eles tratam todos do mesmo jeito mais tem pessoas que precisam de mais atenção” (P28).

“Por dificuldade de aprendizagem” (P40).

“Eu acho quer eles tratam igual” (P61).

“Coordenadora pedagógica” (Prof.1).

“Alguns funcionários têm um tratamento diferenciado com os familiares” (Prof.6).

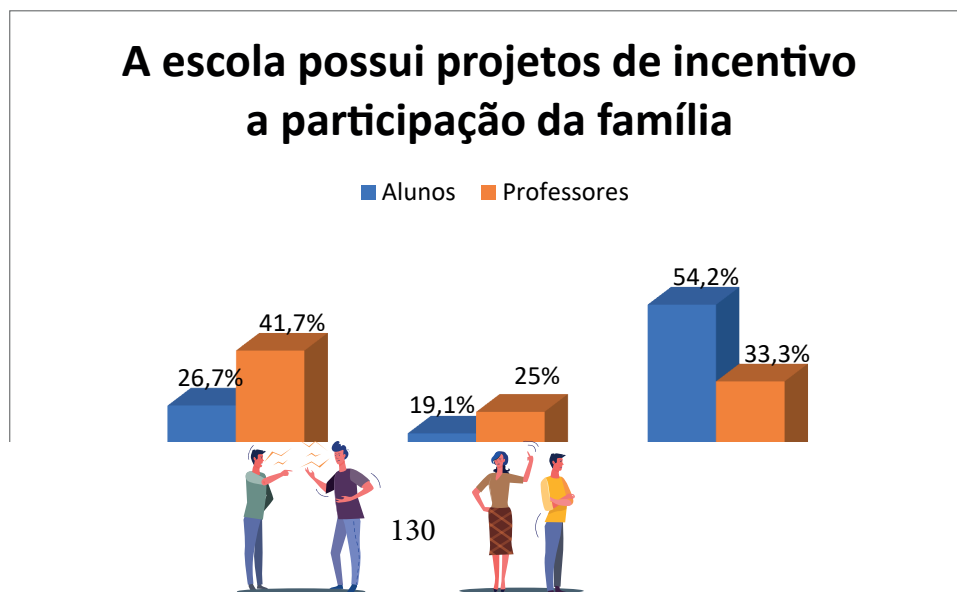
“Alguns filhos de funcionários são tratados diferentes dos demais alunos” (Prof.9).

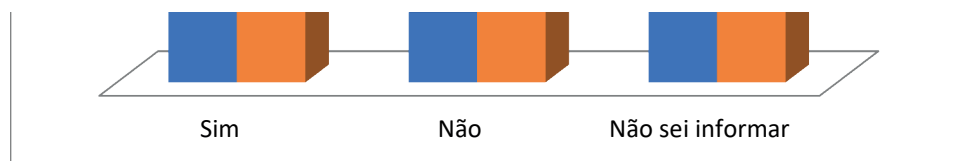


Família e escola emergem, assim, como duas instituições fundamentais para promoverem os processos evolutivos dos indivíduos, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Como tal, deveriam ser contextos aliados e parceiros imprescindíveis, constituindo-se como uma equipe em que as normas, os princípios e os critérios estabelecidos por ambos sigam o mesmo rumo e a mesma direção, criando e proporcionando as condições necessárias para que os objetivos propostos sejam efetivamente cumpridos, ou seja, o sucesso escolar e social das nossas crianças e jovens (LOUREIRO, 2017).

No que se refere à parceria família e escola, Loureiro (2017) adverte que, para a parceria escola-pais/responsáveis seja sustentada por uma ligação mais efetiva, é necessário que a escola crie oportunidades de participação à família e à comunidade, permitindo o seu envolvimento nas suas atividades. Na perspectiva sustentada por esse argumento, questionou-se aos sujeitos se a escola possui projetos de incentivo à participação da família nas atividades e eventos da escola. Os dados estão apresentados no Gráfico 9.

**Gráfico 9 - Indicação dos alunos e professores quanto à existência de projetos de incentivo à participação da família na Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte. Serra do Mel-RN, 2019**





Fonte: elaborado pela autora (2019).

A existência de projetos que buscam a participação da família é muito importante para fortalecer a relação família e escola e, assim sendo, 27% dos alunos e 42% dos professores indicaram que a escola investe em projetos com essa finalidade. Por outro lado, 54% dos alunos e 33,3% dos professores indicaram que não sabiam informar se, de fato, a escola possui algum projeto nesse sentido. O fato de o aluno não saber da existência desses projetos é natural e aceitável, porém, os professores não terem o conhecimento sobre se a escola desenvolve projetos para fortalecer a relação família e escola causa-nos estranheza, uma vez que os docentes deveriam participar ativamente, haja vista que são a principal ponte entre o aluno e a aprendizagem e, nesse contexto, a família pode (e deve) contribuir com essa aprendizagem. Dos alunos e professores que indicaram que existem projetos, destacam-se as ações e a forma de participação indicada por esses sujeitos:

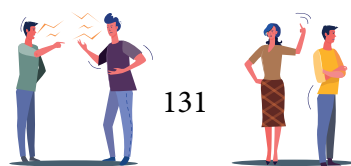
Nunca participa além das quadrilhas. (A53).

Nas festas da escola. (A85).

Em reuniões. (A111).

A participação é quase 0. (A114).

A escola sempre estimula essa relação. (Prof.11).



Projetos relacionados ao São João, Natal, Páscoa, Semana da criança, colação de grau. (Prof.10).

Direcionou-se aos pais/responsáveis dos alunos uma questão na qual se buscou entender se a escola incentiva, de alguma forma, esses pais/responsáveis a participarem dos seus projetos. Constatou-se que 64,5% dos pais/responsáveis indicaram que “sim”, como P9, que comentou: “Mais ainda não participo de nenhum”. No entanto, 16,1% informaram que não há esse incentivo. “Só trabalhos de sala de aula e festinhas que já estão no calendário escolar. tipo festa junina, tirando isso não tem!!!” (P68). Contudo, 19,3% dos pais/responsáveis indicaram que existe algum incentivo, mas isso não acontece com frequência, isto é, acontece somente às vezes. “Às vezes que acontece alguma coisa vem o convite” (P46).

Lopes et al. (2016) lembra-nos que a família se configura como a primeira instituição em que a criança recebe instruções para o seu desenvolvimento. Os referidos autores salientam que, de forma geral, as instituições acompanham o desenvolvimento social, “com a família não tem sido diferente, tem se modificado a cada período histórico, tanto em sua estrutura, função, modo de conceber a aprendizagem, valores e costumes” (LOPES et al., 2016, p. 21). Os autores mencionados afirmam ainda que, ao longo dos anos, o sistema educacional brasileiro e a instituição família vêm passando por constantes adaptações, sendo que a educação formal tem requerido e enfrentado mudanças no sistema educacional e na postura dos sujeitos envolvidos (incluindo a família) para que se atenda ao propósito maior do ensino e da aprendizagem.

O processo de ensino e aprendizagem pode ser influenciado por vários fatores e, dentre es-



ses, destacam-se as relações interpessoais. Farias (2007) enfatiza que “as relações familiares, sociais e institucionais estão estreitamente relacionadas aos resultados finais de avanços ou inercia nos processos de aprendizagem” (FARIAS, 2007, p. 10). Nesse contexto, os pais/responsáveis e alunos opinaram sobre a influência das relações interpessoais no processo de aprendizagem (Tabela 6).

**Tabela 1 - Opinião dos alunos e seus pais/responsáveis no que se refere à influência das relações interpessoais no processo de aprendizagem da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte, Serra do Mel-RN, 2019**

<b>Relações interpessoais e processo de aprendizagem</b>	<b>Alunos</b>	<b>Pais/responsáveis</b>
Fica mais difícil de aprender quando o professor não respeita o aluno	31,3%	26,1%
<b>Fica mais difícil de aprender quando o aluno não respeita o professor</b>	<b>62,6%</b>	<b>75,4%</b>
Fica mais difícil de aprender quando o aluno não respeita outros alunos	51,9%	49,3%
Fica mais difícil de aprender quando o aluno não tem ajuda dos familiares	19,1%	40,6%
A falta de respeito entre professores e alunos não interfere na aprendizagem	9,2%	13,0%
Não sei	0,8%	0%

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Percebe-se que a alternativa que mais se destacou quanto à questão que envolve o respeito e o processo de aprendizagem foi “fica mais difícil de aprender quando o aluno não respeita o professor”, indicado por 62% e 75% dos alunos e seus pais/responsáveis, respectivamente. Esse fato pode ser um indicativo que tanto os alunos como seus pais/responsáveis ainda acreditam da educação tradicional, em que o professor era o centro do processo e o detentor do conhecimento, e o aluno apenas “recebia”

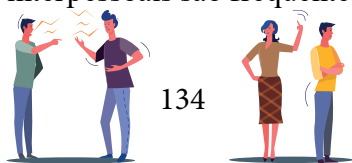


as informações. Sendo assim, o aluno deveria dispensar o respeito ao professor, mas não esperava o mesmo dele. Nas relações interpessoais, sejam elas quais forem, deve prevalecer o respeito mútuo. Não obstante, no processo de ensino e aprendizagem, o respeito deve acontecer entre todos os envolvidos, seja direta ou indiretamente, a exemplo dos pais/responsáveis. Nessa perspectiva, Crepaldi (2017) afirma que:

A educação é um fenômeno social inseparável da constituição dos sujeitos e da sociedade, integrante da vida social, econômica, política, cultural. Neste enfoque, trata-se, pois, de um processo global interligado à prática social, compreendendo processos formativos que ocorrem numa variedade de constituições e atividades, nas quais os sujeitos estão envolvidos de modo imprescindível e inevitável, pelo simples fato de existirem socialmente (CREPALDI, 2017, p. 3-4).

Não se pode negar que a escola e seus procedimentos muito têm se modificado, tendo em vista que, em tempos passados, essa instituição tinha como meta “repassar os conteúdos”, e hoje sabe-se da sua função social. Segundo Pereira (2013), a concepção de ensino mudou, assim como seu foco: o aluno, antes recipiente no qual se depositava o saber do professor, torna-se também produtor de conhecimento (escolar) e é reconhecido como portador de memórias que determinam o seu modo de aprender novos conteúdos.

No espaço da sala de aula, temos nas relações interpessoais entre professores e alunos a construção de vínculos com a aprendizagem, um dos aspectos fundamentais a serem considerados. [...] o professor passa a representar um vínculo favorável ou desfavorável com determinado tipo de conhecimento. As trocas interpessoais são frequentes e permeiam todo e qualquer procedimento



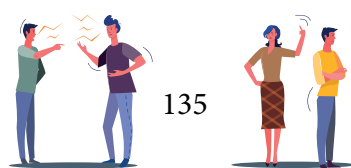
de aprendizagem (FARIAS, 2007, p. 10).

Assim, indagou-se aos professores que participaram da pesquisa qual a função mais importante que a escola deve desenvolver e verificou-se que a maioria dos professores (75%) indicaram que a principal função da escola deveria ser a formação do cidadão crítico e consciente. Outros 16,7% acreditam que a função da escola é promover um processo de aprendizagem eficiente, e 8,3% dos professores consideram que a principal função da escola é promover uma educação para todos (com respeito a diversidade). Embora todas as indicações estejam corretas, vale salientar que a escola que forma cidadãos críticos e conscientes também deve oferecer uma educação de qualidade e para todos.

A educação escolar deve buscar transformação do homem a partir da apropriação de conhecimentos científicos e que foram produzidos intencionalmente pelo conjunto dos homens. Na perspectiva dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, ela deve propor um ensino que respeite a diversidade e, ao mesmo tempo, o ser único que é cada aluno (LIRA, 2015).

Corroborando com Crepaldi (2017), é essencial a participação dos pais/responsáveis na vida da criança, e quando estendida até a escola, essa participação influencia significativamente no processo de aprendizagem. Com a participação ativa dos pais/responsáveis no processo de ensino-aprendizagem, “a criança fica mais confiante, uma vez que percebe que todos se interessam por ela, e também porque passam a conhecer quais são as dificuldades e quais os conhecimentos que ela tem” (CREPALDI, 2017, p. 6).

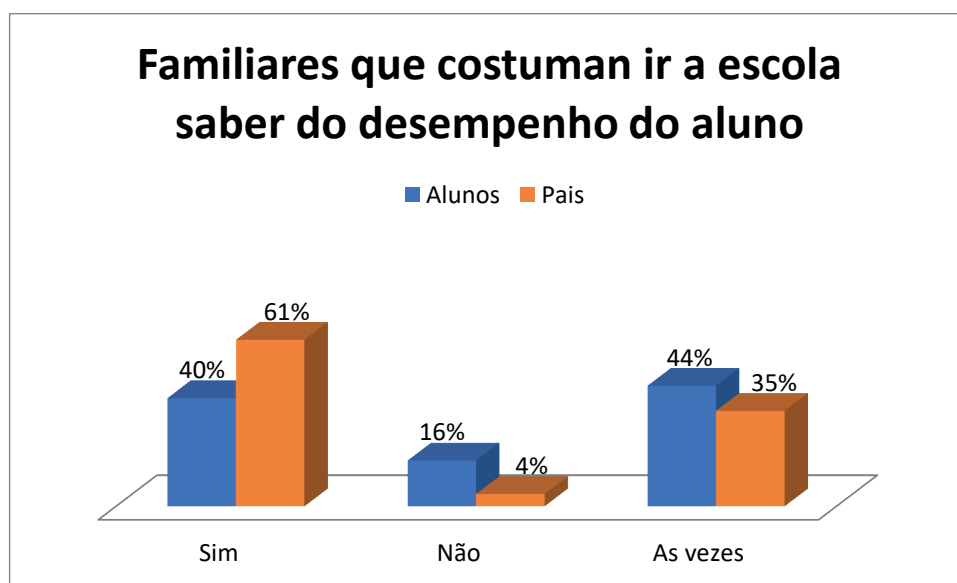
Sabendo da importância dos familiares se envolverem com a vida escolar da criança, perguntou-se aos alunos e pais/responsáveis se algum membro da família costuma ir à escola saber como está o desempenho do aluno. Denota-se, no Gráfico 10, que 61% dos pais/responsáveis e 40% dos alu-





nos indicaram que sim, que existe algum membro de sua família que vai com frequência à sua escola saber como está seu desempenho.

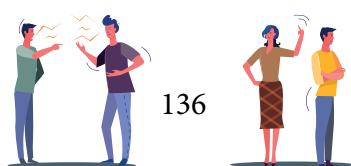
**Tabela 10- Indicação dos alunos e seus pais/responsáveis quanto ao comprometimento dos familiares em procurar a Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte para saber do desempenho do aluno. Serra do Mel-RN, 2019**



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Ao observar os dados apresentados no Gráfico 10, pode-se inferir que os alunos que indicaram que seus familiares não costumam ir à escola saber de seu desempenho e também aqueles alunos que informaram que seus familiares não vão com frequência (somente às vezes) possuem um percentual de 60%, que representa mais da metade dos alunos que participaram da referida pesquisa, o que nos traz uma séria preocupação, uma vez que é um indicativo de que os familiares realmente não estão se envolvendo ativamente com o processo educacional de seus filhos. Nesse sentido, destacam-se algumas justificativas apresentadas pelos alunos e seus pais/responsáveis:

“Minha mãe não tem tempo, porque só vivem trabalhando, meu pai nem se



preocupa comigo” (A13).

“Só quando estou passando dos limites” (A54).

“Sempre vem para saber se minhas notas estão boas, saber se me comporto etc.” (A107).

“Porque a minha mãe é muito ocupada em casa” (A115).

“Sempre tenho ido na escola, e procuro saber dos professores como meu filho está, pois quero o melhor para ele. O estudo em primeiro lugar” (P11).

“Não, porque eu trabalho muito” (P37).

“Na maioria das vezes eu vou quando tem reuniões” (P45).

“Por comodismo, devemos ir mais vezes, mas só vou se precisar” (P53).

Pode-se deduzir que, geralmente, na visão dos pais/responsáveis e alunos, “aqueles” familiares que são (ou deveriam ser) os responsáveis pelo acompanhamento do aluno fora da escola são muito “ocupados” e, por isso, estão isentos de ir à escola com maior frequência. Sabe-se da necessidade dos pais/responsáveis trabalharem para manter o sustento da família, e que, frequentemente, o horário de trabalho coincide com o horário escolar, fazendo com que, algumas vezes, fique inviável que o responsável pelo aluno vá à escola nesse horário para saber o desempenho deste, entretanto, o



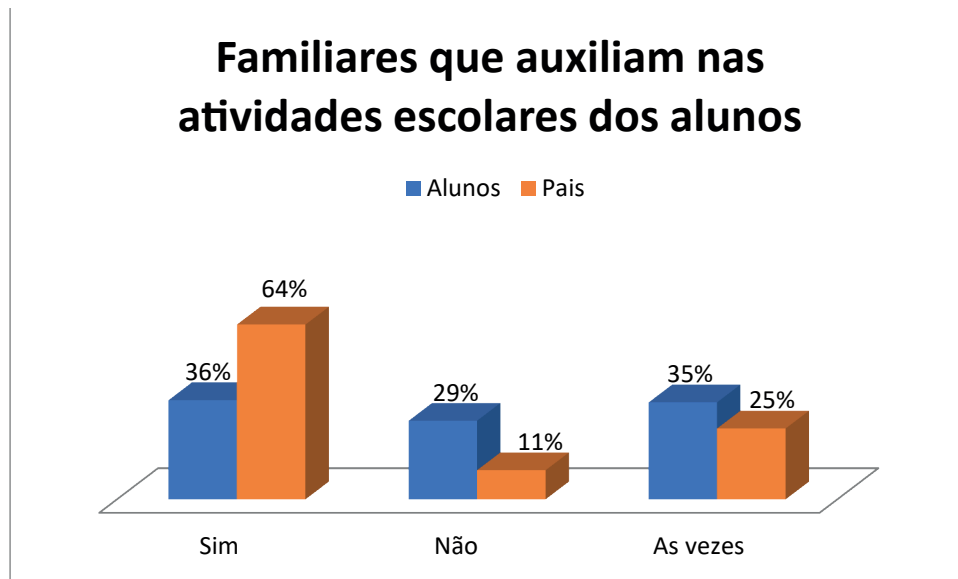
responsável poderá pedir a outro membro da família para ir até a instituição e obter informações sobre o desempenho do seu pupilo. Além disso, vale salientar que a pouca frequência dos pais/responsáveis na escola dos filhos também pode ser motivada pelo comodismo, conforme declarou o P53: “Por comodismo, devemos ir mais vezes mais só vou se precisar” (palavras de um pai/responsável).

A negligência dos pais/responsáveis com a vida escolar de seus filhos infelizmente pode, até certo ponto, ser considerada uma situação generalizada das escolas públicas do Brasil. Sobre esse fato, Crepaldi (2017) complementa que, frequentemente, pode-se observar que a maioria dos(as) educadores(as) reclamam da pouca ou nenhuma demonstração de interesse da família em participar do cotidiano escolar do(a) filhos(as).

A família tem um papel fundamental na vida escolar das crianças, jovens e adolescentes e, por isso, precisa ter consciência sobre o valor de estar presente na vida escolar de seus filhos. Isso implica em envolvimento, comprometimento, colaboração e, ainda, estar atenta a todas as dificuldades que seus filhos apresentam, tanto cognitivas quanto comportamentais. Assim, a família poderá intervir para tentar sanar ou minimizar tais problemas (BRENDLER, 2013). Algumas dificuldades de aprendizagem podem ser atenuadas quando a família se envolve ativamente no processo de aprendizagem dos seus filhos, seja auxiliando nas atividades, estimulando o estudo, debatendo com os filhos sobre conteúdos escolares etc. Nesse contexto, questionou-se aos alunos e seus pais/responsáveis se algum membro da família os auxiliam com atividades escolares (Gráfico 11).

**Gráfico 11- Indicação dos alunos e seus pais/responsáveis quanto ao envolvimento dos familiares nas atividades escolares trazidas para casa da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte, Serra do Mel-RN, 2019**





Fonte: elaborado pela autora (2019).

Constata-se, no Gráfico 11, que a maioria dos pais/responsáveis (64%) indicou que alguém da família (não necessariamente pai ou mãe) auxilia nas atividades escolares dos filhos, porém, dos filhos (alunos) que participaram da referida pesquisa, apenas 36% informaram que recebem ajuda de algum membro familiar para desenvolverem suas atividades escolares.

“Porque se eles não ajudam, a pessoa não sabe de nada” (A46).

“Porque não tem tempo” (A54).

“Quando eu preciso” (A78).

“Sempre faço minhas atividades só” (A107)

“Quando tem dificuldade” (P40)



## *As relações interpessoais*

“Quando ela não tá entendendo e pede a ajuda, sim” (P44)

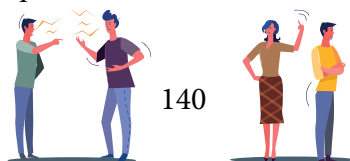
“Geralmente minha filha sabe responder as atividades” (P45)

“Porque até agora ela não precisou da minha ajuda” (P63)

Nas justificativas apresentadas pelos alunos e seus pais/responsáveis, foi possível identificar frases isentando os pais/responsáveis da responsabilidade de auxiliar ou se envolver com as atividades escolares dos filhos, com o argumento de que os pais/responsáveis não se envolvem diretamente porque não têm tempo, porque o aluno é acostumado a desenvolver suas atividades sozinhas e porque não precisa de ajuda.

Isso é um indicativo de que os pais/responsáveis não compreendem a importância de seu envolvimento da vida escolar dos filhos, pois auxiliar não significa somente apoiar nas atividades (tarefas de casa); é algo maior que envolve o compromisso de debater com o aluno/filho sobre os conteúdos ministrados; saber se o aluno está gostando ou sentindo dificuldades em determinados conteúdos; ver a atividade e elogiar a organização do caderno (ou, do contrário, mostrar como fazer as atividades de forma mais organizada), entre outras ações que se configuram como envolvimento dos pais/responsáveis nas atividades do filhos.

Na perspectiva de Brendler (2013), a comunidade escolar, de forma geral, precisa considerar o processo de aprendizagem dos alunos para o seu pleno desenvolvimento educacional e social. Logo, a família e a escola precisam estar em sintonia, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem flua satisfatoriamente a todos os envolvidos. Considerando a família o exemplo para os filhos, é preciso estar atento ao se ensinar e aprender, levar em conta os aspectos individuais de cada criança, com-



## *As relações interpessoais*

prender que cada uma delas vem com uma bagagem cultural específica (individual) para a escola e isso irá depender do contexto em que esta está inserida, e o professor deve compreender e respeitar o mundo de cada criança.

Vale salientar que o envolvimento dos pais/responsáveis nas atividades escolares dos filhos pode promover uma maior segurança e representar um maior estímulo para avançar seus conhecimentos. Loureiro (2017) afirma que não existe uma configuração familiar ideal, mas antes, uma realidade familiar eclética, em que as suas finalidades, interações e espaços de intervenção estão organizados em diferentes modalidades (famílias monoparentais, reconstruídas, comuns etc.) com uma oferta de códigos intra e inter-relacionais, acrescidas de diferentes visões educativas. Entretanto, o compromisso com a vida escolar da criança e do adolescente deve ser uma prioridade não negligenciada.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---



## *As relações interpessoais*

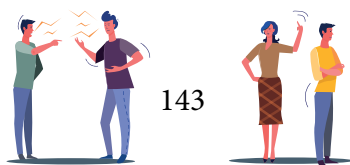
A realização deste estudo possibilitou o entendimento de que a escola é considerada um espaço de relações interpessoais multicultural, pois envolve uma gama de pessoas cujas características são diferenciadas. Por consequência, os problemas, as diversidades de conhecimento, as regras e valores se avolumam.

O ambiente escolar opera, na verdade, como um microsistema da sociedade, refletindo as transformações atuais, dentre as quais se destaca os novos arranjos familiares. De acordo com a pesquisa desenvolvida, observou-se que tais transformações podem de fato interferir nas relações interpessoais e, por conseguinte, no ensino-aprendizado, visto que cada sujeito possui crenças e valores próprios, os quais defende como modo de vida, o que pode causar conflitos envolvendo a não aceitação ao outro ou do outro.

Com efeito, pensamentos e atitudes contraditórias, que incluem situações de preconceito e desrespeito, acontecem nas relações interpessoais do cotidiano escolar. As razões apontadas por essa investigação são: problemas de relação intrapessoal, insatisfação dos pais/responsáveis para com gestores e coordenadores, indisciplina dos alunos, falta de estratégia pedagógica dos professores, relações interpessoais desrespeitosas no núcleo familiar, falta de interesse da família para com a vida escolar dos filhos.

Não se deve esquecer, todavia, que, muitas vezes, o mau comportamento dos alunos é reflexo das más relações familiares, refletindo nas relações entre pais/responsáveis e professores, que, conforme apurado nesta investigação, podem ser de desrespeito.

Fica claro que o comportamento, tanto dos alunos como dos pais/responsáveis e equipe pedagógica, é algo variável e que inicia em casa, sendo estendido à escola e à sociedade o fato é que os sujeitos, ainda em tenra idade, tendem a copiar comportamentos, por isso a importância de em casa





ou na escola terem bons exemplos.

Assim posto, a escola tem por missão formar cidadãos críticos capazes de lidar com todo tipo de mudança rápida e de conflitos interpessoais, especialmente, mantendo-os informados diante do mundo globalizado. Deve formar cidadãos participativos e competentes para atuarem tanto na vida social quanto na vida privada, preparados para conviver com a diversidade e o conflito de opiniões, bem como com as influências presentes nas relações do sujeito consigo mesmo e com o outro.

Embora a escola enfrente, no dia a dia, problemas como a desvalorização profissional, a violência, as alterações das relações familiares e forma de tratamento entre seus membros e tantos outros, ela permanece sendo responsável por ministrar o conhecimento, ajudando as pessoas a terem autonomia e participarem efetivamente das políticas, continuando, assim, a lutar por equidade de direitos. Todavia, para que isso aconteça, é imprescindível que a educação seja tratada como uma política social, que tem como acordo fundamental a garantia dos direitos do cidadão.

Entende-se que a escola é responsável pela constituição do cidadão, tendo como desafio instigar a potencialidade do educando, sem desvalorizar suas diversidades socioculturais. Portanto, sugere-se como ações de intervenção para sensibilizar a comunidade intra e extra escolar: cogitar e incentivar o trabalho em equipe; propor a realização de atividades coletivas, destacando a necessidade e a importância das relações interpessoais na história de cada um; manter e investir em reuniões constantes com a família e toda a comunidade escolar, visando estabelecer relações mais próximas, nas quais todos desejem e apresentem o deleite de conviver no espaço escolar.

Em face dos resultados alcançados, fica evidente que este trabalho contribui pertinentemente para a reflexão sobre alternativas e estratégias que possam diminuir os conflitos, e comportamentos desrespeitosos no ambiente escolar, bem como para o estímulo à remição de valores sistemáticos pela



## *As relações interpessoais*

moral e assistência humana. Ademais, acredita-se que ele pode estimular novas pesquisas, visto que ainda há muito a ser conhecido e desvendado no que concerne às relações interpessoais no âmbito escolar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---



ALADINI, Ana Paula Sefrin. Trabalho, medo e sofrimento: considerações acerca do assédio moral. Revista LTr, São Paulo, v. 71, n. 8, p. 965-971, ago. 2007. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/95622?show=full>. Acesso em: 08 out. 2019.

ALARCÃO, Isabel. Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. Etnografia da prática escolar. Campinas – SP: Papirus, 2005

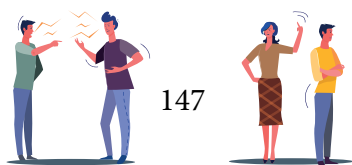
AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida et al. Arranjos familiares de crianças de camadas popular. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, p. 11-20, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000300003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000300003&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 5 set. 2019.

ANDRÉ, Marli Elisa D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 2005.

APÓSTOLO, João Luis Alves; LOUREIRO, Luis Manoel de Jesus. Um instrumento para avaliação das relações interpessoais no trabalho. Revista Referência, [S. l.], v. 9, p. 5-10, 2002. Disponível em: [https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id\\_artigo=45&id\\_revista=5&id\\_edicao=13](https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=45&id_revista=5&id_edicao=13). Acesso em: 10 out. 2019.

AQUINO, Júlio Groppa. Indisciplina na sala de aula. 6. ed. São Paulo: Summus, 1996.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. Um estudo da relação entre o ambiente cooperativo e o julgamento moral na criança. 1993. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Campinas (Uni-



## *As relações interpessoais*

camp), Campinas, 1993. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251907>.

Acesso em: 10 out. 2019.

BANALETTI, Samara Marina Menin; DAMETTO, Jarbas. Indisciplina no contexto escolar: causas, consequências e perspectivas de 42 intervenção. *Revista de Educação do Ideau (REI)*, Bagé, v. 10, n. 22, p. 1-15, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/31139420-Indisciplina-no-contexto-escolar-causas-consequencias-e-perspectivas-de-intervencao.html>. Acesso em: 13 out. 2019.

BAUMANN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2012.

BOGGINO, Norberto A. *Cómo prevenir la violencia en la escuela: estudio de casos y orientaciones prácticas*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2005.

BOM SUCESSO, Edina. *Relações interpessoais e qualidade de vida: no trabalho*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2002.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 13 nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação na-



cional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 13 set. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural. Brasília: MEC/SEF, 1998. E-book. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em> 23 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação (PNE). Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>. Acesso em 10 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.in.gov.br>. Acesso em 10 fev. 2019.

BRENDLER, Ângela. Família no contexto escolar: sua participação no processo de aprendizagem. 2013. 28 f. Monografia (Especialização em Gestão Educacional) – Curso de Pós-Graduação a Distância Lato-Sensu em Gestão Educacional, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Tio Hugo, RS, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/522/Brendler\\_Angela.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/522/Brendler_Angela.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 05 dez. 2019.

BUSQUETS, Gotzens et al. Indisciplina Instrucciona y Convencional: Su Predicción en el Rendimiento Académico. Revista Colombiana de Psicología, Bogotá, v. 24, n. 2, p. 317-330, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80441602006>. Acesso em: 24 jul. 2019.

CABRAL, Iolanda Curinga. Relação interpessoal: um desafio no espaço escolar. 2014. 32 f. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Uni-



versidade Estadual da Paraíba, Itaporanga, PB, 2014.

CAEIRO, José Francisco Nunes; DELGADO, Pedro Manuel Lourenço. *Insdisciplina em contexto escolar*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CAMPOS, Carmen Regina de; GODOY, Miriam Adalgisa Bedim. *Relações Interpessoais: um desafio para o gestor escolar*. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 11., 2003,

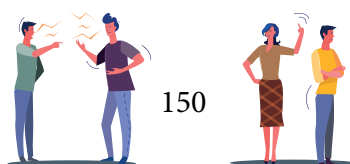
Curitiba. *Anais eletrônicos [...]*. Curitiba: EDUCERE, 2003. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7595\\_4541.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7595_4541.pdf). Acesso em: 7 ago. 2019.

CARVALHO, Maria do Carmo Nacif de. *Relacionamento Interpessoal: como preservar o sujeito coletivo*. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

CARVALHO, MARIA DO CARMO NACIF DECHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CHANLAT, Jean-François. *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

CHAVES, Antônio Marcos. et al. *Representação social de mães acerca da família*. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2002. Disponível em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:d\\_cN7X\\_8O9YJ:https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/download/39679/42537+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:d_cN7X_8O9YJ:https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/download/39679/42537+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 30 out. 2019.



CHAVES, Antônio Marcos. et al. Significados de proteção a meninas pobres da Bahia do século XIX. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, p. 85-95, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722003000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300011). Acesso em: 30 out. 2019.

CHIAVENATO, I. *Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações*. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

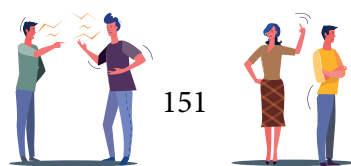
CHRISPINO, Álvaro; CHRISPINO, Raquel S. P. *Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar*. 2 ed. São Paulo: Biruta, 2011.

CIPOLLA, Francisco Paulo. O mecanismo da mais valia relativa. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 383-408, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ee/v44n2/06.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2019.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, Lisboa, v. 13, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: [http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009\\_13\\_2\\_30-36.pdf](http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf). Acesso em: 15 set. 2019.

CREPALDI, Elaise Mara Ferreira. A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 18., 2017, Curitiba. *Anais eletrônicos [...]*. Curitiba: PUCPR, 2017. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972\\_13983.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf). Acesso em: 29 out. 2019.

CRUZ, Fátima Maria Leite; MACIEL, Milena Ataíde. ‘Excluir’, ‘Xingar’, ‘Bater’: sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 22, n.





2, p. 291-300, mai./ago. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-85572018000200291&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-85572018000200291&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 14 out. 2019.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. 1. ed. São Paulo: Edusc, 1996. E-book. Disponível em: <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/cuchedennys-a-noc3a7c3a3o-de-cultura-nas-cic3aancias-sociais.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

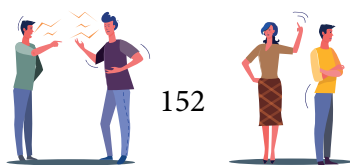
DEBARBIEUX, Eric. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: Unesco, 2002.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda. Adolescência e fatores de risco: A importância das habilidades sociais educativas. In: HAASE, V. G.; FERREIRA, F. O.; PENNA, F. J. (Orgs.). Aspectos biopsicossociais da saúde na infância e adolescência. Belo Horizonte: COOPMED, 2009.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; HUTZ, Cláudio Simon. Depressão e desempenho escolar em crianças e adolescentes institucionalizados. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 351-357, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-79722004000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-79722004000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 13 nov. 2019.

DEMO, Pedro. Professor/conhecimento. 2001. Disponível em: [http://antigo.enap.gov.br/downloads/ec43ea4fProfessor\\_Conhecimento.pdf](http://antigo.enap.gov.br/downloads/ec43ea4fProfessor_Conhecimento.pdf). Acesso em: 29 out. 2017.

DESLAND, Rollande; BERTRAND, Richard. Motivation of parent involvement in secondary-level schooling. The Journal of Education Research, [S. I.], v. 98, n. 3, p. 164-175, jan. 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/241739425\\_Motivation\\_of\\_Parent\\_Involvement\\_in\\_Se](https://www.researchgate.net/publication/241739425_Motivation_of_Parent_Involvement_in_Se)



condary-Level\_Schooling. Acesso em: 10 out. 2019.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 3, p. 51-61, dez. 1997. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000300006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300006). Acesso em: 03 mar. 2019.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 164-175, dez. 1997. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000300006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300006). Acesso em: 4 out.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-37722000000300005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-37722000000300005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 15 nov. 2019.

DESSEN, M. A.; PEREIRA-SILVA, N. L. A família e os programas de intervenção: Tendências atuais. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia; WILLIAMS, Lúcia Cavalcante de Albuquerque (Org.). *Temas em educação especial: Avanços recentes*. São Carlos: EDUFSCAR, 2004.

DEVRIES, Rheta; ZAN, Betty. *A ética na educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DIAS, Caio Vinicius S.; SILVEIRA, Carmen L. P. *A Inteligência emocional e trabalho em equipe no contexto organizacional*. Cabo Frio: Universidade Veiga de Almeida, 2013.

DÍAZ-AGUADO, M. J. *Da violência escolar à cooperação na sala de aula*. Americana: Adonis, 2015.

DOUGLAS, William et al. *Como passar em provas e concursos: tudo o que você precisa saber e nunca*



teve a quem perguntar. 28. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2010.

DUARTE, Berenice Soares. Relação Interpessoal: desafio a ser enfrentado na Escola Municipal Vereador José Odete. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal Do Tocantins, Palmas, 2010.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. Revista Contemporaneidade e Educação, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 27-33, 1998. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/81640585/Dubet-Francois-A-formacao-dos-individuos-a-desinstitucionalizacao>. Acesso em: 10 out. 2019.

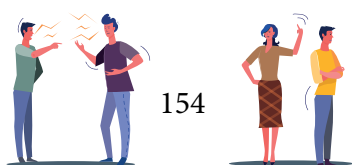
ESCOLA MUNICIPAL VILA RIO GRANDE DO NORTE. Projeto Político Pedagógico (PPP). Serra do Mel: Vila Rio Grande do Norte, 2019a.

ESCOLA MUNICIPAL VILA RIO GRANDE DO NORTE. Atas de resultados iniciais. Serra do Mel: Vila Rio Grande do Norte, 2019b.

ESCOLANO, A. Maestros de ayer, maestros del futuro. Revista Vela Mayor, Madrid, v. 3, n. 9, p. 41-48, 1996.

ESTRELA, Maria Teresa. Relação pedagógica: disciplina e indisciplina na aula. 4 ed. Porto: Porto Editora, 2002.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Barão Geraldo Campinas: Verus Editora, 2005.



FANTUZZO, John; TIGHE, Erin; CHILDS, Stephanie. Family involvement questionnaire: a multivariate assessment of family participation in early childhood education. *Journal of Educational Psychology*, [S. l.], v. 92, n. 2, p. 367-376, 2000. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/232598514\\_Family\\_Involvement\\_Questionnaire\\_A\\_multivariate\\_assessment\\_of\\_family\\_participation\\_in\\_early\\_childhood\\_education](https://www.researchgate.net/publication/232598514_Family_Involvement_Questionnaire_A_multivariate_assessment_of_family_participation_in_early_childhood_education). Acesso em: 15 out. 2019.

FARIAS, Cristina Helena Bento. *As relações interpessoais na escola*. 2007. 55 f. Monografia (Especialização em Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, 2007. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1718/Farias\\_Cristina\\_Helena\\_Bento.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1718/Farias_Cristina_Helena_Bento.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 02 nov. 2019.

FAZENDA, Ivani (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-79722002000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-79722002000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 14 nov. 2019.

FILLOUX, J. C. *Émile Durkheim* tradução: Celso do Prado Ferraz de Carvalho, Miguel Henrique



## *As relações interpessoais*

Russo. Fundação Joaquim Nabuco, Recife: Massangana, 2010.

FITZPATRICK, Kewin M.; YOLES, William C. Policy, school structure, and sociodemographic effects on statewide high school dropout rates. *Sociology of Education*, [S. l.], v. 65, p. 76-93, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/2112694.pdf?seq=1>. Acesso em: 29 out. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRAGO, Antônio Viñao; ESCOLANO, Agustis. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2001.

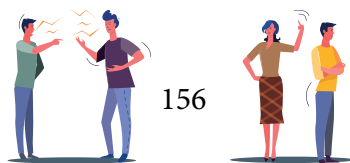
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. E-book. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/PoliticaeEducacao.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

FRESCHI Elisandra Mottin; TEIXEIRA, Márcio. *Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar*. *Revista de Educação Ideau (REI)*, [S. l.], v. 8, n. 18, jul./dez. 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/31945854/RELA%C3%87%C3%95ES\\_INTERPESSO-AIS\\_A\\_CONSTRU%C3%87%C3%83O\\_DO\\_ESPA%C3%87O\\_ARTESANAL\\_NO\\_AMBIENTE\\_ESCOLAR?auto=download](https://www.academia.edu/31945854/RELA%C3%87%C3%95ES_INTERPESSO-AIS_A_CONSTRU%C3%87%C3%83O_DO_ESPA%C3%87O_ARTESANAL_NO_AMBIENTE_ESCOLAR?auto=download). Acesso em: 09 nov. 2015.

GARCIA, A. *Estudantes do ensino superior: as relações pessoais e interpessoais*. In: GIL, Antônio Carlos. *Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Amostragem na pesquisa social*. In: GIL, Antônio Carlos (Org.). *Métodos e*



técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio C. Pesquisa social: métodos e técnicas de pesquisa. São Paulo, 2012.

GOERGEN, Pedro. Ética e educação: o que pode a escola? In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (Orgs.). Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas. Campinas: Autores Associados, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

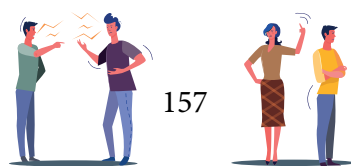
GRILLO, M. O professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GUIMARÃES, R. F.; ALMEIDA, S. C. G. Reflexões sobre o trabalho social com famílias. In: VITALE, Maria Amália Faller; ACOSTA, Ana Rojas. Família: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

HAIR JÚNIOR, Joseph F. et al. Fundamentos métodos de pesquisa em administração. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HEDEGAARD, Mariane. A zona de desenvolvimento proximal como base para o ensino. In: DANIELS, Harry. (Org.). Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, 2002.

HIRIGOYEN, Marie-France; JANOWITZER, Rejane. Mal-estar no trabalho: redefinindo o assédio



moral. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

JESUS, Ângela Vujanski. Relação professor/aluno na Educação Infantil. In: PEDAGOGIA ao Pé da Letra. [S. l.], 2013. Disponível em: <http://pedagogiaao.pedalettra.com/relacao-professoraluno-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 25 ago. 2019.

KANAANE, Roberto. Comportamento humano nas organizações: o homem rumo ao século XXI. São Paulo: Atlas, 2006.

KASTELIC, Eloá S. D. Formação de professores indígenas e as necessidades socioculturais da microcomunidade dos indígenas Avá-guarani de Santa Rosa do Oco'y. 2014. 297 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, 2014.

KELLER-LAINE, K. A zona de desenvolvimento proximal como base para o ensino. In: DANIELS, Harry. (Org.). Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, 1998.

KNECHTEL, Maria do Rosário. Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

KREPPNER, Kurt. Families and school together: An experimental analysis of parent-mediated multi-family group program for American Indian children. *Journal of School Psychology*, [S. l.], 42, 359-383, 1992. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022440504000664>. Acesso em: 15 nov. 2019.



KREPPNER, Kurt. The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 11-22, jan./abr. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722000000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000100003) . Acesso em: 15 out. 2019.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

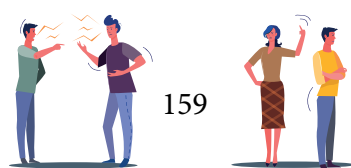
LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

LIMA, Wagner Fonseca. *Violência corporativa e assédio moral*. [S. l.]: Armazém Digital, 2005.

LIRA, Ana Paula Gomes de Abreu. *O papel da escola no combate à discriminação de gênero nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola pública de Samambaia-DF*. 2015. 38 f. Monografia (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14428/1/2015\\_AnaPaulaGomesdeAbreuLira\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14428/1/2015_AnaPaulaGomesdeAbreuLira_tcc.pdf) . Acesso em :15 out. 2019.

LOPES, Daniela Aparecida Bernardino et al. Escola e família no desenvolvimento intelectual e afetivo do aluno. *Revista. Saberes*, Rolim de Moura, v. 4, n. 1, , jan./jun. 2016. Disponível em: <https://facsao paulo.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/ed5/3.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2019.

LOUREIRO, Marta Assis. *Relação Família-Escola: educação dividida ou partilhada?* In: *Psicologia. pt: o portal dos psicólogos*. [S. I.], 21 abr. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1162.pdf>. Acesso em 22 set. 2019.





LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes, 2017.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

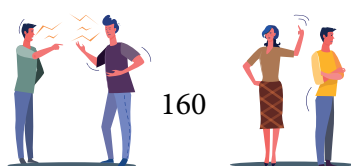
LÜCK, Heloísa. A gestão participativa na escola. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

LÜCK, Heloísa et.al. A escola participativa: o trabalho do gestor escolar. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MACARENCO, Iisabel. Gestão com pessoas -- Gestão, Comunicação comunicação e Pessoas: Comunicação pessoas: comunicação como competência de apoio para a Gestão Alcançar Resultados, gestão alcançar resultados. 2006, 233s. 233 f. Tese (Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo – (USP), São Paulo:, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-05072009-203625/publico/1074012.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

MACHADO, Gláé Corrêa; FORSTER, Mari Margarete dos Santos. (In)Disciplina Escolar: desafios e possibilidades aos professores do século XXI. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 118-133, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/18145/12798>. Acesso em: 21 dez. 2019.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo: Loyola, p. 71-87, 2000.



MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1999.

MASLACH, Christina. Banishing burnout: Six strategies for improving your relationship with work. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2005.

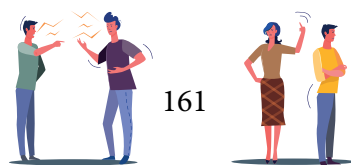
MAYER, Verônica Feder; MARIANO, Sandra R. H. Técnicas de comunicação e negociação. São Paulo: Mayer, 2009.

Monteiro, J. & M Martins. O Conflito escolar visto pelos alunos – um estudo no concelho da Guarda. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta, 2013.

MEDEIROS, Alexandre Vinícius Malmann. O fenômeno bullying: (in)definições do termo e suas possibilidades. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, 2012. Disponível em: [https://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/2012\\_-\\_Alexandre\\_MALMANN\\_-\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_FINALIZADA.pdf](https://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/2012_-_Alexandre_MALMANN_-_Disserta%C3%A7%C3%A3o_FINALIZADA.pdf). Acesso em: 04 jan. 2020.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Desenvolvimento e aprendizagem: reflexões sobre suas relações e implicações para a prática docente. Ciência e Educação, Bauru, v. 5, n. 2, p.61-70, 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73131998000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73131998000200006&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 29 nov. 2019.

MEISTER, J. A. F. Qualidade de vida e realização profissional: uma reflexão filosófica humanista. In: CONGRESSO DE STRESS DA ISMA-BR, 13., 2013, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: ISMA-BR, 2013.



## *As relações interpessoais*

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio Batista. Por uma composição técnica do trabalho em saúde centrada no campo relacional e nas tecnologias leves: apontando mudanças para os modelos tecno-assistenciais. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 65, p. 316-323, 2003. Disponível em: [https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/territorio/composicao\\_tecnica\\_do\\_trabalho\\_emerson\\_merhy\\_tulio\\_franco.pdf](https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/territorio/composicao_tecnica_do_trabalho_emerson_merhy_tulio_franco.pdf). Acesso em: 21 nov. 2019.

MINUCUCCI, Agostinho. *Relações humanas: psicologia das relações interpessoais*. São Paulo: Atlas, 1978.

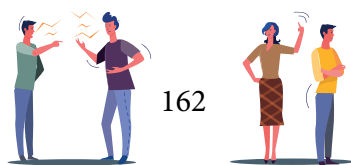
MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Os construtores da cidade*. Rio de Janeiro: Fase, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. *Análise diagnóstica da política nacional de saúde para redução de acidentes e violências*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

MONTEIRO, José Manuel Martins. *O conflito escolar visto pelos alunos: um estudo no concelho da Guarda*. 241 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração e Gestão Educacional) – Universidade Aberta, Lisboa, 2013. Disponível em: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3018/1/Disserta%20a7%20a3o\\_Jos%20a9%20Monteiro\\_1003080\\_11-%20baMAGE.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3018/1/Disserta%20a7%20a3o_Jos%20a9%20Monteiro_1003080_11-%20baMAGE.pdf). Acesso em: 10 dez. 2019.

MONTOYA, Adrian Dongo. *Contribuições da psicologia e epistemologia genéticas para a educação*. São Paulo: Avercamp, 2004.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. *Motivação do aluno durante o processo de ensino*



aprendizagem. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, ano 1, n. 1, ago./dez. 2007.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MUTTI, Regina Maria Varini. Indisciplina e discurso pedagógico: efeitos de sentidos diversos em confronto. Revista Educação, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 347-358, set./dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/18082/12443>. Acesso em: 20 nov. 2019.

NASCIMENTO, Eunice Maria; EL SAYED, Kassem Mohamed. Administração de conflitos. Coleção gestão empresarial, [S. I.], v. 5, p. 47-56, 2002.

NIKODEM, Samara; PIBER, Lizete Dieguez. Estudo sobre o fenômeno Bullying em escolas de ensino fundamental e médio da região noroeste do RS. Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI, Erechim, v. 7, n. 12, p. 105-121, 2011. Disponível em: [http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\\_012/artigos/artigos\\_vivencias\\_12/n12\\_10.pdf](http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_012/artigos/artigos_vivencias_12/n12_10.pdf). Acesso em: 13 ago. 2019.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. Interações sociais e desenvolvimento: a perspectiva sócio histórica. Caderno do CEDES, Campinas, v. 20, 2000.

OLIVEIRA, Maria Tereza Mateus; GRAÇA, Amandio. Procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos na aula de Educação Física. Millenium, [S. I.], v. 45, p. 25-43, jun./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium45/3.pdf>. Acesso em:



13 nov. 2019.

OLIVEIRA, Maria Luiza Silva; BASTOS, Ana Cecília de Souza. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 97-107, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-79722000000100012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-79722000000100012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 10 nov. 2019.

O PERFIL ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004.

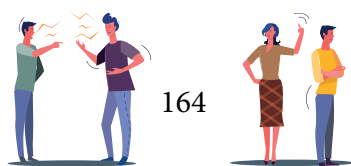
PAINE, Thomas. *Senso comum*. São Paulo: IBRASA, 1964.

PARO, Vitor Henrique. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Xamã, 2001.

PARO, Vitor Henrique. *Qualidade do ensino: a contribuição dos pais*. 3. ed. São Paulo: Xamã, 2007.

PEREIRA, Caio Mário da Silva. *Instituições de Direito*. 25. ed. São Paulo: Forense, 2002.

PEREIRA, Juliano da Silva. Algumas reflexões sobre o conceito de empatia e o jogo de RPG no ensino de história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL. 27., 2013, Natal. Anais eletrônicos [...] Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364641045\\_ARQUIVO\\_ALGUMASREFLEXOESSOBREOCONCEITODEEMPATIAEOJOGODERPGNOENSINODEHISTORIA.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364641045_ARQUIVO_ALGUMASREFLEXOESSOBREOCONCEITODEEMPATIAEOJOGODERPGNOENSINODEHISTORIA.pdf). Acesso em: 15 nov. 2019.



PERRENOUD, Phillippe. Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar. Porto: Porto Editora, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Flores da escrivantina: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIAGET, Jean. Intelligence and affectivity: their relationship during child development. Annual Reviews, Palo Alto-CA, 1954. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1982-05421-000>. Acesso em: 13 out. 2019.

PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1994.

PIZOLOTTO, Maira Fátima; DREWS, Gustavo Arno; ABREU, Roseli Lima. Comportamento organizacional. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. Developing in a developing context: rethinking the family's role for children development. In: WINEGAR, L. T.; VALSINER, J. (Orgs.). Children's development within social context. Hillsdale: Lawrence Elbaum Associates, 2007.

QUADROS, Dante; TREVISAN, Rose Mari. Comportamento Organizacional. 2009. Disponível em: <http://files.logisticalog.webnode.com.br/200000007-a626ea7210/Comportamento%20Organizacional.pdf>. Acesso: 16 out. de 2018.

RAPOSO, Mírian; MACIEL, Diva Albuquerque. As interações professor-professor na co-construção dos projetos pedagógicos na escola. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 21, n. 3, p. 309-317, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n3/a07v21n3>. Acesso em: 13 mai. 2019.



REGO, Tereza Cristina. Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis: Vozes, 2003.

REIS, Paula Colares Pereira. A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10., 2009, Braga. Anais eletrônicos [...]. Braga: Universidade de Minho, 2009. Disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t5/t5c121.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2019.

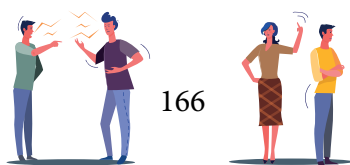
RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. *Sitientibus*, Feira de Santana, v. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004. Disponível em: [http://www.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco\\_escolar](http://www.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar). Acesso em: 15 jun. 2019.

RIGGIO, R. Ronald E. Introduction to industrial/organizational psychology. New Jersey: Pearson Education, 2013.

ROBBINS, Stephen P. Comportamento organizacional. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

ROMANOWSKI, Luci Mari Leonhard; ROMANOWSKI, Carolina Leonhard; PERANZONI, Vanessa Cauduro. Educação para diversidade humana: respeito às diferenças e valorização da singularidade. NET, Buenos Aires, jul. 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd158/educacao-para-diversidade-humana.htm>. Acesso em: 29 out. 2019.

PERANZONI, Vanessa Cauduro. Educação para diversidade humana: respeito às diferenças e valorização da singularidade. NET, Buenos Aires, jul. 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd158/educacao-para-diversidade-humana.htm>. Acesso em: 29 out. 2019.



RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. Violência na escola: um guia para professores. São Paulo: Andhep-Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. E-book. Disponível em: [https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/violencia\\_escola.pdf](https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/violencia_escola.pdf). Acesso em: 26 nov. 2019.

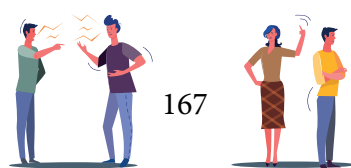
SANTANA, Rejane de Fátima. A interação entre a produção textual e a leitura. Brasília: Revista Filosofia Capital, 2008.

SANTOS, João Marcos Vitorino dos; ADAM, Joyce Mary. Justiça restaurativa: possibilidade metodológica para o enfrentamento da violência na escola? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 9., 2017, São Paulo. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: EDUCERE, 2017. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25192\\_13214.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25192_13214.pdf). Acesso em: 21 dez. 2019.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS FILHO, José C. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Sílvio Sanchez (Org.). Pesquisa educacional: quantidade e qualidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 1. ed. Campinas: Ed. Autores Associados, 1991. E-book. Disponível em: <https://gepelufsl.files.wordpress.com/2011/05/pedagogia-historicocritica.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.





SCHRÖDER, Luciene Pires. A satisfação do servidor público no trabalho e o reflexo desse resultado na organização. Unijuí, Ijuí, 2012. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/802/ARTIGO%20vers%c3%a3o%2004-07.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 set. 2019.

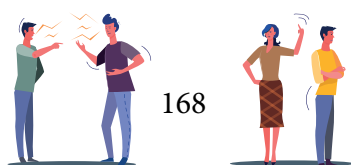
SOARES, Cássia Baldini; ÁVILA, Livia Keismanas de; SALVETTI, Marina de Góes. Necessidades (de saúde) de adolescentes do DA Raposo Tavares, SP, referidas à família, escola e bairro. *Journal of Human Growth and Development*, [S. l], v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/240613750\\_Necessidades\\_de\\_saude\\_de\\_adolescentes\\_do\\_DA\\_Raposo\\_Tavares\\_SP\\_referidas\\_a\\_familia\\_escola\\_e\\_bairro\\_Adolescent's\\_health\\_needs\\_referring\\_to\\_family\\_school\\_and\\_neighborhood](https://www.researchgate.net/publication/240613750_Necessidades_de_saude_de_adolescentes_do_DA_Raposo_Tavares_SP_referidas_a_familia_escola_e_bairro_Adolescent's_health_needs_referring_to_family_school_and_neighborhood). Acesso em: 13 ago. 2019.

STRATTON, P. Contemporary families as contexts for development. In: VALSIER, J.; CONNOLLY, K. (Org.). *Handbook of developmental psychology*. London: Sage, 2003

SZYMANSKI, Heloísa. *A relação família-escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Plano, 2003.

TÁVORA, Mônica Teles. Evolução e crescimento de pais e filhos: mudanças necessárias nessa relação. *Psico*, v. 34, n. 1, p. 23-38, 1998. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=410156&indexSearch=ID>. Acesso em: 3 dez. 2019.

THAPA, A.; COHEN, J.; GUFFEY, S.; D ALESSANDRO, A. H. Clima escolar: uma revisão de pesquisa. *National School Climate Center*, Nova Iorque, v. 83, n. 3, p. 357-385, 2012.



TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi; A construção da autonomia moral na escola: a intervenção nos conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2008, Curitiba. Anais eletrônicos [...]. Curitiba: PUCPR, 2008. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br › arquivo › pdf2008>. Acesso em: 12 dez. 2019.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. Revista Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 1, n. 4, mar. 1985. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451985000100021](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000100021). Acesso em: 03 out. 2019.

Veiga, F. Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais. Coimbra: Edições Almedina, AS, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. Gestão de pessoas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIEIRA, Sofia Lerche. Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação (RBPAAE), Porto Alegre, v. 23, n.1, p. 53-69, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/viewFile/19013/11044>. Acesso em: 13 ago. 2019.

VINHA, Telma Pileggi. Os conflitos interpessoais na relação educativa. 2003. 426 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade de Campinas (Unicamp), Campinas,



2003. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253128>. Acesso em: 2 dez. 2019.

VINHA, Telma Pileggi. Os conflitos interpessoais na escola e a aprendizagem da convivência. Campinas: UNICAMP, 2016.

VINHA Telma Pileggi; TOGNETTA, L. R. P. A comunicação entre escolas e família por meio dos bilhetes ou notificações eletrônicas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVIVÊNCIA ESCOLAR: CONTEXTOS PSICOLÓGICOS Y EDUCATIVOS, 3., 2013, Almería. Anais [...] Almería: CINTEDI, 2013.

VOLLING, B. L.; ELINS, J. Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: a replication with toddler and preschool siblings. *Child Development*, [S. l.], v. 69, n. 6, p. 1640-1656, 1999. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9914644>. Acesso em: 12 out. 2019.

WAGNER, Adriana; HALPERN, Silvia C.; BORNHOLDT, Ellen A. Configuração e estrutura familiar: um estudo comparativo entre famílias originais e reconstituídas. *Psico*, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 63-74, 1999. Disponível em: <https://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/psi-15374>. Acesso em: 03 set. 2019.

WAGNER, A.; HALPERN, S. C.; BORNHOLDT, E. A. Configuração e estrutura familiar: Um estudo comparativo entre famílias originais e reconstituídas. *Psico*, v. 30, n. 2, p. 63-73, 1999.

WEBER, L.; GRISCI, C. L. I. Equipe, grupo... o quê?: Possibilidades relativas ao coletivo no trabalho imaterial. In: ENCONTRO DA AMPAD, 34., 2010, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos [...]. Rio de



Janeiro: ANPAD, 2010. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/gpr1934.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

WEIMER, Bernard. An attributional theory of achievement motivation and emotion. *Psychological Review*, [S. I.], v. 92, p. 548-573, 1985.

WEIMER, Bernard. An attributional theory of motivation and emotion. Nova Iorque: Springer-Verlag, 1986.

WEIMER, Bernard. Integrating social and personal theories of achievement striving. *Review of Educational Research*, [S. I.], v. 64, p. 557-573, 1994.

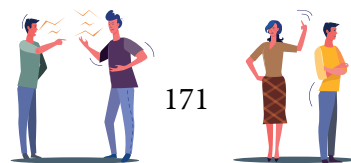
WEIMER, Bernard. Judgements of responsibility: a foundation for a theory of social conduct. Nova Iorque: Gilford, 1995.

WEIMER, Bernard. Attribution theory revisited: transforming cultural plurality into theoretical unity. In: MCINERNEY, D. M.; VAN ETTEN, S. (Eds.). *Big theories revisited*. Greenwich: Information Age Publishing, 2004.

WEIMER, Bernard. The development of an attribution-based theory of motivation: a history of ideas. *Educational Psychologist*, [S. I.], v. 45, p. 28-36, 2010.

YUS, Rafael. *Temas transversais: em busca de uma nova escola*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZANOLLA, Silvia Rosa da Silva. O conceito de mediação em Vigotski e Adorno. *Psicologia & So-*



## *As relações interpessoais*

cidade, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 5-14, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/02.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.

ZIMRING, F. C. R. Carl Rogers. Recife: Ed. Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.dominio-publico.gov.br/download/texto/me4665.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2016.



## ANEXOS

---



173



# Anexos 1



## Questionário direcionado aos alunos

Perfil do respondente:

Idade: \_\_\_\_\_ Serie (ano) \_\_\_\_\_

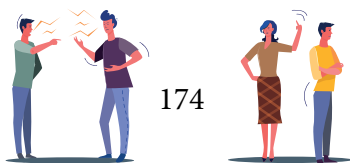
Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

### Questões

1) Assinale um “X” na coluna que corresponde ao seu relacionamento pessoal com membros da escola e de sua família .

Relações entre:	Boa	Precisa melhorar	Ruim
Aluno com o professor			
Aluno com outros alunos			
Aluno com a gestão escolar			
Aluno com a coordenação			
Aluno com os pais/responsáveis			

Justifique:



## *As relações interpessoais*

2) Você tem conhecimento de casos de desrespeito entre a comunidade escolar (professores/pais/alunos/coordenadores/funcionários em geral)?

Sim     Não     não sei informar

Se sim, cite as principais formas (Ex: discriminação, Bullyng, preconceito etc)\_\_\_\_\_

3) Você considera que na MAIORIA dos relacionamentos pessoais desenvolvidos na escola é considerando o respeito ao outro?

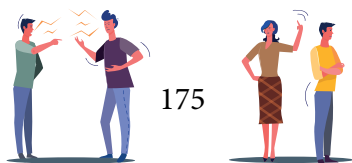
Sim     Não     Parcialmente

Justifique\_\_\_\_\_

4) Qual dessas situações você já presenciou na sua escola? (Pode assinalar mais de uma alternativa, se for o caso)

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Bullying            | <input type="checkbox"/> Preconceito           |
| <input type="checkbox"/> Abuso de autoridade | <input type="checkbox"/> Falta de respeito     |
| <input type="checkbox"/> Agressão verbal     | <input type="checkbox"/> Discriminação         |
| <input type="checkbox"/> Agressão física     | <input type="checkbox"/> Segregação (exclusão) |
| <input type="checkbox"/> Nenhuma dessas      | <input type="checkbox"/> Outros                |

Justifique\_\_\_\_\_





## *As relações interpessoais*

5) Alguma vez você já recebeu reclamação sobre um mau comportamento seu que é inadequado?

Sim                     Não

Se sim, qual o motivo? \_\_\_\_\_

6) Você Considera que RESPEITA a todos os seus colegas da escola?

Sim                     Não                     Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

7) Você Considera que RESPEITA a todos os gestores (diretora) da escola?

Sim                     Não                     Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

8) Você Considera que RESPEITA a todos da coordenação da escola?

Sim                     Não                     Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

9) Você Considera que RESPEITA a todos os professores da escola?

Sim                     Não                     Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

10) Você Considera que RESPEITA aos seus pais ou responsáveis por você (avós, tias etc)?



## *As relações interpessoais*

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

11) Você já desrespeitou alguém no ambiente escolar ?

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

12) Em sua opinião seus professores aconselham e direcionam os alunos para uma educação que contempla o respeito com o próximo?

Sim       Não       Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

13) Seus pais dão bons exemplos para você ter uma conduta respeitosa com os outros?

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

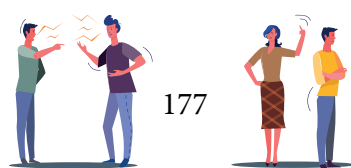
14) Em sua opinião, existem profissionais da escola (gestores, coordenadores ou professores) que tratam melhor alguns alunos e outros são tratados com diferença?

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

a) Se sua resposta é sim, como você considera que professores, coordenação e gestão te tratam?

E por quê? \_\_\_\_\_



---

---

---

15) Você acredita que as pessoas que não respeitam as outras em casa, podem fazer a mesma coisa na escola?

- Sim       Não       Às vezes

Justifique \_\_\_\_\_

---

16) Sua escola incentiva a participação de sua família nos projetos da escola?

- Sim       Não       Não sei informar

Justifique \_\_\_\_\_

17) Dê sua opinião quanto a aprendizagem dos conteúdos na sala de aula:

fica mais difícil de aprender os conteúdos quando o professor não respeita o aluno e o reclama de forma rígida

fica mais difícil de aprender os conteúdos quando o aluno não respeita o professor e atrapalha a aula

fica mais difícil de aprender os conteúdos quando um aluno não respeita outros alunos e ficam com brincadeiras chatas e apelidos

fica mais difícil de aprender os conteúdos quando o aluno não tem ajuda dos familiares para en-



## *As relações interpessoais*

sinar as atividades

( ) A falta de respeito entre professores e alunos não interfere na aprendizagem dos conteúdos

18) Seus pais ou algum familiar costuma te ajudar com as atividades de casa?

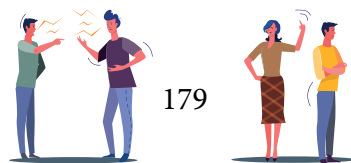
( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes

Justifique \_\_\_\_\_

19) Seus pais ou algum familiar costuma vir a escola para saber como está seu desempenho e comportamento?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes

Justifique \_\_\_\_\_



# Anexos 2



## Questionário direcionado à coordenadora

Perfil do(a) Respondente:

Idade \_\_\_\_\_

Formação acadêmica \_\_\_\_\_

Atua como docente em outro  
turno: \_\_\_\_\_

Quantos anos atua na coordenação \_\_\_\_\_

Quantos turnos trabalha: \_\_\_\_\_

Gênero ( ) Masculino ( ) Feminino

Pós graduação: \_\_\_\_\_

### Questões

1) Descreva de forma resumida como geralmente acontecem as relações interpessoais no ambiente escolar?

a) Entre coordenação e aluno \_\_\_\_\_

---

---

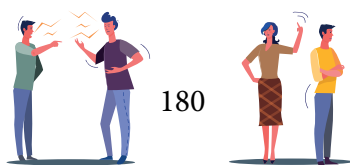
---

---

b) Entre coordenação e gestão \_\_\_\_\_

---

---



---

---

c) Entre coordenação e professores \_\_\_\_\_

---

---

---

---

d) Entre coordenação e pais dos alunos \_\_\_\_\_

---

---

---

---

2) Você tem conhecimento de casos de desrespeito entre a comunidade escolar (professores/pais/alunos/coordenadores/funcionários em geral)?

Sim     Não     não sei informar

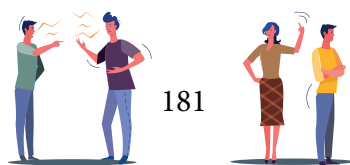
Se sim, cite as principais formas (Ex: discriminação, Bullyng, preconceito etc) \_\_\_\_\_

---

---

---

3) Você considera que a MAIORIA dos relacionamentos pessoais desenvolvidos na



escola estão pautados no respeito?

Sim  Não  Parcialmente

Justifique \_\_\_\_\_

4) Em sua opinião quais (ou qual) dessas situações podem ser vivenciadas na sua escola? (Pode assinalar mais de uma alternativa, se for o caso)

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Bullying            | <input type="checkbox"/> Preconceito           |
| <input type="checkbox"/> Abuso de autoridade | <input type="checkbox"/> Falta de respeito     |
| <input type="checkbox"/> Agressão verbal     | <input type="checkbox"/> Discriminação         |
| <input type="checkbox"/> Agressão física     | <input type="checkbox"/> Segregação (exclusão) |
| <input type="checkbox"/> Nenhuma dessas      | <input type="checkbox"/> Outros _____          |

Justifique \_\_\_\_\_

5) Alguma vez você já reclamou ou informou para algum pai (ou responsável) sobre um mau comportamento de algum aluno?

Sim  Não

Se sim, qual o motivo? e qual foi a medida que você adotou: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6) Considerando o RESPEITO, como você caracteriza a relação da MAIORIA dos alunos com os COLEGAS no ambiente escolar?

Boa  Precisa melhorar  Ruim



Justifique: \_\_\_\_\_

7) Considerando o RESPEITO, como você caracteriza a relação da MAIORIA dos alunos com os membros a GESTÃO escolar?

Boa  Precisa melhorar  Ruim

Justifique: \_\_\_\_\_

8) Considerando o RESPEITO, como você caracteriza a relação da MAIORIA dos seus alunos com os membros a COORDENAÇÃO escolar?

Boa  Precisa melhorar  Ruim

Justifique: \_\_\_\_\_

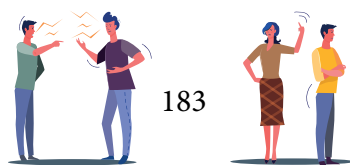
9) Considerando o RESPEITO, como você caracteriza a relação da MAIORIA dos alunos com os PROFESSORES?

Boa  Precisa melhorar  Ruim

Justifique: \_\_\_\_\_

10) Em situações de desrespeito do aluno para com você ou com outros no ambiente escolar, como você reage? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_





11) Em sua opinião os pais da maioria de alunos direciona a educação destes para uma conduta respeitosa com o próximo?

Sim       Não       Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

12) Em sua opinião os professores dessa escola direcionam os alunos para uma educação que contempla o respeito com o próximo?

Sim       Não       Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

13) Em sua opinião os coordenadores dessa escola direcionam os alunos para uma educação que contempla o respeito com o próximo?

Sim       Não       Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

14) Em sua opinião, existem atores educacionais (gestores, coordenadores ou professores) na escola que oferece tratamento diferenciado para alunos/pais?

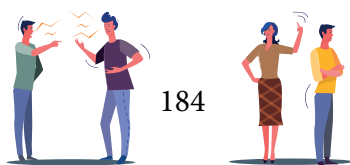
Sim       Não       parcialmente

Justifique \_\_\_\_\_

15) Você acredita que a forma do convívio familiar pode influenciar no comportamento do aluno na escola?

Sim       Não       parcialmente

Justifique \_\_\_\_\_



16) A escola desenvolve projetos no sentido de estimular as relações harmoniosas (respeitosas) no ambiente escolar?

Sim       Não       Não sei informar

Justifique \_\_\_\_\_

17) Na escola existem projetos no sentido de estimular a interação família/escola?

Sim       Não       Não sei informar

Justifique \_\_\_\_\_

18) Em sua opinião, dentre as alternativas apresentadas, qual a função mais importante da escola (marcar apenas uma alternativa):

Promover um processo de aprendizagem eficiente

Promover a formação do cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres

Promover uma Educação para todos (respeito a diversidade)

19) Você considera que sua formação acadêmica te habilitou para lidar os problemas de relações interpessoais que permeiam o ambiente escolar?

SIM       Não       Parcialmente

Justifique sua resposta

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



20) Você já ouviu falar sobre inteligência emocional?

SIM       Não       Parcialmente

Justifique \_\_\_\_\_

21) Você já participou de alguma formação, seminário ou palestra envolvendo o tema das relações interpessoais (ou inteligência emocional)?

SIM       Não       Parcialmente

Justifique sua resposta:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

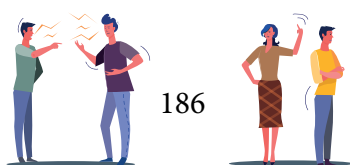
22) Você considera que no ambiente escolar quando existem relações interpessoais desgastadas e conseqüentemente falta de respeito com o próximo, isso pode prejudicar o processo de ensino e aprendizagem?

SIM       Não       Parcialmente

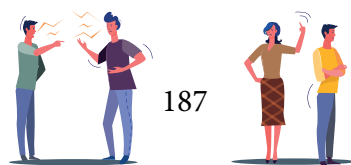
Justifique sua resposta:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

23) Descreva uma passagem (sem citar nomes) em que você presenciou (com você ou outros) alguma situação de desrespeito



24) Em sua opinião o que seria necessário para melhorar a qualidade das relações interpessoais que existem atualmente em sua escola:



# Anexos 3



## Questionário direcionado ao responsável pelo aluno

Características do respondente

Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

Grau de parentesco com o aluno: \_\_\_\_\_

Estado civil: ( ) Casado ( ) Solteiro ( ) Divorciado ( ) Outros \_\_\_\_\_

Profissão do pai: \_\_\_\_\_

Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão da mãe: \_\_\_\_\_

Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão do(s) respondente: \_\_\_\_\_

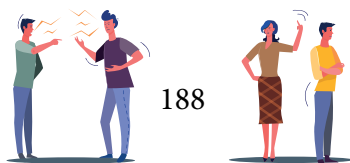
Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

Número de filhos: \_\_\_\_\_

Idade do seu filho \_\_\_\_\_ Série que ele(a) estuda \_\_\_\_\_

Questões

1) Assinale um “X” na coluna que corresponde a forma relacionamento pessoal que você tem



188

## As relações interpessoais

com os membros da escola de seu filho e a relação com sua família

Relações entre:	Boa	Precisa melhorar	Ruim
Sua relação com os professores			
Sua relação com os gestores			
Sua relação com os coordenadores			
Sua relação com o aluno(a)			
Sua relação com os demais membros de sua família			

Justifique: \_\_\_\_\_

2) Você já passou por alguma situação de desrespeito vindo da comunidade escolar (professores/gestores/coordenadores/funcionários em geral)?

Sim  Não

Se sim, cite a forma (Ex: discriminação, Bullying, preconceito etc) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

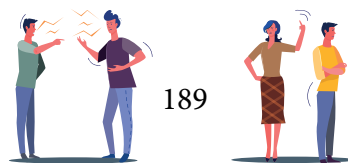
\_\_\_\_\_

3) Você considera que a forma que a escola trata alguns pais é diferentes para outros pais?

Sim  Não  Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

4) Qual dessas situações você já presenciou ou vivenciou na escola de seu filho? (Pode assinalar mais de uma alternativa, se for o caso)





## *As relações interpessoais*

9) Você Considera que você trata com RESPEITO a todos os professores da escola?

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

10) Você Considera que você trata com RESPEITO o seu filho(a)?

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

11) Você Considera que os professores tratam com RESPEITO o seu filho(a)?

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

12) Você já desrespeitou alguém no ambiente escolar ?

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

13) Em sua opinião os professores de seu filho direcionam os alunos para uma educação que contempla o respeito com o próximo?

Sim       Não       Parcialmente

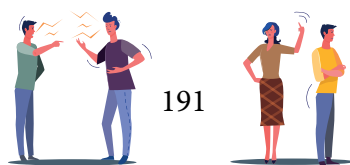
Justifique: \_\_\_\_\_

14) Você costuma dar bons exemplos para que seu filho tenha uma conduta respeitosa com os outros?

Sim       Não       Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

15) Em sua opinião, existem profissionais da escola (gestores, coordenadores ou professores) que





tratam melhor alguns alunos e outros são tratados com diferença?

Sim       Não       Às vezes

Justifique \_\_\_\_\_

a) Se sua resposta é sim, como você considera que professores, coordenação e gestão tratam seu filho?

E por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

16) Você acredita que as pessoas que os filhos que não respeitam os pais em casa, podem fazer a mesma coisa com os professores, gestores e coordenadores na escola?

Sim       Não       Às vezes

Justifique \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

17) A escola de seu filho te incentiva a participar dos projetos da escola?

Sim       Não       Às vezes

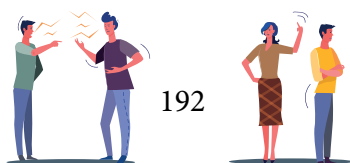
Justifique \_\_\_\_\_

18) Quanto a aprendizagem de seu filho, qual a sua opinião:

fica mais difícil de aprender os conteúdos quando o professor não respeita o aluno e o reclama de forma rígida

fica mais difícil de aprender os conteúdos quando o aluno não respeita o professor e atrapalha a aula

fica mais difícil de aprender os conteúdos quando o aluno não respeita outros alunos e ficam com



brincadeiras chatas e apelidos

( ) fica mais difícil de aprender os conteúdos quando o aluno não tem ajuda dos familiares para ensinar as atividades

( ) A falta de respeito entre professores e alunos não interfere na aprendizagem dos conteúdos

19) Você ou algum familiar costuma ajudar o aluno(a) com as atividades de casa?

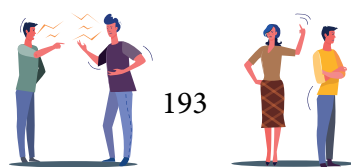
( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_

20) Você ou algum familiar costuma vir a escola para saber como está o desempenho e comportamento do aluno(a)?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes

Justifique: \_\_\_\_\_



# Anexos 4



## Questionário direcionado ao professor

Perfil do(a) Respondente:

Idade \_\_\_\_\_

Formação acadêmica \_\_\_\_\_

Tempo de ensino \_\_\_\_\_

Gênero ( ) Masculino ( ) Feminino

Pós graduação: \_\_\_\_\_

Quantas anos atua na  
docência \_\_\_\_\_

Tipo de Vínculo \_\_\_\_\_

Disciplina(s) que leciona: \_\_\_\_\_

Quantos turnos trabalha como docente: \_\_\_\_\_

## Questões

01) Descreva de forma resumida como geralmente acontecem as relações interpessoais no ambiente escolar?

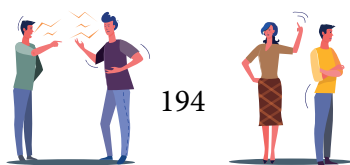
a) Entre professores e aluno \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b) Entre professores e gestão \_\_\_\_\_



---

---

---

---

c) Entre professores e coordenação \_\_\_\_\_

---

---

---

---

d) Entre professores e professores \_\_\_\_\_

---

---

---

---

e) Entre professores e pais dos alunos \_\_\_\_\_

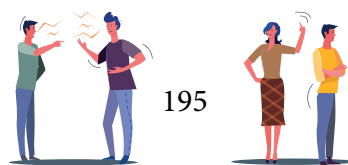
---

---

---

---

02) Você tem conhecimento de casos de desrespeito entre a comunidade escolar (professores/pais/alunos/coordenadores/funcionários em geral)?



Sim     Não     não sei informar

Se sim, cite as principais formas (Ex: discriminação, Bullying, preconceito etc)\_\_\_\_\_

03) Você considera que a MAIORIA dos relacionamentos pessoais desenvolvidos na escola estão pautados no respeito?

Sim     Não     Parcialmente

Justifique:\_\_\_\_\_

04) Em sua opinião quais (ou qual) dessas situações podem ser vivenciadas na sua escola? (Pode assinalar mais de uma alternativa, se for o caso)

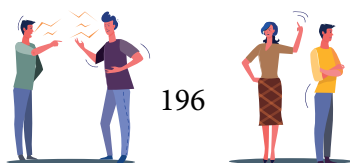
- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Bullying            | <input type="checkbox"/> Preconceito           |
| <input type="checkbox"/> Abuso de autoridade | <input type="checkbox"/> Falta de respeito     |
| <input type="checkbox"/> Agressão verbal     | <input type="checkbox"/> Discriminação         |
| <input type="checkbox"/> Agressão física     | <input type="checkbox"/> Segregação (exclusão) |
| <input type="checkbox"/> Nenhuma dessas      | <input type="checkbox"/> Outros _____          |

Justifique:\_\_\_\_\_

05) Alguma vez você já reclamou ou informou a direção ou a algum pai (ou responsável) sobre um mau comportamento de algum aluno?

Sim                       Não

Se sim, qual o motivo? e qual foi a medida que você adotou: \_\_\_\_\_



-----  
-----  
06) Considerando o RESPEITO, como você caracteriza a relação da MAIORIA dos seus alunos com os COLEGAS no ambiente escolar?

Boa  Precisa melhorar  Ruim

Justifique: \_\_\_\_\_

07) Considerando o RESPEITO, como você caracteriza a relação da MAIORIA dos seus alunos com os membros a GESTÃO escolar?

Boa  Precisa melhorar  Ruim

Justifique: \_\_\_\_\_

08) Considerando o RESPEITO, como você caracteriza a relação da MAIORIA dos seus alunos com os membros a COORDENAÇÃO escolar?

Boa  Precisa melhorar  Ruim

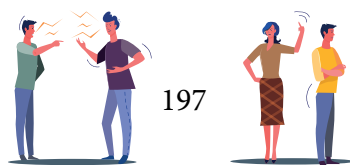
Justifique: \_\_\_\_\_

09) Considerando o RESPEITO, como você caracteriza a relação da MAIORIA dos seus alunos com VOCÊ?

Boa  Precisa melhorar  Ruim

Justifique: \_\_\_\_\_

10) Em situações de desrespeito do aluno para com você na sala de aula, como você reage? \_\_\_\_\_



---

---

---

---

11) Em sua opinião os pais da maioria de seus alunos os direciona para uma conduta respeitosa com o próximo?

Sim       Não       Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

12) Você como professor direciona seus alunos para uma educação que contempla o respeito com o próximo?

Sim       Não       Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

13) Você concorda que a coordenação direciona uma educação no sentido de promover o respeito com o próximo?

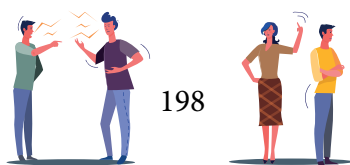
Sim       Não       Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

14) Em sua opinião, existem atores educacionais (gestores, coordenadores ou professores) na escola que oferece tratamento diferenciado para alunos/pais?

Sim       Não       parcialmente

Justifique \_\_\_\_\_



15) Você acredita que a forma do convívio familiar pode influenciar no comportamento do seu aluno na escola?

sim       Não       parcialmente

Justifique \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

16) Você tem conhecimento se nessa escola existem projetos no sentido de estimular as relações harmoniosas (respeitosas) no ambiente escolar?

Sim       Não       Não sei informar

Justifique \_\_\_\_\_

17) Você tem conhecimento se nessa escola existem projetos no sentido de estimular a interação família/escola?

Sim       Não       Não sei informar

Justifique \_\_\_\_\_

18) Em sua opinião, dentre as alternativas apresentadas, qual a função mais importante da escola (marcar apenas uma alternativa):

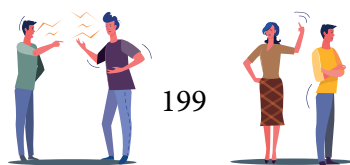
Promover um processo de aprendizagem eficiente

Promover a formação do cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres

Promover uma Educação para todos (respeito a diversidade)

19) Você considera que sua formação acadêmica te habilitou para lidar os desequilíbrios das relações interpessoais que permeiam o seu ambiente escolar?

SIM       Não       Parcialmente





Justifique sua resposta

---

---

---

---

20) Você já ouviu falar sobre inteligência emocional?

SIM       Não       Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

21) Você já participou de alguma formação, seminário ou palestra envolvendo o tema das relações interpessoais (ou inteligência emocional)?

SIM       Não       Parcialmente

Justifique sua resposta:

---

---

---

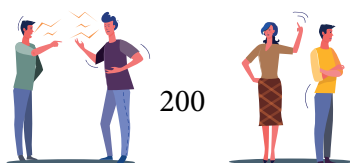
22) Você considera que no ambiente escolar quando existem relações interpessoais desgastadas e conseqüentemente falta de respeito com o próximo, isso pode prejudicar o processo de ensino e aprendizagem?

SIM       Não       Parcialmente

Justifique sua resposta:

---

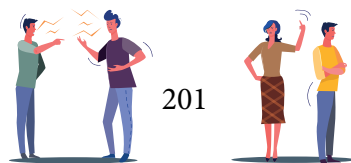
---



---

23) Descreva uma passagem (sem citar nomes) em que você presenciou (com você ou outros) alguma situação de desrespeito.

24) Em sua opinião o que seria necessário para melhorar a qualidade das relações interpessoais que existem atualmente em sua escola:



# Anexos 5



Estado do Rio Grande do Norte  
Prefeitura Municipal de Serra do Mel  
Secretaria Municipal de Educação, Esporte, Cultura e lazer  
Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte  
Rua Graciliano Ferreira Santos, Vila Rio Grande do Norte  
CNPJ- 04.476.632/0001-87  
Serra do Mel - RN

## CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Geovânia Maria Costa Batista a desenvolver o seu projeto de pesquisa: **As relações interpessoais: Um estudo de caso na Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte de Serra do mel/RN**, a qual está sob a orientação da Professora Dra. Amanda Micheline Amador de Lucena e tem como objetivo: Avaliar as relações interpessoais da referida escola, buscando alternativas para diminuir as dificuldades de relações interpessoais.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução 466/12 CNS e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Serra do Mel - RN, em 17 /abril / 2019.

  
Iris Maria de Azevedo Costa  
CPF: 028.615.374-26 / Mat. 103

Iris Maria de Azevedo Costa



## IMAGENS DA ESCOLA INVESTIGADA

Figura 1 – Faixada da Escola Municipal Vila do Rio Grande do Norte



Fonte: Acervo da autora.

Figura 2 – Sala de aula da Escola Municipal Vila Rio Grande do Norte



Fonte: Acervo da autora (2019).



Figura 3 – Sala dos professores



Fonte: Acervo da autora (2019).

Figura 4 – Biblioteca da escola



Fonte: Acervo da autora (2019)

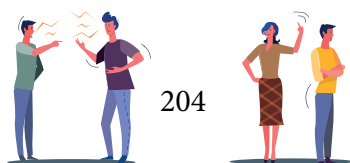
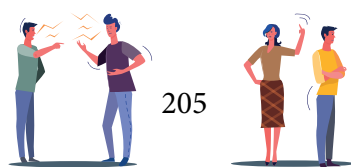


Figura 5 – Pátio da escola



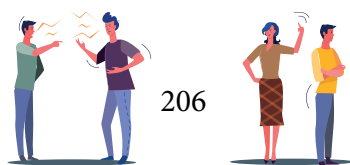
Fonte: Acervo da autora (2019).



# *Sobre o autor*



Licenciatura plena em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN(1999), especialista em Gestão Educacional e Criatividade na Solução de Desafios(2017) pela Faculdades Integradas de Patos, especialista em Supervisão Educacional (2008) também pelas Faculdades Integradas de Patos, especialista em Psicopedagogia na Área de conhecimento Educação(2007) pela Faculdade do Vale do Jaguaribe. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Absolute Christian University. Doutora em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University Brasil(2020). Funcionária pública da Prefeitura Municipal de Mossoró, desempenhando uma função de dinamizadora em uma sala de multimídia e função de Supervisora Educacional da Prefeitura Municipal de Serra do Mel contribuindo com a educação há 21 anos.



## *Política e Escopo da Coleção de livros Humanas em Perspectiva*



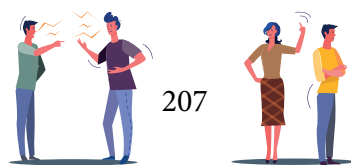
A Humanas em Perspectiva (HP) é uma coleção de livros publicados anualmente destinado a pesquisadores das áreas das ciências humanas. Nosso objetivo é servir de espaço para divulgação de produção acadêmica temática sobre essas áreas, permitindo o livre acesso e divulgação dos escritos dos autores. O nosso público-alvo para receber as produções são pós-doutores, doutores, mestres e estudantes de pós-graduação. Dessa maneira os autores devem possuir alguma titulação citada ou cursar algum curso de pós-graduação. Além disso, a Coleção aceitará a participação em coautoria.

A nossa política de submissão receberá artigos científicos com no mínimo de 5.000 e máximo de 8.000 palavras e resenhas críticas com no mínimo de 5 e máximo de 8 páginas. A HP irá receber também resumos expandidos entre 2.500 a 3.000 caracteres, acompanhado de título em inglês, abstract e keywords.

O recebimento dos trabalhos se dará pelo fluxo contínuo, sendo publicado por ano 10 volumes dessa coleção. Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

A nossa política de avaliação destina-se a seguir os critérios da novidade, discussão fundamentada e revestida de relevante valor teórico - prático, sempre dando preferência ao recebimento de artigos com pesquisas empíricas, não rejeitando as outras abordagens metodológicas.

Dessa forma os artigos serão analisados através do mérito (em que se discutirá se o trabalho se adequa as propostas da coleção) e da formatação (que corresponde a uma avaliação do português e da língua estrangeira utilizada).



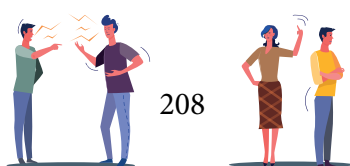


## *As relações interpessoais*

O tempo de análise de cada trabalho será em torno de dois meses após o depósito em nosso site. O processo de avaliação do artigo se dá inicialmente na submissão de artigos sem a menção do(s) autor(es) e/ou coautor(es) em nenhum momento durante a fase de submissão eletrônica. A menção dos dados é feita apenas ao sistema que deixa em oculto o (s) nome(s) do(s) autor(es) ou coautor(es) aos avaliadores, com o objetivo de viabilizar a imparcialidade da avaliação. A escolha do avaliador(a) é feita pelo editor de acordo com a área de formação na graduação e pós-graduação do(a) professor(a) avaliador(a) com a temática a ser abordada pelo(s) autor(es) e/ou coautor(es) do artigo avaliado. Terminada a avaliação sem menção do(s) nome(s) do(s) autor(es) e/ou coautor(es) é enviado pelo(a) avaliador(a) uma carta de aceite, aceite com alteração ou rejeição do artigo enviado a depender do parecer do(a) avaliador(a). A etapa posterior é a elaboração da carta pelo editor com o respectivo parecer do(a) avaliador(a) para o(s) autor(es) e/ou coautor(es). Por fim, se o trabalho for aceito ou aceito com sugestões de modificações, o(s) autor(es) e/ou coautor(es) são comunicados dos respectivos prazos e acréscimo de seu(s) dados(s) bem como qualificação acadêmica.

A nossa coleção de livros também se dedica a publicação de uma obra completa referente a monografias, dissertações ou teses de doutorado.

O público terá acesso livre imediato ao conteúdo das obras, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# Índice Remissivo



## **E**

### Escola

*página 79*

*página 126*

*página 136*

*página 144*

### Educação

*página 95*

*página 100*

*página 118*

*página 124*

*página 134*

## **F**

### Família

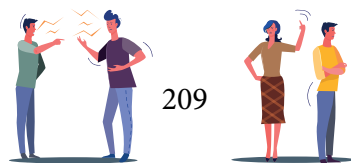
*página 102*

*página 105*

*página 121*

*página 131*

*página 138*



**I**

Interpessoais

*página 20*

*página 26*

*página 92*

*página 120*

*página 143*

**P**

Pais

*página 110*

*página 112*

*página 124*

*página 132*

*página 140*

Professor

*página 117*

*página 119*

*página 122*

*página 135*

*página 137*



Essa obra escrita pela pesquisadora Geovânia Maria Costa Batista apresenta um enfoque sobre os conflitos interpessoais presentes no processo de ensino, permitindo nesse estudo analisar questões como obesidade, raça e demais elementos culturais que podem influenciar no crescimento e desenvolvimento do aluno. A pesquisa possui um conjunto de dados ricos que permitem um recorte social aprofundado sobre o dia a dia dos conflitos escolares.



**Geovânia Maria Costa Batista**



**Periodicojs**  
EDITORA ACADÊMICA